

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA GABRIELA MACHADO

(IM)POLIDEZ NO DEBATE POLÍTICO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-
PRAGMÁTICA INTERACIONAL ENTRE OS CANDIDATOS DO SEGUNDO TURNO
DAS ELEIÇÕES DE 2022

CURITIBA

2024

ANA GABRIELA MACHADO

(IM)POLIDEZ NO DEBATE POLÍTICO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-
PRAGMÁTICA INTERACIONAL ENTRE OS CANDIDATOS DO SEGUNDO TURNO
DAS ELEIÇÕES DE 2022

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras – Linguística, do
Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de
Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoy.

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Machado, Ana Gabriela

(Im)polidez no debate político: uma análise linguístico-pragmática interacional entre os candidatos do segundo turno das eleições de 2022. / Ana Gabriela Machado. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elena Godoy.

1. Presidentes – Brasil – Eleições, 2022. 2. Discursos de campanhas eleitorais. 3. Pragmática. I. Godoy, Elena, 1947-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA GABRIELA MACHADO** intitulada: **(IM)POLIDEZ NO DEBATE POLÍTICO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA INTERACIONAL ENTRE OS CANDIDATOS DO SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES DE 2022**, sob orientação da Profa. Dra. ELENA GODOY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 12 de Abril de 2024.

Assinatura Eletrônica

07/05/2024 11:03:05.0

ELENA GODOY

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

10/05/2024 10:10:33.0

MARIANA PAULA MUNOZ ARRUDA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/05/2024 11:14:09.0

FÁBIO JOSÉ RAUEN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: pgletras@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 363689

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 363689

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão, principalmente à minha família, pela base sólida que sustentou meus sonhos até aqui e por me acompanhar em cada passo desta jornada. Agradeço pelo amor incondicional, pelo apoio inabalável e pela paciência infinita diante dos desafios.

À professora Elena Godoi, manifesto minha profunda gratidão por sua orientação precisa, seus incentivos constantes e por acreditar no meu potencial.

Aos professores Sebastião Lourenço dos Santos e Mariana Paula Muñoz Arruda, agradeço pelas correções, pelas opiniões enriquecedoras e pela dedicação no exame de qualificação. Suas contribuições foram fundamentais para aprimorar este trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, agradeço pelo suporte e pelos ensinamentos que muito contribuíram para o meu crescimento intelectual.

À Universidade Federal do Paraná, agradeço pela oportunidade concedida e pelo ambiente acadêmico que fomenta o desenvolvimento pessoal e profissional.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento. Esta dissertação também é fruto do apoio, inspiração e estímulo que recebi ao longo desta caminhada. Que este gesto singelo de gratidão alcance cada um de vocês, deixando registrado o quão essencial foi o papel que desempenharam em minha jornada acadêmica. Muito obrigada!

Impolidez é, com freqüência, sinal de uma modéstia desajeitada, que perde a cabeça com uma surpresa e quer esconder isso mediante a grosseria.

Friedrich Nietzsche – “Humano, Demasiado Humano” v. II

RESUMO

Investigamos nesta dissertação as estratégias argumentativas de impolidez entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro durante um debate do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Analisamos um bloco de debate para compreender como a impolidez se manifesta no discurso político e influencia a construção das imagens públicas dos candidatos. Exploramos o contexto político fervoroso do segundo turno das eleições como cenário para compreender nuances da impolidez nas respostas dos líderes políticos em um momento crucial da disputa eleitoral. Verificamos também como a impolidez pode estar associada a características individuais e experiências profissionais dos candidatos, moldando suas estratégias retóricas de persuasão. Na busca do objetivo principal são delineados objetivos específicos, incluindo a investigação das estratégias linguísticas de impolidez no discurso político, a influência dos papéis interlocutórios na gestão da imagem pública e o uso da impolidez como forma de promover atos específicos diante do público, como retóricas populistas ou evasão de respostas. Para a análise, destacamos a relevância da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978/1987) para a compreensão das interações sociais, assim como a pertinência da consideração do contexto como parte integrante das estratégias de impolidez da abordagem de Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016). Dentre os resultados da análise, ficou evidente que Bolsonaro adota uma postura mais rude e agressiva, enquanto Lula se expressa de maneira mais direta e séria. Essas escolhas linguísticas são influenciadas por suas trajetórias políticas e buscam conquistar diferentes segmentos da sociedade. Também exploramos a eficácia da impolidez no discurso político, mostrando que Bolsonaro utiliza estratégias *off-record* para evitar responsabilidades decorrentes de sua retórica controversa. Além disso, a análise destacou a complexidade da impolidez no cenário político, com sobreposições e emergência de outras estratégias ao longo da análise. Com os resultados, verificamos a necessidade de ampliar o *corpora* de estudos sobre impolidez no discurso político, para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas discursivas nesse campo.

Palavras-chave: Debate eleitoral. Discurso político. Impolidez. Pragmática. Teoria da Polidez.

ABSTRACT

In this dissertation, we examine the argumentative strategies of impoliteness employed by candidates Luiz Inácio Lula da Silva and Jair Messias Bolsonaro during a debate in the second round of the 2022 Brazilian presidential elections. We analyzed a block of the debate to understand how impoliteness manifests itself in political discourse and influences the construction of the candidates' public images. We explored the passionate political context of the second round of the elections as a framework for understanding the nuances of impoliteness in the responses of political leaders at a critical moment in the electoral campaign. We also investigate how impoliteness can be associated with candidates' individual characteristics and career experiences, shaping their rhetorical strategies of persuasion. In pursuit of the main objective, specific objectives are outlined, including the examination of the linguistic strategies of impoliteness in political discourse, the influence of interlocutory roles in the management of public image and the use of impoliteness as a way of promoting specific performances in front of the public, such as populist rhetoric or evasion of responses. In carrying out the analysis, we emphasize the relevance of Brown and Levinson's Theory of Politeness (1978/1987) for understanding social interactions, as well as the relevance of considering context as an integral part of the impoliteness strategies of Culpeper's approach (1996, 2005, 2011, 2016). The analysis found that Bolsonaro adopts a more rude and aggressive stance, while Lula is more direct and serious. These linguistic choices are influenced by their political backgrounds and seek to win over different segments of society. We also explored the effectiveness of impoliteness in political discourse, showing that Bolsonaro uses *off-record* strategies to avoid responsibility for his controversial rhetoric. In addition, the analysis highlighted the complexity of impoliteness in the political scenario, with overlapping and further strategies emerging throughout the analysis. The results show that there is a need to expand the corpora of studies on impoliteness in political discourse in order to gain a more thorough understanding of the discursive dynamics in this sphere.

Keywords: Electoral debate. Impoliteness. Politeness theory. Political discourse. Pragmatics.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – IMPLICATURAS GRICEANAS.....	37
FIGURA 2 – ESCALA DE POLIDEZ/IMPOLIDEZ.....	44
FIGURA 3 – CÁLCULO DO FTA.....	49
FIGURA 4 – ESCOLHA DA ESTRATÉGIA DE POLIDEZ.....	50
FIGURA 5 – SÍNTESE DAS CATEGORIAS DE CULPEPER.....	86

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CONDIÇÕES DE FELICIDADE EM PEDIDOS E AVISOS.....	31
QUADRO 2 – NOÇÃO DE FACE E GERENCIAMENTO DE RELACIONAMENTO.....	58
QUADRO 3 – CATEGORIAS DE IMPOLIDEZ.....	79
QUADRO 4 – ESTRATÉGIAS E MEGAESTRATÉGIAS DE IMPOLIDEZ (RESULTADOS).....	132

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	13
1.3	QUESTÃO DA PESQUISA E HIPÓTESE INICIAL.....	14
1.4	OBJETIVOS.....	15
1.5	METODOLOGIA.....	15
1.6	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.7	ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	19
1.8	CONTEXTUALIZAÇÃO PRAGMÁTICA.....	20
2	CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PRAGMÁTICA.....	24
2.1	ATOS DE FALA.....	24
2.2	O PRINCÍPIO DE CONVERSAÇÃO DE GRICE.....	33
2.2.1	Implicaturas Convencionais.....	37
2.2.2	Implicaturas Conversacionais.....	39
2.3	TEORIA DA POLIDEZ (<i>POLITENESS</i>).....	42
2.3.1	As Máximas de Polidez de Lakoff.....	43
2.3.2	Princípio de Polidez de Leech.....	44
2.3.3	Teoria da Polidez de Brown e Levinson.....	45
3	A IMPOLIDEZ E SEUS ASPECTOS LINGUÍSTICOS.....	53
3.1	VISÃO GERAL DA IMPOLIDEZ EM PRAGMÁTICA.....	53
3.2	CATEGORIAS DE IMPOLIDEZ EM CULPEPER.....	72
3.2.1	Orientação por Forma.....	80
3.2.2	Orientação por Convenção.....	81
3.2.2.1	Contexto interno.....	81
3.2.2.2	Contexto externo.....	82
3.2.3	Orientação por Contexto.....	83
3.2.3.1	Comportamento não marcado.....	83
3.2.3.2	Ausência de comportamento.....	84
4	DISCURSO POLÍTICO E IMPOLIDEZ.....	90
4.1	ESTRATÉGIA 1 – ASSOCIAÇÃO DO INTERLOCUTOR A AÇÕES, INTENÇÕES E VALORES CONDENÁVEIS.....	102
4.2	ESTRATÉGIA 2 – ACUSAÇÃO DE MENTIRA.....	102

4.3	ESTRATÉGIA 3 – DEMONSTRAÇÃO DE DESDÉM EM RELAÇÃO AO ADVERSÁRIO.....	102
4.4	ESTRATÉGIA 4 – FORMULAÇÃO DE CONTRASTES DESFAVORÁVEIS PARA O INTERLOCUTOR.....	103
4.5	ESTRATÉGIA 5 – APONTAMENTO DE CONTRADIÇÕES DO INTERLOCUTOR.....	104
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	105
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
	REFERÊNCIAS.....	138

1 INTRODUÇÃO

Investigamos nesta dissertação as estratégias argumentativas de impolidez empregadas por Lula e Bolsonaro no único debate realizado no segundo turno das eleições presidenciais de 2022, destacando suas incidências e analisando suas repercussões no debate político. Argumentamos que a impolidez pode ser uma ferramenta poderosa para os candidatos confrontarem seus oponentes e conquistarem vantagens retóricas, e a análise da impolidez nos permite desvendar nuances das estratégias discursivas, além de oferecer *insights* sobre as interações entre candidatos e eleitores.

Por meio de uma abordagem pragmática ancorada em teorias linguísticas selecionadas, pretendemos contribuir para uma compreensão mais profunda da retórica política e das dinâmicas comunicativas no contexto eleitoral brasileiro. Essa pesquisa pretende ampliar o conhecimento e os estudos sobre a impolidez no discurso político, ao mesmo tempo que traz considerações sobre a aplicação dos estudos pragmáticos para a análise das interações comunicativas de uma forma geral.

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse em pesquisar a impolidez no discurso político originou-se de uma experiência anterior da autora, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (não publicado), que proporcionou diversas perspectivas sobre como interpretar novos enunciados, dependendo dos contextos atribuídos a eles. Além disso, no grupo de estudos "Linguagem, Comunicação e Cognição", coordenado pela professora Elena Godoy da UFPR (Universidade Federal do Paraná), a autora teve a oportunidade de explorar a Teoria da Polidez e participar das ricas discussões promovidas pelos membros do grupo. A partir dessas experiências, foi observado que o discurso político, objeto de análise nessa dissertação, pode ser adequadamente descrito e investigado utilizando a perspectiva teórica dos estudos sobre impolidez, aplicada ao âmbito do debate político.

Com base nos conceitos de Culpeper (2011; 2016) e Blas Arroyo (2011), principalmente, essa pesquisa tem como objeto de estudo a análise das estratégias argumentativas de impolidez promovidas pelos candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro em um debate do segundo turno do pleito de 2022.

De acordo com a Teoria da Polidez (Brown; Levinson, 1978/1987), espera-se que os participantes demonstrem sensibilidade às expectativas do interlocutor durante uma interação

social, respeitando a sua *face* – conceito esse que será detalhado oportunamente nesta dissertação, mas que está relacionado à noção de proximidade ou distância social entre os interlocutores. Ademais, ao comunicar uma mensagem, estamos sujeitos à forma como nosso interlocutor pode reagir, que pode variar desde interrupções durante a fala até mesmo insultos que desaprovam a mensagem transmitida. Nesse contexto, questionamos como os candidatos mobilizam estratégias de (im)polidez no contexto de um debate eleitoral.

Conforme postulado pela Teoria da Polidez, os interlocutores geralmente são sensíveis à vulnerabilidade da face de seu ouvinte, buscando assim causar uma boa impressão e estabelecer uma relação amistosa com ele. Por outro lado, Goffman (1967) argumenta que a questão da intencionalidade tem sido central nos estudos pragmáticos ao longo das décadas, ao afirmar que durante uma interação social pode existir a intenção de provocar diretamente um insulto. Em outras palavras, o sociólogo reconhece que as ofensas são também parte das interações humanas, podendo ser tanto "incidentais" quanto "não intencionais". Lembramos ainda que existem as ofensas intencionais, referentes às que são deliberadamente planejadas para provocar uma reação negativa no interlocutor.

Em meio ao cenário político fervoroso do segundo turno das eleições de 2022, propomos uma investigação sobre a impolidez presente no discurso dos candidatos Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Este estudo busca compreender as nuances de impolidez que permeiam as intervenções e falas desses líderes em um contexto político decisivo.

A importância deste estudo reside na influência do discurso político na esfera pública e na necessidade premente de entendermos como a impolidez pode influenciar essa dinâmica. A impolidez, muitas vezes considerada um desvio social, desempenha um papel crucial na construção de discursos políticos, moldando as interações entre candidatos e eleitores. A análise desses episódios impolidos não apenas nos permite desvelar as estratégias retóricas empregadas, mas também oferece uma oportunidade para compreendermos as complexidades do debate político contemporâneo.

Neste contexto, explorar a impolidez no discurso político não é apenas uma escolha metodológica, mas uma necessidade para compreender a comunicação política. Ao identificar as estratégias impolidas utilizadas pelos candidatos, contribuimos para uma compreensão mais aprofundada da retórica política, ampliando o escopo de análises pragmáticas no cenário eleitoral brasileiro.

A relevância de estudar a impolidez no contexto político reside na compreensão mais aprofundada das dinâmicas linguísticas e sociais que permeiam as interações políticas.

Conforme abordado por Culpeper (2011), a análise da impolidez proporciona uma perspectiva importante sobre as interações linguísticas, enfatizando não apenas o conteúdo verbalizado, mas também a forma como é expresso, bem como o que não é explicitamente comunicado.

Esta abordagem revela características sutis das interações políticas, tais como estratégias retóricas, táticas de confronto e manipulação, e até mesmo silêncios deliberados, todos os quais desempenhando papéis significativos na construção e na negociação do poder político. Assim, o estudo da impolidez no cenário político oferece uma visão mais abrangente e sofisticada das complexidades das interações humanas nesse domínio específico, contribuindo para uma compreensão mais completa da política e da comunicação política. A impolidez, diferentemente da polidez, refere-se a comportamentos verbais que desviam das normas sociais esperadas, podendo incluir expressões ofensivas, interrupções, desconsideração e outros atos linguísticos que podem causar desconforto ou mal-estar.

No contexto de um debate político, a aplicação das propostas de Culpeper sobre impolidez possibilita uma análise das estratégias retóricas dos participantes que vai além da análise superficial do conteúdo discursivo, adentrando as camadas sutis do significado e das intenções comunicativas dos interlocutores, intenções que podem envolver o ataque facial entre os participantes do debate. Ademais, podemos examinar como os candidatos empregam estratégias impolidas para alcançar seus objetivos retóricos. Isso inclui avaliar a escolha de palavras, o tom de voz, as interrupções estratégicas e outras táticas que visam desestabilizar o oponente ou influenciar a percepção do público.

Culpeper (2011) e Blas Arroyo (2011) destacam que a impolidez não é um fenômeno homogêneo, mas sim um conjunto diversificado de estratégias que podem ser utilizadas de maneiras distintas. Portanto, no contexto de um debate político, a análise pode se concentrar em identificar padrões de impolidez específicos, compreender suas motivações e avaliar seu impacto na dinâmica do discurso político, permitindo-nos não apenas entender o conteúdo explícito, mas também decifrar as complexidades das interações entre os participantes.

1.2 JUSTIFICATIVA

A análise da impolidez no discurso político é crucial para desvendar como a linguagem é usualmente utilizada como uma ferramenta de persuasão, confronto e negociação de poder. Essa abordagem oferece *insights* enriquecedores sobre como as estratégias impolidas dos candidatos podem influenciar não apenas a percepção do público, mas também os resultados eleitorais. Além disso, a pesquisa proposta não se restringe apenas ao âmbito

político. Sua relevância se estende aos campos acadêmicos da comunicação política, linguística, estudos da impolidez e pragmática.

Ao compreender como a impolidez opera no discurso político, esta pesquisa contribuirá para a ampliação do conhecimento teórico nessas disciplinas, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre as complexidades da interação verbal na esfera política. Desse modo, a relevância desse estudo se configura como uma via de investigação rica e multifacetada, proporcionando não apenas uma compreensão aprofundada desse gênero textual, mas também oferecendo contribuições importantes para compreensão mais ampla da interação linguística no contexto político, além de explorar a possibilidade de novas pesquisas para este campo de estudo que ainda comporta significativa expansão.

1.3 QUESTÃO DA PESQUISA E HIPÓTESE INICIAL

Em que medida a impolidez no discurso político influencia a construção de imagens públicas de Jair Bolsonaro e Lula durante a disputa eleitoral no segundo turno? Considerando o contexto da disputa eleitoral no segundo turno entre Jair Bolsonaro e Lula, sugerimos a hipótese de que a impolidez no discurso político, moldada pelas características individuais e experiências profissionais dos candidatos, exerce uma influência significativa na construção das imagens públicas de ambos.

Dessa forma, teríamos três variáveis componentes da hipótese, sendo que a impolidez exerce influência significativa na construção das imagens dos candidatos:

- a) Variável Independente: Impolidez no discurso político;
- b) Variáveis Moderadoras: Características individuais e experiências pregressas de Jair Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva;
- c) Variável Dependente: Construção das imagens públicas/faces de Jair Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva.

Argumentamos que, devido ao seu histórico militar, Bolsonaro tende a adotar postura e linguagem militares, uma abordagem autoritária e confrontativa, com características de hierarquia e comando. Em contrapartida, Lula, com sua origem como metalúrgico e sindicalista, é inclinado a empregar uma linguagem mais acessível e simples, refletindo uma

abordagem mais direta e próxima do cotidiano. Portanto, a manifestação de impolidez por parte de cada candidato pode desempenhar um papel crucial na percepção pública, contribuindo para a formação de imagens distintas que podem influenciar a preferência eleitoral e a avaliação dos candidatos.

1.4 OBJETIVOS

Este estudo tem como principal objetivo analisar o uso da impolidez como estratégia no debate político. Para atingir tal objetivo, empregamos conceitos teóricos provenientes dos estudos sobre impolidez de Culpeper (2011) e da abordagem de Blas Arroyo (2011) acerca da impolidez no contexto político.

A proposta central é verificar de que maneira essas estratégias podem não apenas evidenciar, mas também desafiar as expectativas e normas linguísticas preexistentes, sendo aplicado o estudo sobre um debate de segundo turno entre os candidatos Jair Bolsonaro e Lula. A partir do objetivo geral, perseguimos os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar as estratégias de impolidez linguística empregadas no debate em foco, levando em consideração os recursos linguísticos e contextuais engendrados na interação;
- b) Investigar como os papéis interlocutórios podem influenciar no gerenciamento da imagem e autoimagem entre os candidatos no debate;
- c) Descrever características estratégicas do uso da impolidez como, por exemplo, ela poder ser uma retórica populista ou uma forma de evasão de respostas.

1.5 METODOLOGIA

O presente estudo pretende destacar as estratégias de impolidez empregadas no discurso político, considerando a confluência de duas abordagens fundamentais: a Impolidez de Culpeper (2011, 2016) e as estratégias específicas de impolidez voltadas para o discurso político propostas por Blas Arroyo (2011). Para realizar esta pesquisa, foram transcritos todos

os enunciados proferidos durante um bloco de um debate presidencial no segundo turno da disputa entre Lula e Bolsonaro no ano de 2022, utilizando como fonte o *site YTScribe.com*¹. Ademais, optamos por selecionar recortes específicos do primeiro bloco durante os ajustes das transcrições, para facilitar as análises e evitar exaustão no leitor, considerando o tempo limitado para a condução do trabalho.

Os recortes foram criteriosamente escolhidos com base no potencial de ameaça à imagem entre os participantes. Após a coleta, foi elaborada uma tabela comparativa destacando o índice de impolidez predominante entre os candidatos, apresentando detalhes sobre o uso de cada estratégia e a frequência com que foram empregadas pelos interlocutores nos recortes selecionados.

Dado que tanto a Impolidez de Culpeper (2011) quanto a impolidez no discurso político de Blas Arroyo (2011) compartilham termos similares para definir cada estratégia, optaremos por integrar as categorias propostas por Blas Arroyo às de Culpeper. Assim, as cinco estratégias delineadas pelo autor espanhol serão consideradas como subestratégias, organizadas da seguinte forma: associar o interlocutor a valores negativos (impolidez negativa), acusar o outro de mentir (impolidez negativa), adotar uma postura depreciativa em relação ao outro (impolidez negativa), formular contrastes que desfavoreçam o interlocutor (impolidez negativa) e apontar contradições no discurso do interlocutor (impolidez negativa). Essa abordagem unificada facilitou a análise e a compreensão das estratégias de impolidez utilizadas no contexto político investigado.

1.6 REFERENCIAL TEÓRICO

Fundamentaremos nossa análise em três abordagens, apresentadas em ordem cronológica: a Teoria da Polidez, a Impolidez e a Impolidez no Discurso Político. Essas perspectivas teóricas serão fundamentais para a compreensão aprofundada do tema em questão.

A Teoria da Polidez (TP), desenvolvida inicialmente por Penelope Brown e Stephen Levinson em 1978 e posteriormente editada como obra própria em 1987, representa um marco significativo nos campos da Linguística e Sociologia. Essa teoria aborda questões cruciais relacionadas à qualidade das interações sociais humanas. Os objetivos fundamentais dos

¹ Ressalte-se que o *site* não fornece pontuações automáticas e, ocasionalmente, pode não compreender algumas palavras pronunciadas pelos participantes, demandando ajustes após a transcrição.

autores, conforme delineados em sua obra de 1987, incluem a identificação de princípios universais e sociais que influenciam as estruturas gramaticais, a demonstração do papel da racionalidade na inferência de significados durante a interação, e a compreensão da construção de mensagens por meio do uso estratégico da linguagem.

Além disso, os autores exploram o uso da polidez formal na linguagem para realizar pedidos de maneira indireta, através de expressões implicativas, e destacam o emprego estratégico da linguagem para expressar similaridade social e pertencimento a um grupo. Nesse sentido, os autores realizam seu estudo com base numa pessoa modelo (MP; *Model Person*) que é dotada de duas propriedades essenciais para interação humana: racionalidade e face.

De forma simplificada, ao se falar de “racionalidade”, Brown e Levinson estão se referindo a habilidade de uma pessoa modelo de se pensar de maneira clara sobre como alcançar seus objetivos num diálogo, planejando os passos necessários para atingi-los. Enquanto a face, usada para manter a harmonia e a imagem positiva entre os participantes, é a forma como as pessoas ajustam seu discurso com base em dois tipos de face: positiva (a necessidade de ser aprovado) e negativa (a necessidade de autonomia e espaço pessoal) (Brown; Levinson, 1978/1987). As estratégias de polidez, como mitigação e atenuação, são empregadas para equilibrar essas faces, facilitando a comunicação e minimizando ameaças à autoestima e à liberdade do interlocutor. O modelo destaca a complexidade das interações linguísticas, considerando fatores culturais e contextuais.

A segunda abordagem empregada contrasta com a ideia de Brown e Levinson. Culpeper (2011) apresenta um campo relativamente novo para os estudos da linguagem. A impolidez ainda é um tema que enfrenta inseguranças e preconceitos devido à sua associação com linguagem tabu e rude. Apesar da impolidez ser muitas vezes considerada um comportamento indesejado, ela desempenha um papel social importante e é amplamente reconhecida e regulamentada em diferentes contextos. Ao contrário da polidez, a impolidez é mais evidente na sociedade, sendo abordada em leis, regulamentos e mídia.

Nessa perspectiva, a impolidez está ligada a comportamentos agressivos, abusivos e pode causar dor emocional, até mesmo levando a situações extremas como o suicídio (Culpeper, 2011, p. XII). Assim, o britânico questiona a necessidade de um linguista nesse campo, destacando a falta de investigação detalhada sobre comportamentos verbalmente impolidos por sociólogos e psicólogos, enfatizando a importância do papel de sua área nesse campo. Argumenta-se que a impolidez verbal não é simples e reflete mais do que apenas a raiva e frustração, sendo muitas vezes elaboradamente criativa. Adicionalmente, o autor

ressalta que o estudo da linguagem e da impolidez é valioso para a linguística, uma vez que as teorias existentes sobre interação e comunicação linguística são enviesadas em direção a interações socialmente cooperativas, não abordando adequadamente as interações antissociais e impolidas.

Em vista disso, Culpeper (2011) destaca que as teorias clássicas de polidez, como as de Brown e Levinson (1978/1987) e Leech (1983), se concentravam em interações harmoniosas, deixando de lado a impolidez. Essas teorias, segundo Eelen (2001), não são adequadas para explicar a impolidez, muitas vezes retratando-a como uma falha pragmática ou comportamento anômalo (Culpeper, 2011, p. 6). Para desconstruir essa concepção, recorreremos a estudos mais recentes sobre impolidez sugeridos por Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016), Bousfield e Locher (2008), Spencer-Oatey (2002, 2005, 2007, 2008) e outros, visando destacar que a impolidez pode ser uma estratégia comunicativa deliberada, sistêmica e refinada. Essas investigações ressaltam que a impolidez não é uma ocorrência rara, sendo manifestada em diversas situações discursivas. Além disso, Culpeper argumenta que abordagens que consideram o conceito abrangente de "facework" de Goffman, em contrapartida à mera preservação da "face" conforme delineado por Brown e Levinson (1978/1987), conseguem integrar a impolidez de forma mais abrangente e eficaz.

Como nosso principal objetivo é investigar o debate no discurso político, nos apoiaremos nos conceitos apresentados por Blas Arroyo em sua obra intitulada *Políticos en conflicto: una aproximación pragmático-discursiva al debate electoral cara a cara*. Nessa obra, o autor oferece reflexões e conceitos sobre as particularidades desse gênero textual, elucidando como se estruturam seus princípios básicos e como os participantes de um debate articulam suas estratégias argumentativas para se destacarem nos momentos em que tomam a palavra.

De modo geral, a ideia do autor se baseia no conceito de que, por um lado, espera-se que os políticos expressem discordância com os adversários, enfatizando suas fraquezas e falhas. Ao mesmo tempo, no que concerne aos representantes públicos, também se pressupõe a capacidade de complementar essa agressividade verbal com a apresentação de uma imagem positiva, através da exaltação do trabalho realizado no passado ou do elogio aos princípios próprios e às pessoas que os personificam (começando pelo próprio candidato) (Blas Arroyo, 2011, p. 183). Embora o autor aborde estratégias relacionadas ao fenômeno da impolidez de maneira semelhante às propostas por Culpeper, o linguista atribui novos termos para melhor adequar-se ao contexto específico do discurso político.

1.7 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Com o objetivo de proporcionar uma visão abrangente das motivações que nos levaram a conduzir este estudo, esta introdução buscou destacar a relevância da pesquisa proposta, situando-a no contexto dos estudos sobre impolidez. Apresentamos as principais questões e objetivos que norteiam nossa proposta, além de fornecer informações sobre os principais autores que servirão como referência para nossa análise.

No primeiro capítulo desta dissertação, nossa fundamentação teórica percorrerá as teorias mais renomadas da pragmática, desempenhando um papel crucial na apresentação da nossa proposta de pesquisa. Inicialmente, realizaremos uma análise minuciosa das contribuições fundamentais de J.L. Austin na teoria dos atos de fala. Exploraremos os conceitos-chave desenvolvidos pelo autor, como os atos ilocucionários, perlocucionários e locucionários, destacando sua significativa contribuição para os estudos pragmáticos.

Posteriormente, abordaremos a relevância da contribuição de Grice para os estudos pragmáticos, concentrando-nos na sua influente teoria da implicatura conversacional. Exploraremos a distinção entre significado convencional e implicado, bem como os princípios cooperativos que regem a comunicação humana.

Por fim, discorreremos sobre a teoria da polidez, examinando o conceito nas perspectivas de Brown e Levinson. Destacaremos como essa estrutura teórica tem exercido influência significativa na análise da polidez e da impolidez na interação verbal. Este capítulo será essencial para estabelecer os fundamentos teóricos que sustentarão nossa pesquisa e contribuirá para a compreensão aprofundada do cenário pragmático que delineamos em nossa proposta.

O segundo capítulo apresenta de maneira detalhada a impolidez de Culpeper (2011) fornecendo diversos conceitos de situações que envolvem o confronto verbal, a discordância, a grosseria, entre outros temas. Também são apresentadas as definições de Spencer-Oatey (2002, 2005, 2007, 2008), abordando o gerenciamento de face nas relações sociais e destacando como as pessoas cuidam tanto de sua própria "face" (ou imagem pública) quanto da "face" dos outros durante interações sociais.

No terceiro capítulo, exploramos a definição do gênero textual "discurso político" e suas diversas variedades. O objetivo é fornecer uma compreensão aprimorada do fenômeno, adaptando conceitos específicos sobre as estratégias de impolidez para a teoria em questão. Desse modo, este capítulo busca ir além das definições convencionais, mergulhando nas especificidades da linguagem política e suas formas de expressão. Exploramos a dinamicidade

inerente à grosseria no debate político. Analisamos como a impolidez é empregada de maneiras distintas, considerando as variáveis como intenção, contexto cultural e as reações emocionais dos participantes.

No quarto capítulo, delineamos a metodologia para a coleta de dados da pesquisa. Nossa abordagem inclui a análise dos diálogos entre os participantes do debate. Nesse viés, apresentaremos recortes específicos desses diálogos, conduzindo uma análise para identificar e categorizar as estratégias de impolidez utilizadas. O cerne desse processo reside na elaboração de uma tabela comparativa que destaca as estratégias mais frequentemente empregadas por cada participante. Nessa tabela, enfatizaremos o índice de repetição de cada estratégia, proporcionando uma visão clara das tendências de impolidez observadas ao longo dos diálogos. Posteriormente, discutiremos os resultados e nossas considerações a respeito da análise.

No capítulo de conclusão, consolidaremos as reflexões apresentadas ao longo deste trabalho, sintetizando as principais observações, análises e descobertas.

1.8 CONTEXTUALIZAÇÃO PRAGMÁTICA

Na presente seção, nosso objetivo é refletir sobre o papel da linguagem na comunicação e apresentar três teorias cruciais nos estudos linguísticos, visando uma compreensão mais profunda da Teoria da Polidez (TP). É imprescindível situarmo-nos no contexto teórico que embasa os estudos linguísticos. O Princípio da Cooperação de Grice realça a importância das inferências e suposições mútuas na troca de mensagens, enquanto a Teoria dos Atos de Fala investiga como as palavras são empregadas para concretizar ações sociais. Ambas teorias formam os alicerces fundamentais para a compreensão da Teoria da Polidez, que se aprofunda nas estratégias linguísticas voltadas para a preservação da harmonia nas interações sociais.

Muitos linguistas e analistas do discurso defendem que a comunicação vai muito além de simplesmente "transferir" uma mensagem de um emissor para um destinatário, tal como Jakobson (1969) sugeriu em seu modelo clássico de comunicação, composto por um emissor, contexto, código, canal e destinatário. Desde a Grécia Antiga, buscava-se compreender a relação entre a linguagem e o discurso político. Aristóteles argumenta em *A Política* que, ao contrário dos animais, os seres humanos possuem uma capacidade única: a comunicação. Segundo Aristóteles, o discurso serve para revelar o que é vantajoso e

prejudicial aos indivíduos, e, portanto, o que é justo e injusto, pois somente ele tem percepção do bem e do mal, do justo e do injusto.

É evidente, assim, a razão pela qual o homem é um animal político em grau maior que as abelhas ou todos os outros animais que vivem reunidos. Dizemos, de fato, que a natureza nada faz em vão, e o homem é o único entre todos os animais a possuir o dom da fala. Sem dúvida os sons da voz (*phoné*) exprimem a dor e o prazer e são encontrados nos animais em geral, pois sua natureza lhes permite experimentar esses sentimentos e comunicá-los uns aos outros. Mas quanto ao discurso (*lógos*), ele serve para exprimir o útil e o nocivo e, em consequência, o justo e o injusto. (Aristóteles, 1998, p. 57)

Para Benveniste (1976), a linguagem humana caracteriza-se pela capacidade de cada enunciado combinar elementos livremente segundo regras definidas, de modo que um número consideravelmente inferior de morfemas permite uma vasta quantidade de combinações – é através dessa possibilidade de combinação de elementos onde nasce a variedade da linguagem humana, que é a capacidade de falar tudo – enquanto as abelhas, em específico, possuem apenas um sistema de código de sinais, que se dão por meio de uma dança, com o objetivo de levar a informação de onde está o alimento para sua colmeia. Assim, não há uma variabilidade no conteúdo das mensagens, possibilidade de mudança do conteúdo, tampouco uma troca de informações. Com isso, somente os seres humanos têm a capacidade de falar – ou, no grego, *logos*. *Logos* significa não apenas fala, mas também razão, isto é, o propósito da palavra.

Numa conversação há sempre um propósito comunicativo, pois há o desejo de se informar algo a alguém. Além dessa intenção, devemos considerar o contexto e o conhecimento de mundo que os interlocutores têm em comum sobre o referente para que o conteúdo da mensagem possa ser interpretado adequadamente e seja aceita pelo ouvinte como verdadeira ou provavelmente verdadeira. Em consequência disso, numa conversação há sempre uma parte codificada linguisticamente e outra parte representada pela decodificação que se dá por meio das inferências. Em relação a esse processo, Santos (2014, p. 35) esclarece:

Grice afirmou que o que dizemos nem sempre carrega explicitamente o que queremos comunicar. Segundo Grice, na comunicação, as pessoas dizem e implicam. Enquanto o que é dito é determinado pelas condições de verdade do enunciado, o implicado depende, além do que é dito, de uma série de outros fatores inferenciais. O significado do enunciado possui, então, uma parte codificada linguisticamente nas palavras e outra parte implicada, que precisa ser decodificada por processos inferenciais.

Essa perspectiva sugere que o significado de uma afirmação consiste em uma parte que é codificada linguisticamente e outra parte que requer inferências conversacionais para

ser completamente compreendida. Essa dualidade entre o dito e o implicado estende-se além das conversas cotidianas, aplicando-se também a comportamentos gerais, como ilustrado por Grice em exemplos como assar um bolo ou consertar um carro. Ou seja, se eu lhe peço mais uma xícara de farinha para adicionar ao bolo, não espero que você me forneça uma quantidade menor ou maior do que pedi. Da mesma forma, se estou consertando um carro, espero que você me forneça a peça exata para o reparo, não algo diferente.

É importante ressaltar que as máximas propostas por Grice não devem ser encaradas como regras rígidas de comunicação ou comportamento, mas como princípios descritivos que auxiliam na avaliação do comportamento linguístico normal. As máximas decorrentes do princípio da cooperação não devem ser concebidas como obrigatórias da comunicação humana ou regras rígidas de conduta, mas dizem respeito a princípios descritivos generalistas segundo os quais o comportamento linguístico é normalmente avaliado (Escandell Vidal, 1996, p. 79). Portanto, é através do cumprimento das máximas do princípio de cooperação que se dá o desenvolvimento comunicativo entre os falantes, conforme o propósito comum da conversa e seu contexto.

É de suma importância introduzir a área de estudo da Pragmática, empregada nessa pesquisa a partir de seu recorte cognitivo, que se dedica à investigação da comunicação humana. A Pragmática se preocupa em compreender a interpretação do significado dos enunciados considerando tanto a perspectiva do falante quanto a do ouvinte, levando em conta as particularidades do contexto em que ocorre a interação, como situação comunicativa, conhecimento compartilhado, relações interpessoais entre os falantes, entre outros fatores.

Assim, para Escandell Vidal (1996), a Pragmática aborda princípios que determinam o uso da linguagem na comunicação, ou seja, ela é responsável por toda parte do significado que, por depender de fatores extralinguísticos, não se enquadra no campo da semântica (significados convencionais).

Apesar das divergências noutros aspectos, pode dizer-se que existe uma certa unanimidade quanto ao objetivo central da teoria: A pragmática é, portanto, uma disciplina que tem em consideração os fatores extralinguísticos que determinam o uso da língua, precisamente aqueles fatores que não podem ser abordados por um estudo puramente gramatical: noções como o remetente, o destinatário, a intenção comunicativa, o contexto verbal, a situação e o conhecimento do mundo serão de importância primordial.² (Escandell Vidal, 1996, p. 14, tradução nossa).

² Texto original: Pese a las divergencias en otros aspectos, puede decirse que hay una cierta unanimidad en lo que se refiere al objetivo central de la teoría: se entiende por pragmática el estudio de los principios que regulan el uso del lenguaje en la comunicación, es decir, las condiciones que determinan tanto el empleo de un

Portanto, a Pragmática estuda os mecanismos que levam nossa escolha linguística na interação social, preocupando-se com o significado dos atos de fala e as intenções do falante.

Numa tentativa de descrever a estrutura e o funcionamento da linguagem, os filósofos de Oxford³ trouxeram importantes contribuições para a filosofia da linguagem e linguística, pois eles já não tinham o interesse em centrar a atenção no homem e nas coisas do mundo, mas na linguagem que usamos para falar sobre tudo isso. Assim, buscavam uma forma de compreensão ideal de nossa linguagem comum, de modo a evitar mal-entendidos entre os filósofos para promover um acordo racional (Sbisà, 2006, p. 2).

Vejamos agora outro autor de grande prestígio para a Filosofia da Linguagem e que contribuiu para o levantamento de pesquisas sobre a linguagem cotidiana, Austin, que foi o precursor da teoria dos atos de fala mais bem desenvolvida por Searle (1969, 2002) posteriormente.

enunciado concreto por parte de un hablante concreto en una situación comunicativa concretas, como su interpretación por parte del destinatario.

³ Os filósofos de Oxford, como assim ficaram conhecidos, faziam parte de um grupo de estudiosos da Filosofia Analítica na Universidade de Oxford, como por exemplo Russell, Moore e Wittgenstein.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PRAGMÁTICA

Neste capítulo, serão explorados conceitos fundamentais da pragmática, com destaque para conceitos como os Atos de Fala de Austin e o Princípio da Conversação de Grice. Em seguida, será realizada uma análise mais aprofundada da Teoria da Polidez e suas origens, que constituem a base teórica para os estudos sobre impolidez a serem desenvolvidos nos próximos capítulos desta dissertação.

2.1 ATOS DE FALA

Na área da pragmática linguística, a Pragmática explora de maneira central a teoria dos atos de fala, com foco especial nos conceitos de pressuposição e implicatura. Esses fenômenos são essenciais para compreender como a linguagem vai além de simples palavras, abordando como expressamos significados mais profundos por meio da comunicação. É verdade que durante a década de 1930, os filósofos demonstravam algumas inquietações com relação as discussões sobre sentenças verdadeiras e falsas, o que gerou um excesso de teorias filosóficas (positivismo lógico), cuja ideia central era que, a menos que a veracidade ou a falsidade uma frase pudesse ser verificada, pelo menos em parte, não teria qualquer significado.

Wittgenstein (1958) inaugurou um novo campo dentro da filosofia da linguagem ao estabelecer uma visão distinta da relação entre linguagem e mundo. O autor sustentava que não aprendemos a língua por meio de regras rígidas, mas através de diversas experiências de vida com o mundo real. Em outras palavras, aprendemos a língua ao aplicá-la em nossa realidade. Em *Philosophical Investigations* (1958), Wittgenstein introduz o conceito de "significado em uso", partindo da premissa de que os enunciados só têm aplicabilidade quando estão vinculados às atividades cotidianas ou aos jogos de linguagem, os quais desempenham um papel fundamental no processo comunicativo⁴.

⁴ É importante frisar que Wittgenstein faz uma analogia consistente em chamar ao que fazemos com a linguagem de "jogo de linguagem" (*Sprachspiel* em alemão). O autor exemplifica que, desde o jogo de damas ao baseball, nós aprendemos regras básicas, entretanto, é só quando somos expostos à prática é que aprendemos a jogar, de fato. Assim, o filósofo argumenta que aprendemos executando as coisas, e que com a linguagem, isso não seria diferente. Ou seja, podemos até saber as regras, mas se não praticarmos, não saberemos falar a nossa língua. Inspirado em Russell, Wittgenstein, em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), parte do pressuposto de que é por meio da prática que realmente aprendemos. O exemplo dado é a palavra "lápiz", a qual poderia ser ensinada por alguém que apontasse o objeto e dizendo "lápiz". No entanto, o ouvinte poderia associar a mesma palavra a um conjunto de outras coisas, como o material do lápis, a madeira, seu formato etc. É só através do

Foi durante este período de preocupação com a veracidade e falsidade das proposições da linguagem comum, que Austin desenvolveu sua teoria sobre os Atos de Fala. À época, o estudo da linguagem comum, viva, cotidiana, não era o foco, mas sim a semântica formal. Levinson (1983) observa que há fortes paralelos entre o destaque de Wittgenstein no uso da linguagem e nos jogos da linguagem e a insistência de Austin em propor que um ato de fala numa situação total é o único fenômeno real que, em última instância, somos capazes de elucidar. Entretanto, Austin produziu uma obra autônoma, sem influências diretas das ideias de Wittgenstein.

Austin pode ser considerado uma das maiores influências para o desenvolvimento da Pragmática em si. Afinal, o autor sugeria que a linguagem é o instrumento do filósofo e que o dever dos filósofos é verificar cuidadosamente o que uma palavra significa normalmente e o que está implícito por trás dela. De acordo com Sbisà (2006), com o intuito de analisar o uso comum da língua, Austin costumava perguntar "o que você diria quando", ou seja, imaginava sequências de discurso contextualizadas nas quais o uso de uma determinada palavra ou construção era mais adequado. Nessa perspectiva, ele acreditava que a filosofia, se praticada em tais bases, poderia se tornar um empreendimento cooperativo⁵. Por este viés, portanto, a filosofia e a linguística são distintas, mas capazes de estimular o desenvolvimento uma da outra.

Entre suas principais contribuições para a filosofia da linguagem está a análise de enunciados performativos presentes em *How to do things with words* de 1962, a qual evolui para uma concepção geral da linguagem como ação que dá origem ao *Speech Acts*, teoria desenvolvida pelo discípulo de Austin, John Searle (1969).

Como já vimos acima, a linguagem não serve simplesmente para dizer se um enunciado é verdadeiro ou falso, mas também para descrever o estado das coisas existentes no mundo, ou seja, um enunciado⁶ emprega diferentes funções, e uma delas é descrever o estado das coisas. Além disso, a linguagem também serve para o cumprimento de ações, como por

contexto e da utilização do objeto é que compreendemos a funcionalidade das palavras e o que elas denotam. Nesse sentido, quando usamos a língua, jogamos um jogo, para o filósofo.

⁵ Grice (1957[1975]) desenvolveria anos depois uma teoria sobre um mecanismo de cooperação na comunicação humana. Devemos ter em conta que Searle, ao sugerir quatro tipos de condições para o enunciado e para sua força ilocutória, entendia essas regras como gerais que atuam e regem a conversa. Por outro lado, Grice propõe uma série de princípios não normativos, que se supõe serem tacitamente aceitos por todos os que voluntariamente participam de uma conversa. Todos eles estão incluídos no que Grice chama de princípio da cooperação, o qual veremos na próxima seção.

⁶ Entendemos por enunciado a produção (oral ou escrita) de uma estrutura linguística que pode ou não corresponder a uma frase completa. Uma ação, para Austin (1962), de modo geral, é algo que "fazemos": um comportamento ativo (vs. passivo) de um agente.

exemplo, quando a noiva diz “Sim, eu quero” durante o casamento, ou seja, ela não está só afirmando que aceita o indivíduo como seu futuro marido, mas está performando uma ação e modificando algo no mundo. Em vista disso, a ideia central dessa teoria se assenta no conceito de que a linguagem é capaz de realizar ações através de expressões denominadas *performativas*.

A partir disso, Austin passou a desconstruir o pensamento de que a linguagem só obtinha sua compreensão total por meio de condições de verdade das sentenças. Os exemplos que o autor usava se baseavam na visão de que algumas frases declarativas não eram aparentemente utilizadas com o intuito de analisar a veracidade do conteúdo delas, compondo frases como: “Aposto seis dólares que amanhã vai chover”; “Eu me desculpo”; “Eu lhe dou minha palavra”; “Condeno-o a dez anos de trabalhos forçados”.

A singularidade dessas sentenças, como já afirmamos anteriormente, é que elas não podem ser ditas apenas por dizer, ou seja, somente descrever estados de coisas no mundo, mas também para fazer coisas. Uma vez que, a aposta foi feita, que um pedido de desculpa foi realizado, que eu dei minha palavra a alguém, que condenei alguém a dez anos de trabalho forçado etc., o mundo mudou de forma significativa através da força da palavra⁷.

Austin propõe dois termos essenciais para sua teoria: enunciados performativos e os constativos. A respeito dos enunciados performativos, podemos compreender que se tratam da ação realizada a partir deles, enquanto os constativos apresentam declarações e afirmações. Conforme Levinson (1983), Austin passou a sugerir dessa maneira que, ao contrário dos constativos, os, os performativos não possam ser verdadeiros ou falsos (dada a sua natureza especial, a questão da verdade e da falsidade simplesmente não funciona). Ele então se dispôs a classificar uma lista de verbos que poderiam demonstrar condições “infelizes” para os enunciados.

O exemplo clássico do autor era “Eu batizo esse navio de ‘*Queen Elizabeth*’” e “Eu prometo que virei amanhã”, o filósofo entende que não é possível que eu nomeie um navio se eu não sou a dona do navio, ou então se o navio já tiver um nome, assim como, eu não posso prometer que virei amanhã se a minha promessa não for levada a sério. Isto posto, o estudioso inglês sugere que os verbos performativos devem satisfazer determinadas condições para serem dignos de processamento, as quais ele denominou de **condições de felicidade**.

⁷ É de suma importância salientar que na obra “Atos de fala”, Austin não considera as figuras de linguagem, como o uso metalinguístico de frases que são usadas em romances, peças de teatro e canções infantis, por exemplo, como sentenças possíveis de interpretação pragmática.

- (a) (i) deve haver uma ação convencional com efeito convencional
- (b) (ii) as circunstâncias e as pessoas devem ser apropriadas, conforme especificado na ação
- (c) A atividade deve ser executada (i) corretamente e (ii) completamente
- (d) Frequentemente, (i) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções satisfatórios, conforme especificado na ação, e (ii) se a conduta consequente for especificada, então as partes relevantes deverão cumprir com o acordo.

Ao ouvir uma aposta, exemplo (1), o ouvinte deve estar participando da mesma (i) de modo a aceitar o proposto pelos interlocutores⁸. Consequentemente os indivíduos participantes da aposta devem estar comunicando-se para que a aposta seja real (ii), assim como devem executar a aposta corretamente e completamente, o ouvinte deve falar algo como “apostado!” ou “combinado!” para que a aposta possa valer. E, por fim, os falantes devem cumprir com o acordo.

Outro exemplo válido é quando os interlocutores violam a condição (D). Vamos supor que eu faço uma promessa, como em (3), e não cumpro com minha palavra, Austin defende que promover a realização de algo que não se tem qualquer intenção de fazer seria uma violação direta de C (ii). A este tipo de violação a consideramos como insinceridade no discurso: assim como o juiz condena a alguém por 10 anos de trabalhos forçados, como em (4), mesmo sabendo da inocência do indivíduo, seria violar a condição C (i).

O filósofo inglês observa que essas violações não têm o mesmo grau de importância entre elas. As violações das condições (a) e (b) dão origem a falhas de ignição⁹, isto é, ações pretendidas que simplesmente não se realizam. Já as violações as condições (c), do contrário, são abusivas, não sendo tão facilmente detectadas no momento do enunciado, assim gerando uma consequência no momento que a ação é executada, mas de forma infeliz e insatisfatória.

Fundamentado nessas observações e respaldado em Levinson (1983), Austin afirmou que algumas frases, as performativas possuem aspectos singulares, pois ao pronuncia-las,

⁸ Na terminologia de Austin, este termo pode ser descrito como “*satisfactory uptake*”, que nada mais é que uma condição aceita por ambos os participantes do enunciado.

⁹ No que concerne as falhas de ignição (*misfires*), Austin (1962) sugere que há uma violação da convenção das práticas culturais necessárias para a realização do ato. Se houver uma infração desta categoria, o desempenho da ação falhará. Além disso, o autor distingue as falhas de ignição dos abusos (*abuses*), os quais dizem respeito às violações de um grau distinto, em que um ato pode não ser descrito como malsucedido na sua forma total, mas continua a ser considerado como infeliz.

fazemos coisas, diferentemente de apenas relatar estado de coisas (A); e (B) que estas frases performativas realizam e cumprem com as ações correspondentes devido às convenções específicas que conectam as palavras às ações correspondentes. Portanto, podemos elaborar uma definição para estes dois termos a partir do conceito de Austin para os enunciados **performativos** e **constativos**. Os performativos são usados somente para certos tipos de cerimônia, quando realizamos uma ação, de fato. Ademais, este tipo de enunciado só pode ser julgado como feliz ou infeliz na medida que analisamos se os parâmetros de felicidade foram respeitados ou não, enquanto os constativos são relatos de coisas, que podem ser verificados em termos de verdade e falsidade.

Levinson (1983) aponta como a teoria evolui para um novo argumento entre os casos performativos e constativos defendidos por Austin¹⁰. O autor argumenta que existem dois conceitos fundamentais que sofrem uma modificação significativa: em primeiro lugar, há uma transição da concepção de que os performativos são uma categoria específica de frases com características sintáticas e pragmáticas distintas, para a ideia de que existe uma categoria geral de enunciados performativos que engloba tanto os performativos explícitos (a categoria tradicional) quanto os performativos implícitos, os quais abrangem muitos outros tipos de enunciados, senão todos. Em segundo lugar, ocorre uma mudança da dicotomia entre performativo e constativo para uma teoria abrangente dos atos ilocucionários, na qual os diferentes performativos e constativos são apenas casos específicos.

Desse modo, os performativos podem ser considerados quase que um termo independente, pois são determinados pelo uso da primeira pessoa do presente do indicativo. O autor elabora uma lista de verbos performativos que alteram o ambiente cognitivo do ouvinte por meio da ação que o verbo executa no estado de mundo da pessoa, verbos como: pedir, aconselhar, prometer, protestar e perguntar etc. A dicotomia entre performativos e constativos é, portanto, rejeitada devido à uma teoria mais bem elaborada dos atos de fala, cujos enunciados são apenas um caso especial, ou seja, passa-se a entender que todos os

¹⁰ Austin (1990) salienta que os performativos explícitos são apenas formas específicas de ser direto e claro com relação ao ato que o falante está a realizar ao falar. Por outro lado, Levinson (1983) mostra que também é possível empregar enunciados menos explícitos e específicos para a mesma função, como em “Fique quieto”, em vez de “Eu ordeno que você se cale”, ou advérbios como em “estarei lá sem falta”, em vez de “prometo que estarei lá”, etc. Embora Austin tenha admitido que os enunciados podem ser performativos sem a necessidade de estarem na forma de performativos explícitos, baseando-se no pressuposto de que todos performativos não explícitos podem ser substituídos para forma de um performativo explícito, ele coloca que os verbos performativos são a melhor forma de se estudar sistematicamente todos os diversos tipos de enunciados performativos de acordo com um *princípio de expressibilidade*, cujo conceito, a grosso modo, seria a ideia de *qualquer coisa que pode ser significada, também pode ser dita* (Searle, 1969), não entraremos em detalhe sobre esta definição, pois nosso objetivo é apenas descrever a ideia central da teoria.

enunciados, além de significarem o que significam e de realizarem ações específicas possuem uma **força** própria. Desse modo, a ideia central da teoria é que a linguagem não é unicamente descritiva, mesmo que consideremos os enunciados declarativos, um mesmo enunciado pode ter diferentes funcionalidades em sua estrutura, como descrever o estado das coisas, e em outras situações a concretização de um ato.

Dessa perspectiva, o uso das palavras pode humilhar, ferir, alegrar, dar confiança, felicidade, tirar o emprego, levar ao divórcio, ao suicídio até, e muito mais. No entanto, devemos entender a ação pela linguagem como uma ação mediada, ou seja, para cumprir ou não uma ordem, por exemplo, executamos um ato mental de decidir a obedecer ou de querer fazê-lo. Podemos pensar que as palavras não são, ou nem sempre são, ações que mudam o estado das coisas no mundo diretamente, mas que indiretamente, ou psicologicamente, sem dúvida elas fazem isso. E como se trata da ação das palavras, ou seja, do seu uso, mais uma vez entram em jogo o contexto, os papéis dos interlocutores, as crenças, os valores, comportamentos etc. (Santos, 2009, p. 32).

Austin propõe três categorias enunciativas entre os Atos de fala: **o locutório, ilocutório e o perlocutório**. Primeiramente, para Austin, um ato de fala pode ser descrito como **locutório**, ou seja, é a ação de se dizer algo. O ato locutório está presente em enunciados bem formados a partir do ponto de vista fonológico-sintático-semântico¹¹.

O **ato ilocutório** diz respeito ao relatar o ato de falar de alguém usando verbos como “implorar”, “perguntar”, “agradecer”. Dessa maneira, este ato se concentra, mais precisamente, no ato que o usuário da língua realizou ao dizer o que realmente disse, ou seja, na ação que foi executada no momento da fala.

O **ato perlocutório** possui características próprias, pois do ponto de vista gramatical, apresenta sentenças declarativas, não pode ser qualificado como verdadeiro nem falso, mas sim como adequado ou inadequado para o contexto, como por exemplo “Aposto cinco dólares que vai chover amanhã”. Ao proferir essa frase, o falante não está apenas descrevendo um estado das coisas no mundo, mas transmitindo uma informação também ou descrevendo uma ação.

Conforme já mencionado, esta teoria atribui maior ênfase ao ato ilocutório, que é diretamente alcançado pela força ilocucionária dos enunciados, tendo em vista as consequências imediatas sobre os ouvintes (Austin, 1962). No entanto, há uma mudança de direção no estudo dos Atos de Fala. Embora Austin tenha oferecido contribuições

¹¹ No campo da Linguística, podemos definir a Fonologia como o estudo do sistema de sons de uma língua. A respeito da sintaxe, ela estuda as regras da língua, ou seja, as regras que determinam diferentes possibilidades de combinação de palavras nos enunciados. Por fim, a semântica é responsável pelo significado e a sua relação com as coisas do mundo.

significativas para o campo dos estudos da linguagem, seu trabalho apresentava algumas complicações teóricas. Searle, discípulo de Austin e filósofo norte-americano, prosseguiu com a investigação dos Atos de Fala, exercendo um impacto substancial nas discussões teóricas. A partir de agora, consideraremos a influência de Searle sobre os Atos de Fala.

Searle (1969) defendia o ato locucionário como um ato de fala completo, pois ele parte de uma visão de que a fala é regida por regras, cuja unidade básica é o ato de fala em si. Em vista disso, de acordo com Sbisà (2006), o ato ilocucionário tem um objetivo ilocucionário que está vinculado à intenção do falante de que o enunciado seja considerado como um determinado tipo de ação, ou seja, uma representação de algo, um esforço de levar o ouvinte a fazer algo, entre outros. Neste sentido, vemos que o ato ilocucionário deve produzir um efeito no ouvinte, e que o efeito ilocucionário se sustenta na visão de que o enunciado gerado pelo falante cause um efeito no ouvinte. Podemos notar uma diferença neste conceito, enquanto Austin pretendia distinguir força de significado, Searle vê a força ilocucionária apenas como um aspecto do significado.

Além da produção e execução do ato ilocucionário no enunciado, o falante também realiza dois outros tipos de atos: o ato enunciativo, que envolve a pronúncia de palavra, e o ato proposicional, que é a manifestação de uma proposição. O ato proposicional é determinado, portanto, através da construção de enunciados em certos contextos dependendo de certas condições e intenções. É importante ressaltar que ele não ocorre isolado, mas apenas no momento que o falante performa algum ato ilocucionário.

Da mesma maneira, assim como uma frase completa contém expressões referenciais e predicativas, um ato ilocucionário contém a expressão de uma proposição, isto é, o ato ilocutório tem tanto uma força quanto um conteúdo proposicional. Compreendemos, portanto, que a força e o conteúdo proposicional dentro de um ato ilocucionário pode ser diferenciada pela seguinte fórmula:

F(p)

“F” significa a força ilocutória e “p” conteúdo proposicional.

Searle sugere uma classificação de quatro tipos de condições, dependendo de como o conteúdo proposicional, pré-condições preparatórias, condições de felicidade e as condições essenciais estão especificadas. Sbisà (2006) explica que o conteúdo proposicional nada mais é que a especificação do tipo de conteúdo proposicional que o ato de fala deve ter; as condições preparatórias, servem para determinar as situações contextuais, e as condições de sinceridade,

classificam o estado psicológico do falante que será expresso pelo ato de fala. O Quadro 1 demonstra as condições de felicidade.

QUADRO 1 – CONDIÇÕES DE FELICIDADE EM PEDIDOS E AVISOS

CONDIÇÕES	PEDIDOS	AVISOS
CONTEÚDO PROPOSICIONAL	Ato futuro A de O	Futuro evento E
PREPARATÓRIA	1) F acredita que O pode fazer A 2) Não é obvio que O faria A sem ser pedido para executá-lo	1) F acha que E vai acontecer e não do interesse de O 2) F acredita que não é obvio para O que E ocorrerá
SINCERIDADE	F quer que O faça A	F acredita que E não é do interesse de O
ESSENCIAL	Tentativa de fazer que O faça A	Entende-se que E não é do interesse de O

FONTE: A autora (2024).

Como já vimos, de acordo com Searle, a realização dos atos de fala dependem dessas condições mencionadas acima, condição de felicidade e sinceridade. Essas condições são necessárias e suficientes para a realização do ato. Assim, ao prometer algo, ou alertar alguém sobre algo, o falante deve ter a intenção real de cumprir com sua palavra – se caso ele realmente realizar o que foi dito – a ação será bem-sucedida e executada pelo ouvinte (Santos, 2009, p. 32).

A classificação de Searle dos atos ilocutórios tem sido, até agora, a mais prestigiada e rica para áreas como linguística, psicologia, filosofia e comunicação. Por outro lado, Santos (2009) destaca que a satisfação ou a persuasão empregada pelo falante depende da implicação do que é dito, evidenciando que a força ilocutória nem sempre está emitida explicitamente no enunciado. Diante dessas considerações, Searle busca aprimorar a teoria ao confrontar-se com questões que evidenciam que nem sempre uma oração interrogativa constitui uma pergunta, ou que uma oração imperativa corresponde necessariamente a uma ordem. Assim, ele propõe a distinção entre dois novos tipos de atos: diretos e indiretos.

Os atos diretos são aqueles que exibem indicadores apropriados para o ato, como tempo e modo temporal na sentença. Atos indiretos são realizados ao proferir frases que não possuem indicadores de sua força ilocutória pretendida, levando o ouvinte a entender o que

foi dito a partir dessa força através da inferência. As estratégias para execução e compreensão dos atos indiretos foram estudadas posteriormente por Brown e Levinson (1978/1987) no fenômeno da polidez linguística.

Ainda sobre os atos indiretos, podemos estabelecer um paralelo entre este tipo de ato com conceito do *meaning-**nn*** e **intenção comunicativa** de Grice¹², o qual sugere, segundo Levinson (1983), que dada a **condição essencial** de Searle, cujo foco é a intenção mais relevante do enunciado, as **condições de felicidade** em cada um dos principais atos ilocucionários serão previsíveis a partir de mecanismos cooperativos e de racionalidade que podem ser retirados das **máximas de Grice**. Observemos como isso ocorre segundo Sbisà:

Mas nem todos os atos de fala dependem de convenções linguísticas em relação à sua força ilocucionária e, assim que esse fato foi percebido, surgiu a necessidade de modificar a teoria para dar conta disso. Searle não modificou sua descrição sobre os atos de fala, mas a complementou com uma teoria dos atos de fala indiretos (Searle, 1975), segundo a qual, quando a força sugerida pelo indicador ilocutório é inadequada ou irrelevante, a força real do enunciado é inferida pelo ouvinte, um procedimento que se baseia na noção de implicatura conversacional (Grice, 1975), com base nas condições de felicidade dos atos ilocutórios e do conhecimento compartilhado sobre o contexto.¹³ (Sbisà, 2006, p. 14, tradução nossa).

Nesse sentido, é a força ilocucionária que, dentre vários outros tipos de inferências e implicaturas conversacionais, auxilia os ouvintes a interpretar o enunciado que foi produzido pelo falante. Nesse modelo inferencial dos atos de fala, a comunicação é entendida não apenas como uma normal social, mas como um recurso natural da mente humana. Assim, o objetivo do ato ilocucionário depende do ouvinte, que deve buscar ferramentas interpretativas para recuperar a informação comunicada por seu interlocutor no momento da fala.

Seguindo este raciocínio, Santos (2009) ressalta que todo ato comunicativo é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, do contrário não seria um ato de fala. Todos os enunciados são performativos, pois quando produzimos um enunciado, estamos executando uma ação. Mesmo escolhendo permanecer em silêncio, estamos realizando uma ação. Conforme Austin afirmava, "dizer é fazer". Portanto, no fim das contas, todo ato de fala é, em última análise, performativo.

¹² Discutiremos sobre Grice e suas obras na próxima seção.

¹³ Texto original: But not all speech acts depend on linguistic conventions regarding their illocutionary force, and as soon as this fact was noticed, the need arose to modify the theory in order to account for it. Searle did not change his cue account of speech acts, but supplemented it with a theory of indirect speech acts (1975), according to which, when the force suggest by the illocutionary indicator is inappropriate or irrelevant, the real force of the utterance is inferred by the hearer, which a procedure drawing on the notion of conversational implicature (Grice 1975), on the basis of the felicity conditions of illocutionary acts and of shared knowledge about the context.

A teoria dos Atos de fala é conhecida e muito respeitada no universo dos estudos linguísticos, pois trouxe muitos frutos, apesar dos desafios da determinação das condições de verdade e das condições de felicidade da sentença, para a Pragmática. As contribuições de Austin são fundamentais para compreendermos a relação entre língua e uso, assim como as de Searle ao apresentar melhorias para a teoria, como a sugestão de um novo sistema de classificação de ações da fala, e a divisão de dois níveis distintos de fala. Por outro lado, há ainda muitas lacunas ainda no quesito da interação humana nas dimensões sociais, culturais e linguísticas, que os autores não especificaram nesta teoria, como uma melhoria da distinção entre significado e força.

2.2 O PRINCÍPIO DE CONVERSAÇÃO DE GRICE

Um fenômeno bastante estudado por Paul H. Grice durante as palestras de *William James Lectures* foi o uso das implicaturas. O objetivo principal do autor era investigar as situações em que o falante vai além do significado literalmente expresso num enunciado no momento da comunicação. Logo no começo de seu artigo *Logic and Conversation* (1975), Grice nos introduz o termo técnico para o verbo “implicar” (*implicate*) e os nomes correspondentes para implicatura (*implicature*) e implicado (*implicatum*) com o intuito de, segundo Haugh (2015), eliminar o primeiro sentido do termo “*implicate*”, que está vinculado às inferências lógicas e semânticas de enunciados.

Assim, Grice limitou-se somente ao segundo sentido do verbo, que remete a ideia de “expressar uma ideia indiretamente”, “subentender”, deduzir”, e é, por este motivo contrastado com o “dizer” e “o que é dito”. Em vista disso, a contribuição mais importante dada pela definição de implicatura é o fato dela explicar explicitamente como é possível significar/comunicar mais do que é realmente “dito” na frase, ou seja, mais do que aquilo que está expresso literalmente pelo sentido convencional das expressões linguísticas proferidas (Levinson, 1983, p. 97).

Veamos um exemplo retirado do próprio escrito de Grice (1975) no qual ele apresenta, pela primeira vez, a noção de implicatura no enunciado. O contexto do diálogo é o seguinte: A e B estão conversando sobre um amigo em comum, que está, atualmente, trabalhando num banco.

A: Como vai “C”? Ele começou a trabalhar neste banco há pouco tempo, certo?
Como ele está indo no novo emprego?

B: Oh, muito bem, eu acho. Ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso.

Podemos elaborar uma série de inferências geradas pelas implicaturas do diálogo entre A e B com relação ao amigo C a partir do que foi implicado “Ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso”. Tendo em vista, pelo contexto, que C está trabalhando num banco, em seu novo emprego, C pode estar lutando para não ceder as tentações provocadas por sua ocupação, como enganar seus companheiros de trabalho, por exemplo. Ou então, pode ser que C trabalhe com pessoas muito desagradáveis e desleais, e assim por diante.

Através deste exemplo, Grice pretende limitar, portanto, a ideia do que se diz e do que se comunica. Quando o indivíduo diz algo, o autor define este dizer como referente ao conteúdo proposicional do enunciado tal como é, tal como está posto e também pode ser avaliado por uma lógica do tipo verdade-condicional. Já o que se comunica está relacionado à toda informação que foi transmitida junto do enunciado, mas que é diferente do seu conteúdo proposicional, isto é, o conteúdo implícito, denominado de implicatura.

Apresentada a concepção de implicatura, Grice (1975) traz outro conceito fundamental para sua teoria, que diz respeito aos parâmetros não normativos que regem a comunicação humana: **Princípio da Cooperação (PC)**. A comunicação verbal humana é complexa, afinal, uma interação sempre será composta de um **propósito comunicativo** e um **contexto** estabelecido. Para Grice (1975), o indivíduo normalmente comunica por meio de **esforços cooperativos**, afinal as pessoas cooperam quando falam com as outras, de modo a respeitar um princípio comum, a clareza e transparência da mensagem, que é a base que sustenta toda comunicação.

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita [...]. Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado. Pode-se denominar este princípio de PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO (Grice, 1975, p. 86).

Assim, a ideia fundamental do PC é que devemos dar nossa contribuição de acordo com o que é exigido, na fase em que ocorre, pelo objeto ou direção específica da conversa em que estamos envolvidos. Trata-se de mecanismos não normativos que regulam a comunicação, tendo por suposto que ao serem aceitos tacitamente pelos interlocutores, de boa vontade, a comunicação, tecnicamente, ocorre de forma mais fluída. Nesse sentido, o filósofo elabora quatro máximas e submáximas: quantidade, qualidade, relação e modo.

Máxima de Qualidade

- "Faça com que sua contribuição seja verdadeira", especificamente:
- "Não diga o que você acredita ser falso"
- "Não diga aquilo que você não tem provas adequadas" (Grice 1975, p. 87)

Máxima da Relação (Relevância)

- "Seja relevante".

Máximas de Quantidade

- Q1: "Faça a sua contribuição tão informativa quanto for necessário (para um propósito de troca)"
- Q2: "Não torne a sua contribuição mais informativa do que é necessário".

Máximas de Maneira

- "Seja claro", especificamente:
- M1: "Evite a obscuridade"
- M2: "Evitar a ambiguidade"
- M3: "Seja breve (evitar prolixidade desnecessária)"
- M4: "Seja ordenado".

Em síntese, essas máximas não funcionam como regras rígidas, mas como diretrizes para que a comunicação seja cooperativa e eficaz. Dessa forma, busca-se alcançar a clareza, sinceridade, pertinência para que a comunicação flua e forneça informações suficientes que tenham sentido.

Grice (1975) postulou que esses princípios são orientados de tal forma que, quando a conversa não flui de acordo com essas especificações, os ouvintes assumem que o falante deixou de cumprir com uma máxima para respeitar outra, este termo pode ser denominado de *flouting*, que significa quebra ou desrespeito com uma máxima. Vejamos um exemplo de Levinson (1983) para ilustrar como essa violação de máxima funciona:

- (1) A: Onde está Bill?
- (2) B: Tem uma VW amarela fora da casa da Susy.

Observamos que, partindo de um ponto de vista literal, B não respondeu a pergunta de A, assim violando a máxima de relevância. No entanto, se recorrermos à implicatura gerada, inferimos que A, talvez, queira dizer que a VW amarela seja de Bill, ou que Bill foi visto saindo dessa VW fora da casa de Susy, ou que Bill esteja na casa de Susy, entre outras possíveis inferências. Nessa perspectiva, Grice entende que os falantes descumprem uma máxima para honrar outra mais importante que, nesse caso, seria a Máxima de quantidade (Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessária).

Em casos deste tipo, as inferências colaboram para preservar as suposições de cooperação; Grice, então, propõe uma segunda concepção para as implicaturas, as implicaturas conversacionais. Estas dizem respeito às inferências pragmáticas, ou seja, diferentemente das pressuposições e implicações, não podem ser relacionadas com palavras e frases específicas do enunciado, mas sim por uma série de elementos contextuais que podem ser identificados na conversação, como o conhecimento de mundo dos interlocutores, crenças, vivências de cada um etc., para compreender o sentido da implicatura gerada.

De acordo com Haugh (2015), ao desenvolver sua teoria da implicatura conversacional, Grice apresentou três afirmações principais. Primeiramente, destacou que as bases científicas subjacentes à implicatura conversacional são transmitidas pelos falantes aos ouvintes com base em pressupostos normativos de interação cooperativa. Grice formalizou essa afirmação ao introduzir o princípio cooperativo e quatro máximas conversacionais correlatas.

Em segundo lugar, as implicaturas conversacionais podem ser contrastadas com outros tipos de implicaturas, como as implicaturas convencionais e implicaturas não convencionais, não conversacionais. Ainda sob este viés, Grice também defende a distinção entre as implicaturas conversacionais que se manifestam por meio de um contexto particular (implicaturas conversacionais particularizadas) e as que dizem respeito à um raciocínio formalizado ou convencionalizado em todos os contextos (implicaturas conversacionais generalizadas).

Por fim, a terceira e última declaração de seu postulado é que as implicaturas conversacionais são elaboradas por meio de um raciocínio ordinário, opondo-se, assim, ao raciocínio unicamente lógico, estas interferências são substancialmente elimináveis, ou seja, no que condiz a uma implicatura conversacional, segundo a definição de Grice, sempre pode ser cancelada. A Figura 1 apresenta os tipos de implicaturas griceanas representadas por Levinson (1983):

FIGURA 1 – IMPLICATURAS GRICEANAS



FONTE: A autora (2024), baseada em Levinson (1983).

Notamos que o autor estabeleceu uma distinção entre implicaturas conversacionais particularizadas e generalizadas, uma distinção que, posteriormente, gerou uma quantidade considerável de debate¹⁴.

2.2.1 Implicaturas Convencionais

Começamos pela definição das implicaturas convencionais; essas se referem diretamente ao significado das palavras, dispensando fatores contextuais no processo interpretativo. Por exemplo, na frase “Ele é um inglês, portanto, é bravo”, inferimos, de acordo com o que foi dito, que o fato dele ser um bravo é uma consequência de sua nacionalidade inglesa. Apesar do indivíduo dizer que ele é inglês e que ele é um bravo, ele não disse (no sentido de dizer) que isso ocorre por ele ser inglês, ainda que tenha certamente indicado, e portanto COMUNICADO. Assim, a implicatura convencional gerada está ligada ao significado lexical da conjunção “portanto”, pois ela não está empregando a função somente de conclusão com relação ao primeiro predicado, mas também uma ideia de situação esperada. Isto posto, compreendemos que as implicaturas convencionais surgem através de inferências não lógicas, isto é, não são calculáveis a partir do “que é dito”, mas que são atribuídas por convenção a determinados itens lexicais ou expressões (Haugh, 2015, p. 48).

Um segundo tipo de situação para ilustrar as implicaturas pode ser retirado de Haugh (2015), que traz um trecho do romance *High Infidelity* como exemplo para este tipo de

¹⁴ Para mais informações, consultar Haugh (2015), Grice (1975), Levinson (2003) e Horn (1984).

implicatura conversacional. No trecho, Rob está tentando descobrir se sua ex-namorada, Laura, dormiu com Ian, ou não (Haugh, 2015):

Rob: - Foi bom?
 Laura: - O que foi melhor?
 Rob: - Bom. Quero dizer, o sexo. Eu acho. Foi melhor com ele?
 Laura: - Meu deus, Rob. Isso é o que realmente está te incomodando?
 Rob: - Claro que sim.
 Laura: - Você acha que isso mudaria alguma coisa?
 Rob: Eu não sei.
 Laura: Bem, a resposta é que eu não sei. Nós não chegamos a ter sexo ainda.¹⁵

(Hornby, 1995, p. 95, tradução nossa)

Como podemos ver, Laura responde que "ainda não o fizeram". No excerto seguinte, podemos ver que Rob interpreta a implicatura gerada "ainda" como algo que Laura ainda planeja fazer, ou seja, ter uma relação sexual com Ian.

Podemos interpretar a nova implicatura da seguinte forma: segundo Haugh (2015), se Laura ainda não dormiu com Ian, pensemos, assim como Ian, que essa ação ainda não ocorreu mas que provavelmente ocorrerá em algum momento no futuro. Embora Rob entenda que a atitude de Laura seja uma ameaça para ele, ele já espera que ela durma com Ian mais cedo ou mais tarde. Desse modo, Laura implica convencionalmente uma postura particular para este estado de coisas, sugerindo-nos que não dormiu com Ian ainda, mas que eventualmente isto poderá acontecer. Portanto, concluímos que as implicaturas convencionais são aquelas responsáveis pelas inferências intencionais do falante, ou seja, o que o falante considera, normalmente, como intenção de implicar algo através de certo enunciado.

¹⁵Texto original:

Is it better?
 Is what better? Is what better than what?
 Well. Sex, I guess. Is sex with him better?
 Jesus Christ, Rob. Is that really what's bothering you?
 Of course it is.
 You really think it would make a difference either way?
 I don't know.' And I don't.
 Well, the answer is that I don't know either. We haven't done it yet.

2.2.2 Implicaturas Conversacionais

Como já vimos anteriormente, as implicaturas conversacionais dependem de um contexto. De acordo com Levinson (2000), o indivíduo pressupõe que ao dizer **p**, o enunciador **E** conversacionalmente implica **q** somente se:

1. Presume-se que você esteja seguindo as máximas
2. a suposição **q** é necessária para manter (1)
3. Você acha que o ouvinte vai perceber (2)

Em vista disso, Grice dividiu as implicaturas conversacionais em duas categorias, conforme pode-se verificar na figura acima: generalizadas e particularizadas. Grosso modo, compreendemos que as implicaturas conversacionais generalizadas são aquelas que não dependem diretamente do contexto de emissão, enquanto as particularizadas são dependentes de um contexto para serem interpretadas. Vejamos como cada uma delas funciona nas definições abaixo:

As implicaturas conversacionais generalizadas (ICG) são aquelas que não necessitam de condições contextuais para serem geradas. Se o falante está observando as máximas de uma maneira bastante direta, ele pode confiar no interlocutor para ampliar o que ele diz por algumas inferências diretas baseadas na suposição de que o falante está seguindo as máximas. Veja o exemplo a seguir:

(10) A: Estou sem gasolina.

B: Tem um posto de gasolina ali na esquina.

De primeira instância B não respondeu à pergunta de A diretamente, mas implicou uma informação útil que poderia ajudar A no fato de estar sem gasolina. Nesse sentido, as ICGs são um conjunto de implicaturas que não requerem um contexto particular para serem inferidas.

As implicaturas conversacionais particularizadas (ICP), como já definimos, são aquelas que tem um significado especial cujo entendimento do que foi implicado depende especialmente de fatores contextuais. Considere a frase “Alguns dos convidados já estão saindo”, vejamos como ela é empregada no contexto das ICPs:

(11) Contexto 1

A: Que horas são?

B: Alguns dos convidados já estão saindo.

PCI: Deve ser tarde.

(Adaptado de Levinson, 2000, p. 16).

A implicatura gerada através do Contexto 1 implica a proposição de que nem todos os convidados estão em processo de sair, que implica na declaração de “Alguns x são C” mas também na interpretação padrão de “Nem todos x são C”. Inferimos a partir do artigo indefinido “alguns” a suposição de que o falante não está em posição de ser específico. Mas que se alguns dos convidados estão indo embora deve ser porque, normalmente, é tarde para estarem numa reunião/festa.

(12) Contexto 2

A: Onde está John?

B: Alguns dos convidados já estão saindo.

PCI: Talvez John já tenha saído.

(Adaptado de Levinson, 2000, p. 17).

O contexto 2 nos mostra que podemos deduzir por meio de fatores contextuais que John já deve ter saído a partir da informação evidenciada por B de que “alguns dos convidados já estão saindo”, e que John, também convidado da reunião/festa, pode estar incluso entre estes “alguns”. Portanto, em vista disso, uma ICP é derivável apenas em um contexto específico.

Por fim, um último tipo de implicatura proposto por Grice são as implicaturas não convencionais. Embora o autor não tenha feito muitas declarações quanto a este último tipo de categoria, ele sugeriu de passagem outras dimensões de estudo para este campo pragmático, como a existência da polidez linguística (Brown; Levinson, 1978/1987). As implicaturas de polidez, para Haugh (2015), partem de uma perspectiva neo-griceana, atribuem crenças ou intenções de polidez ao falante através de uma implicatura. Assim, as implicaturas não-convencionais não fazem parte do significado convencional das expressões linguísticas, pois são capazes de intervir nos princípios conversacionais, podendo ser calculáveis e canceláveis.

(13) Luiz é um aluno aplicado e pontual.

(14) Luiz é um aluno aplicado, mas não é pontual.

(15) Luiz não é um aluno aplicado, mas é pontual.

Entendemos que o exemplo acima não depende de um valor verdadeiro ou falso para ser calculado, do contrário, depende do contexto do enunciado. Além disso, as implicaturas não convencionais podem ser tanto canceladas quanto calculáveis. Podemos inferir em (13) que Luiz é um aluno aplicado e pontual sem nenhuma necessidade de recorrer a um contexto. Entretanto, no exemplo (14), Luiz pode ser um aluno aplicado, espera-se que seja pontual por este motivo, mas a sentença tem uma quebra de expectativa ao usar a conjunção adversativa “mas”, levando o ouvinte a inferir que ele pode até ser bom estudante, contudo, não é pontual. Enquanto em (15), observamos que Luiz não é um bom aluno, levando-nos a calcular que ele seria uma pessoa despreocupada com horários. Apesar disso, há uma quebra de expectativa, novamente, cancelando a implicatura que seria gerada para uma nova de que Luiz, mesmo sendo mau aluno, pode ser pontual.

Ainda com relação à última implicatura apresentada, Grice reconhece em seu artigo que há lugar para novos estudos e contribuições para este tipo de máxima, mas que esta não seria seu foco.

Há naturalmente, toda sorte de outras máximas (de caráter estético, social ou moral), tais como “Seja Polido”, que são normalmente observadas pelos participantes de uma conversação, e estas máximas também podem gerar implicaturas não convencionais. No entanto, as máximas conversacionais e as implicaturas conversacionais que delas dependem estão especialmente correlacionadas (eu espero) com os propósitos particulares a que a fala (e o diálogo) normalmente serve e tem por função primeira servir. Estabeleci minhas máximas como este propósito fosse uma troca de informações maximamente efetiva; esta especificação, naturalmente, é demasiada estreita e o esquema tem que ser generalizado para abranger propósitos gerais tais como influenciar ou dirigir as ações dos outros. (Grice, 1975, p. 88).

Grice especifica a partir de seu pensamento que seu alvo eram as máximas conversacionais e convencionais que estabelecem uma relação direta com o interlocutor, gerando implicaturas pelo falante que devem ser interpretadas cognitivamente pelo ouvinte por meio de um contexto.

Dessa forma, o autor especifica que objetivo geral é estudar o reconhecimento de intenções dos interlocutores através das máximas que os auxilia a cooperar no intercâmbio linguístico, respeitando ou violando uma máxima em detrimento de outra, para manter a inteligibilidade e clareza do discurso. Por fim, Grice (1975) reconhece que há espaço para outras máximas, dando a entender que já se pensava em alguma norma de polidez linguística, mas que ainda não havia sido desenvolvida.

Assim, alguns antropólogos, sociólogos e linguistas passaram a verificar que havia diferenças nas relações interpessoais no comportamento entre diversas culturas, observando

que um grupo poderia ser considerado “mais educado” que outro, que poderia ser definido como rude ou estranho a partir da percepção de outra cultura. Vejamos na próxima seção as contribuições de Brown e Levinson (1978/1987) para a TP.

2.3 TEORIA DA POLIDEZ (*POLITENESS*)

A polidez é um dos fenômenos da comunicação humana mais estudados por diversas áreas de pesquisas acadêmicas, como a Linguística, Sociologia, Psicologia, Comunicação, entre outras. Há cerca de 40 anos, alguns estudiosos manifestavam suas inquietações a partir da definição do termo “polidez” (*politeness*). O Dicionário *Michaelis* mostra-nos dois conceitos para a palavra: a primeira é que a polidez pode ser compreendida como qualidade do que tem boa educação, delicadeza; a segunda definição é que se trata de uma marca de um discurso que revela cortesia, respeito, delicadeza, e que se caracteriza pelo uso de determinadas formas linguísticas, como os pronomes de tratamento “*o senhor e a senhora*” em lugar de “*você*” e de certas expressões, como *por favor* e *por gentileza*, que amenizam a força de mando contida no imperativo, e outras formas de expressão.

Em vista disso, entendemos que existe a noção de polidez entre as pessoas comuns, ou seja, aquelas que experimentam interações educadas ou indelicadas em seu cotidiano. Para essas pessoas, como foi visto na definição do dicionário *Michaelis*, a polidez diz respeito ao que elas acham agradável ou não em determinado contexto rotineiro, ou o que elas acham correto ou não cortez como se o significado da palavra estivesse ligado a um conjunto de regras de etiqueta para conviver em sociedade.

Diante de muitos debates acadêmicos, Watts, Ide e Ehlich (1992, p. 2-3) introduzem um novo conceito para o termo. Eles dividem a Polidez em duas categorias: *Polidez de primeira ordem* e *Polidez de segunda ordem*. A *polidez₁* ou *polidez de primeira ordem* busca avaliar como o comportamento im/polido do falante é percebido e falado por membros de grupos socioculturais. A *polidez₂* ou *polidez de segunda ordem*: é um termo dentro de uma teoria do comportamento social do uso da linguagem. Essas noções de ordem de Polidez foram propostas por Watts a partir da ideia de que era necessário diferenciar o termo entre “senso comum” e “científico” para dar continuidade ao tema.

Também sobre os mesmos conceitos, Culpeper (2012) indica que a polidez de primeira ordem, conforme discutida nos modelos clássicos, baseia-se em teorias pragmáticas clássicas, como a Implicatura Conversacional e a Teoria dos Atos de Fala. Esses modelos, notadamente os de Brown e Levinson, propõem estratégias superiores relacionadas ao grau de

ameaça à face, onde um ator racional seleciona uma estratégia apropriada para contrabalançar a ameaça esperada à face.

Por outro lado, a polidez de segunda ordem envolve estratégias destinadas a reparar a face positiva do interlocutor, muitas vezes por meio de indireções que aumentam a opção para o ouvinte e diminuem a força ilocucionária. No entanto, a indireção pode aumentar a impolidez ao expressar crenças impolidas. A interpretação da direção varia de acordo com a cultura, e a complexidade do contexto é fundamental na análise da polidez, incluindo fatores como poder, distância social e objetivos interacionais. A polidez de segunda ordem, portanto, aborda a gestão da face, dos direitos de socialidade e das metas interacionais, sendo essencial para a harmonia nas interações entre as pessoas (Culpeper, 2012).

2.3.1 As Máximas de Polidez de Lakoff

Robin T. Lakoff é uma linguista estadunidense, conhecida no campo da Pragmática por suas pesquisas em gênero e linguagem. Ela foi uma das primeiras linguistas a desenvolver a TP. Em seus escritos, *Logic of politeness: or minding your p's and q's* (1973), a autora determina duas regras para o Princípio da Polidez com base no PC de Grice (1975):

Formalidade/distância: não se imponha ou se mantenha distante;

Deferência: dê opções;

Camaradagem: seja simpático, de modo a fazer com que seu interlocutor se sinta confortável.

Quando falamos, não prestamos atenção somente na informação que estamos produzindo, mas buscamos um cuidado com o impacto que as nossas palavras vão causar nos nossos interlocutores. Por mais que a mensagem seja expressada com clareza, interpretações erradas poderão ocorrer. Em vista disso, a polidez é um ponto básico na interação humana, pois ela tem a finalidade de preservar uma boa relação entre os indivíduos, assim evitando a imposição e oferecendo a possibilidade da outra pessoa fazer escolhas em suas respostas.

Assim, partimos da compreensão de que cada uma dessas regras almeja que o interlocutor se sinta confortável na nossa presença, tornando o ambiente agradável e acolhedor para o ouvinte.

politeness refere-se à preservação de uma imagem positiva da face ou autoestima, que a pessoa desfruta como um reflexo dessa característica perante os outros. *Neg-politeness*, por sua vez, visa evitar a perda da face, entendida como a diminuição da autoestima devido ao rebaixamento dessa pessoa aos olhos dos outros.

Além das nomenclaturas próprias para o conceito de face, Leech estabelece seis máximas de polidez que seriam cumpridas pelo falante ao observar o Princípio de Polidez:

- (1) Máxima de tato: diminuir o custo de O, e maximizar o benefício de O;
- (2) Máxima de generosidade: Minimizar o benefício de F, maximizar o custo de F;
- (3) Máxima de aprovação: Minimizar a rejeição de O, maximizar os elogios de O;
- (4) Máxima de modéstia: Minimizar elogios a F, e maximizar a censura de F;
- (5) Máxima de acordo: Minimizar desacordo entre F e O; maximizar a concordância entre F e O;
- (6) Máxima de simpatia: Minimizar a antipatia entre F e O; maximizar a simpatia entre F e O.

Portanto, o PP é um princípio responsável pela conduta dos indivíduos, além de estabelecer um caminho entre a distância social a intenção dos interlocutores, ele mantém o equilíbrio das relações humanas a partir dessas estratégias.

Apesar de a teoria de Leech ser bastante conhecida e respeitada, ela recebeu várias críticas. Alguns críticos alegaram que o autor produziu um excesso de máximas sem justificar a sua aplicabilidade no mundo real. Por outro lado, sua teoria contribuiu para o desenvolvimento de novas propostas teóricas ligadas à primeira onda de estudos da polidez discutidas até aqui e que serão discutidas neste capítulo.

Passaremos agora a descrever a teoria que veio logo depois chamada de *Politeness* escrita por Brown e Levinson (1978/1987).

2.3.3 Teoria da Polidez de Brown e Levinson

A TP foi desenvolvida por Penelope Brown e Stephen Levinson em 1978, quando os autores apresentam uma série de pontos teóricos e metodológicos importantes para os campos da Linguística e Sociologia, incluindo indagações sobre a qualidade das relações sociais humanas. Brown e Levinson (1978/1987) enfatizam seus objetivos centrais logo no início de sua obra. Os autores buscam, com a TP, identificar os princípios universais e sociais que

influenciam as estruturas gramaticais, demonstrando como a racionalidade e sua aceitação mútua pelos participantes são cruciais na extração inferencial do significado das palavras, do tom e dos gestos na interação. Além disso, a TP permite analisar como as mensagens são construídas por meio de interações sociais estrategicamente mediadas pela linguagem, e como as diversidades superficiais podem surgir a partir de princípios universais subjacentes, sendo satisfatoriamente explicadas por esses princípios.

Os autores refletem sobre seus problemas iniciais para alcançar os propósitos mencionados acima, analisando como o uso da linguagem da polidez formal serve para realizar pedidos (em algumas línguas) através da elaboração de expressões indiretas (implicaturas), como “A casa não foi limpada a semana inteira. Está muito suja”, ou então, por meio do uso estratégico da linguagem para expressar similaridade social e pertencimento ao grupo, como em “Vamos agilizar a tarefa, pessoal!”. À vista disso, Brown e Levinson buscam responder a sua hipótese de pesquisa: que tipo de suposições e que tipo de raciocínio são utilizados pelos participantes para produzir tais estratégias universais de interação verbal? Dessa maneira, é fundamental compreender que o conceito de “querer dizer” (*implicate*) pode não ser o que realmente foi “implicado” (*implicated*), como já vimos em Grice (1975).

Assim, a Teoria da Polidez define uma ampla gama de eventos comunicativas cujo propósito principal não é diretamente benéfico para o falante, mas para o ouvinte. Nesse sentido, a ideia central da teoria é que, ao nos dirigirmos a uma pessoa, demonstramos um cuidado específico com a maneira como nos expressamos para ela, isto é, selecionamos as palavras mais apropriadas para comunicar nossa intenção. Esse cuidado, destacam, depende de uma variedade de fatores, como os sociais, hierárquicos, etários, de autoridade, de intimidade, e do contexto em que a interação ocorre. Essas são algumas das variáveis que determinam o grau de distância entre os interlocutores durante a conversa.

Escandell Vidal (1996) destaca que aprender a se comportar de acordo com as normas que fazem parte de nossa sociedade não significa que devemos segui-las rigorosamente, mas que é necessário conhecê-las para que possamos violá-las. Para a linguista, o uso da linguagem tende a manter o equilíbrio entre as diferentes posições que se relacionam no discurso. Dessa maneira, Brown e Levinson (1978/1987) retomam o conceito de *face* baseado nos escritos de Goffman (1967), para quem a face pode ser emocionalmente investida, perdida, mantida ou reforçada, e que demanda ser constantemente atendida durante a interação.

Simplificando a noção de face, as pessoas cooperam e pressupõem uma cooperação mútua para manter a face durante a interação. Uma parcela significativa dos falantes tende a

buscar uma boa imagem nas relações sociais, evitando prejudicar, quebrar ou maltratar a face do outro. Nessa perspectiva, compreendemos que a face é vulnerável. Todo ser humano está sujeito, durante uma interação social, a ter sua face preservada ou comprometida.

Os autores entendem que todos membros adultos linguisticamente competentes de uma sociedade têm uma face (e também sabem que os outros indivíduos tem essa face). Ela seria a autoimagem pública que todo falante deseja reivindicar para si, consistindo em dois aspectos relacionados: *Face negativa*, a reivindicação básica de territórios, desejo de liberdade de ação, de não sofrer imposições pelos outros; e a *Face positiva*, o desejo de ser apreciado e aprovado pelos demais participantes da interação e que estes partilhem dos mesmos desejos.

Os autores da TP argumentam que a face nada mais é que aspectos que devem ser tratados como desejos básicos, que cada membro tem consciência que todos os outros membros desejam o mesmo para si, em geral, é do interesse de cada membro satisfazê-lo parcialmente. Em segundo lugar, a face pode ser, e é habitualmente, ignorada, não só em casos de afronto social, mas também em casos de cooperação urgente, ou no interesse da eficiência da mensagem comunicada.

Também é abordado o conceito de *Racionalidade*, indicando que cada indivíduo possui certas capacidades racionais, em especial, formas coerentes de raciocinar a partir das finalidades para os meios que permitirão chegar nesses fins. Essa ideia está vinculada ao PC. Em relação à noção de racionalidade, Brown e Levinson se inspiraram no modelo de Aristóteles (1998) para a aplicação de um raciocínio específico – “raciocínio prático” cuja concepção se dá ao garantir inferências de fins ou objetivos para meios que satisfarão esses motivos.

Da mesma forma que a lógica padrão tem uma relação de consequência que nos levará de uma proposição a outra preservando a verdade, um sistema de raciocínio prático deve permitir que se passe dos fins aos meios e a outros meios, preservando a “satisfação” daqueles que significam. Exemplifiquemos esse pensamento através de uma representação abaixo:

(16) Vote!
(Vote no Wilson!) ou (Vote no Heath!)¹⁶

(Brown; Levinson, 1978/1987, p. 64, tradução nossa).

¹⁶ Texto original: Vote! (Vote for Wilson!) or (Vote for Heath!).

Podemos inferir em relação ao que foi exposto que, se eu quero, ou devo, ou fui ordenada a votar, então, para satisfazer esse desejo ou ordem, devo votar em Wilson ou em Heath, ou em qualquer pessoa que satisfaça a ordem de votar.

Desse modo, os autores defendem que a noção de imagem pública e da necessidade social de se orientar por essa imagem na interação é universal, além do próprio conhecimento mútuo da autoimagem dos membros. Podemos entender que essa noção determina os comportamentos sociais que variam de uma cultura para outra, mas que serve para manter a face dos interlocutores.

Mas como funciona a polidez? Partimos da ideia de que todos os indivíduos tem sua imagem pública, a de querer mantê-la a salvo, de modo a ser compreendido, aprovado ou até mesmo admirado. Como mencionamos acima, a Polidez não é uma regra rígida de conduta, os interlocutores podem desrespeitá-la. Por outro lado, há vários tipos de ações que são ameaçadoras e que geram conflitos de interesses, e que assim, podem colocar a face do outro em perigo. A respeito desses atos que ameaçam a imagem pública dos interlocutores, a TP os define como *Face-threatening acts* (Atos ameaçadores à face) – entendemos que o falante também pode ter a intenção de ameaçar a face do ouvinte, entretanto, o ideal é que o falante busque formas de suavizar a ameaça da face, sendo necessária assim, a polidez.

Levando em consideração as premissas da universalidade da face e da racionalidade, é instintivo que existirão certos tipos de atos que podem ameaçar a face, que são contrários aos desejos da face do ouvinte e/ou do falante. Com o objetivo de desenvolver os graus de uma FTA, Brown e Levinson (1978/1987) sugerem uma espécie de cálculo que todo indivíduo aparenta fazer ao produzir um enunciado numa interação, que pode ser dividida em três fatores sociológicos que são de suma importância tanto para o falante quanto para o ouvinte:

Poder relativo (P) de um ouvinte O com relação ao falante F

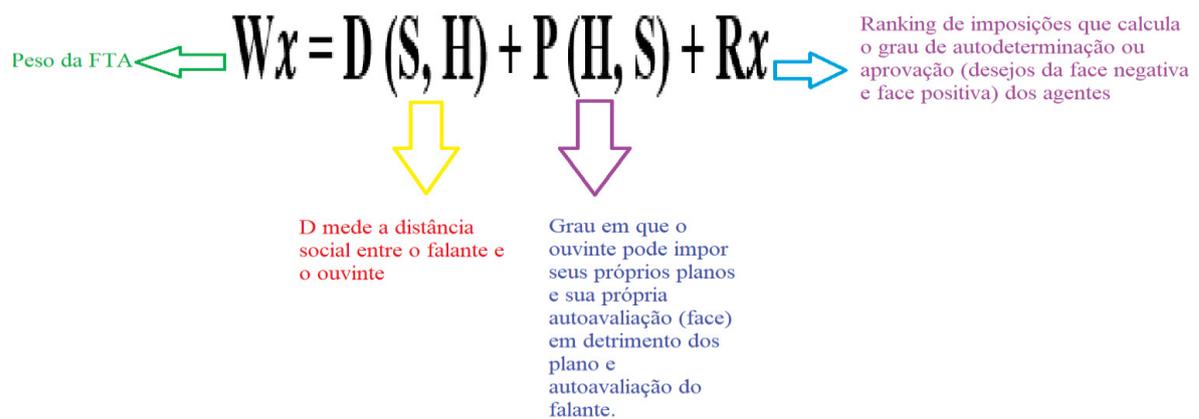
Distância social (D) entre F e O.

Grau de imposição (R) ao executar uma FTA, um determinado ato que diz respeito a imagem pública.

Assim, ao calcular o peso (W_x) de uma FTA, podemos dizer que cada FTA x é composta por um risco de ameaça para a face de F e para a face de O, proporcionalmente relativo à natureza da FTA. Dessa maneira, pedidos de desculpas e confissões, essencialmente, ferem a face do falante F, pois entende-se que o falante se encontra em uma

situação relativamente humilhante para ele mesmo ao pedir desculpas ou confessar algo a alguém, enquanto conselhos e ordens são basicamente ameaças a face do ouvinte O, pois o ouvinte tem sua face exposta e seus desejos impedidos por um conselho ou ordem de F. Por fim, pedidos e ofertas geralmente ameaçam a face de ambos os participantes. O peso de uma FTA pode ser calculado conforme a Figura 3 aponta.

FIGURA 3 – CÁLCULO DO FTA

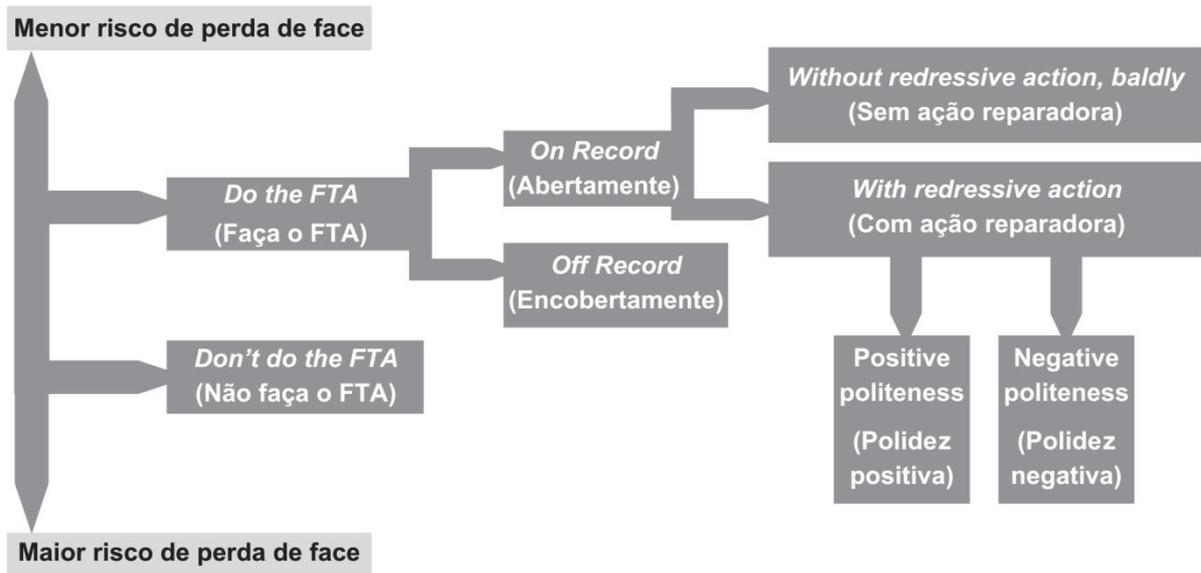


FONTE: Adaptado de Brown e Levinson (1978/1987, p. 76).

O somatório de Wx equivale a um valor que determinará o nível de polidez entre os interlocutores.

Além do cálculo do peso de uma FTA, os autores da TP estabelecem um conjunto de estratégias conversacionais que são usadas para reparação de suas faces, tendo em vista que possuem um caráter vulnerável, é importante que existam estratégias para considerar a manutenção das faces diante dessas situações ameaçadoras, em acordo com o que mostra a Figura 4.

FIGURA 4 – ESCOLHA DA ESTRATÉGIA DE POLIDEZ



FONTE: Adaptado de Brown e Levinson (1978/1987, p. 60-69).

Brown e Levinson desenvolvem 10 estratégias de polidez negativa e 15 de polidez positiva. No contexto de vulnerabilidade mútua da face, qualquer agente racional busca evitar as FTAS, ou busca empregar certas estratégias para minimizar a possível ameaça da face. De uma forma mais simples, o falante deve levar em conta o peso relativo de, pelo menos, três desejos: o desejo de comunicar o conteúdo de uma FTA x, o desejo de ser eficiente ou urgente, e o desejo de manter a face do ouvinte em qualquer situação. Observemos as estratégias abaixo:

- I) Abertas e diretas (*on record, without redress, baldly*)
- II) Abertas e indiretas, polidez positiva (*on record, with redress, with positive politeness*)
- III) Abertas e indiretas, polidez negativa (*on record, with redress, with negative politeness*)
- IV) Não fazer a FTA

Uma estratégia aberta e direta (*on record, without redress, baldly*) é usada quando o falante tem a intenção comunicativa de ser claro e direto em sua fala, sem ambiguidades. Como nas máximas de Grice: seja claro, conciso e evite ambiguidades. Essa estratégia pode ser usada em casos emergentes como um pedido de ajuda ou uma ordem. Por exemplo: a) Socorro! Me ajudem! Estou me afogando! B) Preste atenção!

A segunda estratégia além de aberta, também pode ser indireta, com polidez positiva (*on record, with redressive, positive politeness*). Nesses casos, polidez positiva é orientada para a face positiva do ouvinte, a autoimagem positiva que ele reivindica para si mesmo. Ou seja, parte-se do princípio que F respeita e se preocupa com os desejos de O, de modo a trata-lo como membro de seu grupo, um amigo, uma pessoa cujos desejos e traços de personalidades são reconhecidos e apreciados). Tecnicamente, F considera que O é, em certos aspectos, “igual” a ele, com direitos e deveres de pertencer a grupo e com expectativas de reciprocidade. Por exemplo: a) Precisamos agilizar esse trabalho para entrega-lo o mais rápido possível. b) Pode abaixar a música só um pouquinho, por favor?

A polidez negativa (*on record, with redressive action, negative politeness*), por outro lado, é guiada principalmente por uma satisfação parcial (reparo da face) do ouvinte, ou seja, há um desejo básico de manter as imposições de território e autodeterminação. Desse modo, a polidez negativa é baseada na evitação de conflitos, buscando suavizar e criar estratégias para não ferir a face do ouvinte. Essa estratégia consiste em assegurar que o falante reconhece e respeita os desejos da face negativa do ouvinte e que não irá interferir (ou apenas minimamente) na liberdade de imposição de seu interlocutor. Assim, a polidez negativa é usada, geralmente, para atenuar pedidos quando o falante não tem muita intimidade com o ouvinte, demonstrando um caráter respeitoso com a situação comunicativa. O falante busca utilizar formas indiretas do discurso para realizar essa estratégia. Por exemplo: a) O senhor poderia desconectar o aparelho da tomada? B) Queria lhe pedir, se não for muito incômodo, que você fosse ao mercado amanhã.

Ao não fazer o uso de uma FTA, o falante pode escolher uma estratégia na qual encobre sua verdadeira intenção, ele deixa a cargo do ouvinte a interpretação de seu enunciado, de modo a não se responsabilizar pela implicatura gerada. Nesse tipo de FTA, o falante almeja mascarar/disfarçar sua real intenção comunicativa através de implicaturas, fazendo com que o o ouvinte decida como interpretar o que lhe foi dito. Essa estratégia pode ser encontrada em declarações irônicas, ambíguas, hipérbolas, metáforas, e etc. Por exemplo: a) A louça está suja na pia tem dois dias; b) Esse artigo precisa de várias correções.

A TP cuida da preservação da face dos interlocutores; da imagem pública que cada indivíduo tem para si mesmo, essa imagem está sempre vulnerável e em ameaça por futuras invasões de território e agressões em potencial. Dessa maneira, as FTAs funcionam para amenizar e reparar constantemente essas possíveis ameaças da face dos interlocutores. Essa teoria é importante para os estudos da linguagem, como para pragmática, para a sociologia e

antropologia, pois reflete sobre as relações sociais humanas, assegurando, em tese, um ambiente mais amistoso e harmônico para não prejudicar o interlocutor.

Apesar dessas contribuições da TP, também vimos que ela não é de uso obrigatório às interações diárias, as pessoas também podem não fazer questão de respeitar as FTAs, intencionalmente ou não. Diferentemente do uso da polidez, existe a impolidez que lida com a indelicadeza dos enunciados, com a indiferença, com a má educação, com a intimidação, com ameaças, provocações e intimidações, e assim por diante, por parte do falante para o ouvinte, e vice-versa. Em vista disso, entendemos que a TP proposta por Brown e Levinson (1978/1987) contribuiu de uma forma significativa para a Pragmática, mas também deixando espaço para a exploração de outro campo, como os estudos da Impolidez. Vejamos no seguinte capítulo suas funcionalidades e estratégias como potencial de danos à face.

3 A IMPOLIDEZ E SEUS ASPECTOS LINGUÍSTICOS

A impolidez é um campo de estudo multidisciplinar. Ela pode ser estudada a partir da psicologia social (estudos da agressão verbal), da sociologia (principalmente abuso verbal), dos estudos de conflito (especialmente a resolução de conflitos verbais), dos estudos de mídia e discurso (TV e entretenimento), dos estudos de negócios (no que diz respeito às interações no local de trabalho), da história (história social), entre outras disciplinas. Assim como a polidez é uma área de estudos da Pragmática, a impolidez tem conquistado seu espaço ao longo dos anos.

3.1 VISÃO GERAL DA IMPOLIDEZ EM PRAGMÁTICA

Segundo Culpeper (2011), a sociopragmática é uma área da linguística pragmática que se concentra na comunicação e na interação sociolinguística. Embora haja muitos estudos sobre polidez nesse campo, nos últimos anos, tem havido um aumento no número de pesquisas sobre impolidez. Leech (1986, 2003) observa que, assim como a polidez é uma parte das interações humanas, também existe um espaço para entender a impolidez e o comportamento comunicativo humano.

Por contraste, a teoria mais tradicional de polidez, formulada por Brown e Levinson (1978/1987), tende a negligenciar as dinâmicas de impolidez. Esta teoria foca principalmente em como as pessoas lidam com as ameaças à sua "face" (a imagem pública ou dignidade própria e dos outros) durante a comunicação. Segundo eles, a impolidez é vista como uma ação que coloca em risco uma ou ambas as faces, podendo manifestar-se de diversas maneiras, como ignorar as necessidades do interlocutor ou infringir a autonomia de alguém.

Eelen (2001) e Culpeper (2011) argumentam que os estudos de Brown e Levinson parecem enquadrar a impolidez como uma forma de falha pragmática, uma consequência da não observância das estratégias das *Face Threatening Acts* (FTAs), ou um comportamento simplesmente anômalo, não digno de consideração (Culpeper, 2011, p. 7).

Diferentemente de Brown e Levinson que entendem por FTA o aspecto de salvar a autoimagem e imagem do interlocutor por meio ações reparadoras, Culpeper propõe um outro termo para a noção de FTA proposta por Goffman (1967, 2011). Apesar de Goffman (1967) mencionar superficialmente sobre *aggressive facework*, tratamento de face agressivo, ele não discute sobre como um “ataque” à face ocorre. Dessa maneira, o autor sugere o termo de “ataque de face” ao invés de ameaça à face.

O trabalho de polidez, conforme concebido por B&L, consiste em reconhecer o potencial de ameaça à face de um ato por meio de ações reparadoras. A impolidez é um pouco diferente: ela é constituída por palavras e ações que, por si só, são consideradas prejudiciais à face. A semântica de "ameaça" anuncia danos futuros; esse sentido não é apropriado aqui. É melhor reconhecer a diferença com uma terminologia diferente e, portanto, com relação à face, prefiro "ataque à face".¹⁷ (Culpeper, 2011, p. 118, tradução nossa).

Portanto, o autor se dedica a definir de forma abrangente os aspectos relacionados à impolidez, desenvolvendo seu próprio método para abordar as questões da face e dos fenômenos dos ataques à face, identificando os tipos de face envolvidos e os outros conceitos necessários para uma explicação adequada. Além disso, ele incorpora o conceito de *rappor management* (gerenciamento de relacionamentos), elaborado por Spencer-Oatey (2002, 2008).

Há uma variedade de formas de atacar a face do nosso interlocutor quando se trata de impolidez. Tradicionalmente, associamos a impolidez a situações onde alguém é grosseiro, insulta, usa palavrões, diminui a outra pessoa para causar dor, entre outras atitudes. Não apenas isso, podemos demonstrar impolidez de diversas maneiras linguísticas, como gritar, interromper, ignorar, mudar de assunto e outras. No entanto, neste estudo, nosso foco está exclusivamente nas formas linguísticas de impolidez, deixando de lado gestos físicos, expressões faciais e tom de voz do falante.

Conforme Culpeper (2011), a definição de impolidez é complexa devido ao fato de que certos comportamentos verbais, embora geralmente considerados impolidos, podem não ser interpretados dessa forma dependendo do contexto. Por exemplo, gritar e usar palavrões com uma pessoa idosa é altamente ofensivo. No entanto, se essas mesmas ações ocorrerem em meio a uma multidão em um estádio de futebol, elas são socialmente aceitáveis em nossa cultura ocidental. Portanto, a impolidez é altamente relativa e contextual. Sua interpretação depende da análise do que é dito e feito e de como isso se relaciona com a situação em questão.

A impolidez envolve duas características, segundo Culpeper (2011). Ela pode ser uma atitude mental mantida por um participante e composta de crenças avaliativas como negativas sobre determinados comportamentos em contextos sociais específicos. A noção do conceito de atitude é amplamente reconhecida na psicologia social e na pesquisa sobre atitudes linguísticas. Ela se refere a uma resposta positiva ou negativa a estímulos e inclui

¹⁷ Texto original: Politeness work, as conceived by B&L, is about acknowledging the face-threatening potential of an act through redressive actions. Impoliteness is rather different: it is constituted by words and actions which themselves are taken as damaging face. The semantics of 'threat' herald future damage; this sense is not appropriate here. It is better to recognise the difference with different terminology, and thus with respect to face I prefer 'face-attack.

aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais. Com relação à polidez, os autores partem da ideia de que ela é subjetiva e avaliativa, concepção compartilhada por Eelen (2001), Watts (2003) e Spencer-Oatey (2005). Já Haugh (2015) refere-se a ela mais especificamente como uma "atitude interpessoal", observando também que essa atitude pode ser expressa no discurso.

A impolidez, portanto, não é inerente ou natural. Ao executarmos uma atividade ou expressarmos algo, o ouvinte pode interpretar isso como negativo, conforme o contexto em que está inserido, suas crenças, opiniões, experiências, entre outros fatores. Uma atitude impolida pode gerar efeitos cognitivos no ouvinte, os quais podem ser positivos (caso o interlocutor mantenha uma relação próxima e esteja "brincando" ou sendo irônico de maneira amigável) ou negativos e afetivos. Obviamente, não podemos acessar diretamente as intenções das pessoas. O que merece destaque é a relativa percepção do contexto pelo interlocutor e como essa percepção influencia sua interpretação.

Nesse sentido, Culpeper (2005, p. 38) argumenta que a impolidez ocorre quando: a) o falante comunica um ataque facial intencionalmente¹⁸, ou b) o ouvinte avalia e/ou interpreta o comportamento como uma atitude intencional de ataque à face, ou combinação de a) e b).

Embora essa definição reforce a noção da impolidez como ataque facial, ela não conceitua exatamente o que é a impolidez em si. Vejamos o conceito da impolidez nas interações sociais:

A impolidez é uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. Ela é sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outros na interação. Os comportamentos situados são vistos de forma negativa - considerados "indelicados" - quando entram em conflito com a forma como se espera que eles sejam, como se deseja que eles sejam e/ou como se pensa que eles deveriam ser. Esses comportamentos sempre têm ou se presume que tenham consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, eles causam ou se presume que causam ofensa. Vários fatores podem exacerbar o quanto um comportamento impolido é considerado ofensivo, inclusive, por exemplo, se alguém entende que um comportamento é fortemente intencional ou não.¹⁹ (Culpeper, 2011, p. 23, tradução nossa).

¹⁸ Culpeper (2011) entende que a Impolidez não depende das intenções, pois as vezes falamos coisas sem a intenção de ofender nosso interlocutor. Por exemplo: Dois grupos de amigos estão falando sobre celulares, e um deles, sem se dar conta de que o seu amigo tinha um celular da Samsung, diz que todos os celulares da Samsung não prestam. O amigo, provavelmente, deve ter ficado ofendido com a situação. Entretanto, sabemos devido ao contexto que, como o falante não sabia que seu amigo tinha um celular da Samsung, não pensou que aquilo poderia chateá-lo. Dessa forma, o falante atacou a face do seu amigo sem intenção. Dito isto, Culpeper defende a importância do contexto nas relações interacionais.

¹⁹ Texto original: Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and /or beliefs about social organisation, including, in particular, how one

Como a impolidez é amplamente reconhecida pelos usuários da língua, ela conquista seu espaço nos estudos de (im)polidez da segunda onda. Culpeper entende que o fenômeno se correlaciona com uma atitude negativa que quebra as expectativas dos interlocutores por meio de gestos, fala, escrita, que envolve sentimentos como raiva, indignação, tristeza etc. Esses comportamentos “negativos” são vistos como rudes, indelicados e mal-educados quando entram em conflito com os desejos e a perspectiva do ouvinte, pois as pessoas esperam ser tratadas de uma forma mais polida e com educação em suas relações sociais. Em vista disso, podemos dizer que a impolidez envolve o comportamento comunicativo que causa um “ataque de face” de um alvo, ou que seja interpretada por esse alvo como tal.

Ao longo de sua obra, Culpeper (2011) justifica o motivo para usar a palavra “*impoliteness*”, impolidez, ao invés de sinônimos, como rudeza, abuso verbal, agressão verbal, descortesia etc. É válido frisar que os dados do autor dizem respeito à língua inglesa, de forma que não temos uma pesquisa desenvolvida que abrigue dados do português brasileiro para gerar sinônimos e termos equivalentes da palavra em questão. Assim, ele explica que o termo impolido foi o de menor índice de uso entre todas as outras palavras retiradas do *Oxford English Corpus* e do programa de análise estatística de colocações gramaticais *Sketch Engine*²⁰.

O autor se inspira no conceito de Spencer-Oatey (2002, 2005, 2007) de relações interpessoais e *facework* para desenvolver suas estratégias para descrever e explicar a impolidez. Além disso, ele estabelece uma relação com os pensamentos de Grice (1975) entre significado natural e significado não natural. Para que um enunciado seja considerado não natural, ele não deve apenas ter sido proferido com a intenção de induzir uma crença no ouvinte, mas também o falante deve ter pretendido que sua “audiência” reconheça a intenção por trás do enunciado (Culpeper, 2005, p. 39). Nessa perspectiva, a impolidez possui duas esferas: a informação ofensiva que está sendo expressa pelo enunciado e a informação de que essa informação está sendo expressa intencionalmente. Culpeper (2005) frisa que reconhecer as intenções é demasiado problemático: elas devem ser inferidas na comunicação. Assim, ele

person's or a group's identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively – considered ‘impolite’ – when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not.

²⁰ Consultar www.sketchengine.co.uk.

desenvolve estratégias de impolidez para facilitar o reconhecimento das intenções na interação social humana.

Como observado no capítulo anterior, Brown e Levinson (1978/1987) postulam que todos os membros adultos competentes de uma sociedade possuem uma face e estão cientes disso. Esses autores entendem que a face corresponde à imagem pública que cada indivíduo deseja manter, composta por dois aspectos inter-relacionados: a *face negativa*, relacionada à liberdade de ação e de imposição, e a *face positiva*, que se refere ao desejo de ser apreciado e aprovado pelos outros.

No entanto, Culpeper (2011) considera essa definição demasiadamente restrita quando comparada à abordagem de Goffman (1967), que concebe a face não apenas como os valores positivos que um indivíduo deseja para si mesmo, mas também como aquilo que pode ser reivindicado em relação a si mesmo com base nas percepções dos outros. Portanto, perder a face implica sentir-se desconfortável com a maneira como somos percebidos pelos outros. Culpeper (2011) ressalta que essa interdependência social ausente na definição de Brown e Levinson é abordada por Spencer-Oatey (2007).

Em vista disso, podemos estabelecer um paralelo entre a concepção de face de Goffman e Spencer-Oatey (2007, p. 643). Ambos os autores reconhecem que a face consiste em atributos "positivos", embora esses atributos possam ser interpretados e avaliados de maneiras distintas por diferentes indivíduos (Culpeper, 2011, p. 25). Culpeper ilustra a noção de comportamentos potencialmente impolidos ao relatar o comentário de Spencer-Oatey sobre muitos adolescentes do ensino médio na Inglaterra, que temem perder prestígio entre seus colegas se eles se demonstrarem muito intelectuais ou aplicados, preferindo ser rotulados como "descolados" em vez de inteligentes ou esforçados (Spencer-Oatey, 2007 *apud* Culpeper, 2011).

Nesse sentido, compreendemos que o que pode ser avaliado negativamente por alguns pode ser avaliado positivamente por outros. Além disso, Culpeper compara essa ideia ao fato de que certos grupos de adolescentes se opõem aos valores defendidos pelo mundo adulto: ser educado não é considerado "legal"; é mais descolado ser impolido, falar palavrões e responder às pessoas com rispidez. Portanto, de acordo com o autor, a face não se restringe aos aspectos imediatos do eu, como habilidades, disposição e aparência, mas inclui tudo com que o "eu" se identifica, como família, escola e posses. Isto posto, concluímos que as reivindicações da face variam de pessoa para pessoa.

Para elaborar suas estratégias de impolidez, Culpeper argumenta que precisava de uma estrutura bem mais complexa que a proposta por Brown e Levinson (1978/1987) para

analisar os tipos de ofensas envolvendo a face dos interlocutores. Assim, a pesquisa de Spencer-Oatey exerceu um papel fundamental na construção dessas estratégias para Culpeper. A autora elaborou um quadro para os componentes de relacionamento, chamados de *rapport management*, que tratam das relações da face por um viés mais distante do conceito proposto por Brown e Levinson (1978/1987) sobre a autonomia individual. Essa concepção é embasada no conceito de identidade nos estudos da psicologia social e estudos da comunicação. Vejamos abaixo o quadro elaborado pela autora:

QUADRO 2 – NOÇÃO DE FACE E GERENCIAMENTO DE RELACIONAMENTO

<p style="text-align: center;">Face</p> <p>(definida como "o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma [sic] pela linha que os outros presumem que ela adotou durante um determinado contato").</p>	<p style="text-align: center;">Qualidade de face</p> <p>"Temos um desejo fundamental de que as pessoas nos avaliem positivamente em termos de nossas qualidades pessoais, por exemplo, nossa confiança, habilidades, aparência, etc."</p> <p style="text-align: center;">Face de identidade social</p> <p>"Temos um desejo fundamental de que as pessoas reconheçam e defendam nossas identidades ou papéis sociais, por exemplo, como líder de grupo, cliente valioso, amigo próximo."</p>
<p style="text-align: center;">Direitos de sociedade</p> <p>(definidos como "direitos pessoais/sociais fundamentais que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma em suas interações com os outros").</p>	<p style="text-align: center;">Direitos de equidade</p> <p>"Temos a crença fundamental de que temos direito à consideração pessoal dos outros, para que sejamos tratados de forma justa, para que não sejamos indevidamente impostos ou injustamente ordenados, para que não sejamos aproveitados ou explorados e para que recebamos os benefícios a que temos direito."</p> <p style="text-align: center;">Direitos de associação</p> <p>"Temos uma crença fundamental de que temos o direito de nos associar a outras pessoas de acordo com o tipo de relacionamento que temos com elas".</p>

FONTE: Adaptado de Culpeper (2005, p. 40).

A respeito da face de qualidade quando envolvida numa situação de impolidez, há indícios de ataques na fala do interlocutor na interação social. Culpeper desenvolve exemplos para retratar cada conceito de *rapport management* defendido por Spencer-Oatey (2007). Observemos como a face de qualidade funcionaria num diálogo entre dois amigos:

Entrei no quarto masculino de meu colega de apartamento pouco antes de sair.
 Matt: Você não vai sair com isso, vai?
 Eu: [com vergonha] sim, cala a boca! [em tom de brincadeira].²¹

(Culpeper, 2011, p. 28, tradução nossa).

No que concerne à relação social de identidade de face, ela se refere a qualquer grupo do qual uma pessoa seja membro e com o qual se preocupe, assim como pequenos grupos, tais como a família, e grupos maiores, como o grupo étnico, o grupo religioso, ou a nacionalidade de uma pessoa (Culpeper, 2011, p. 29).

De fato, os papéis podem englobar tanto a face de identidade social quanto a face relacional ou ser mais voltados para uma dessas categorias. Conforme o autor, se um professor disser que fica ofendido com comentários sobre os professores terem uma vida tranquila porque, ao que tudo indica, tiram férias tão longas, isso seria uma crítica sobre todos os membros do grupo de professores – uma questão de **identidade social**. Por outro lado, se ele disser que não simpatiza com as necessidades e desejos de seus próprios alunos, isso seria um comentário crítico envolvendo uma questão de **relação de face**. Observe-se outro exemplo do autor:

[...] Estávamos jogando futebol americano e um dos meus companheiros foi atacar quem estava com a bola. A pessoa com a bola mergulhou no chão para evitar o golpe. Meu companheiro de equipe então voltou-se para mim para reclamar dele. “é porque ele é vegetariano, uma porra de vegetariano”, disse. Então respondi “também sou vegetariano”. Ele então começou a se desculpar antecipadamente, mas eu disse a ele para sair da minha frente! [...] Obviamente, fiquei insultado por ele estereotipar todos os vegetarianos como fracos.²² (Culpeper, 2011, p. 29, tradução nossa).

Inferimos, a partir desse diálogo, que a ofensa é induzida pelo pressuposto de que alguém não faz parte de um grupo do qual gostaria de fazer parte, ou então que faz parte de um grupo que eles não gostariam de fazer parte. Quanto à face relacional, subcategoria adicional, Spencer-Oatey afirma que os papéis sociais implicam relacionamentos, levando a crença de que todos os fenômenos sociais são relacionais em um sentido geral. Além disso,

²¹ Texto original:

I walked into my male flatmates room just before going out.
 Matt: your not going out in that are you?
 Me: [embarrassingly] yer, shut up you! [in a joke like way]

²² Texto original: We were playing American football and one of my teammates went to tackle whoever had the ball. The person with the ball dived to the ground to avoid taking the hit. My teammate then returned to me to moan about him. ‘it’s because he’s a vegetarian, fucking veggie’, he said. I then replied ‘I’m a vegetarian’. He then started to apologise prefucely, but I told him to get out of my face!... Obviously I was insulted as he stereotyped all vegetarians as being wimps.

Culpeper (2011) destaca o que Spencer-Oatey entende por relacionamento: “o relacionamento entre os participantes (por exemplo, distância – proximidade, igualdade-desigualdade, percepções dos direitos e obrigações do papel) e as formas pelas quais esse relacionamento é gerenciado ou negociado” (Spencer-Oatey, 2007 *apud* Culpeper, 2011, p. 30).

Culpeper (2011) discorda da definição sugerida por Spencer-Oatey (2007). Ele entende que a inclusão das palavras “direitos e obrigações” dá a entender que convida a uma sobreposição indesejada, pelo menos do ponto de vista metodológico, com as categorias de associação de direitos, discutida na sequência do quadro apresentado acima. Assim, o linguista menciona que “o eu relacional reflete quem uma pessoa é em relação a seus outros significativos”. A inclusão de “outros significativos” se refere não apenas aos parceiros, mas a qualquer pessoa ou grupo de pessoas em um relacionamento considerado significativo (relacionamentos amorosos, família, amigos, por exemplo). Nessa perspectiva, é útil distinguir essa definição de relação de face de identidade social:

Assim como os eus relacionais, os eus coletivos implicam em algum grau de conexão com os outros. No entanto, enquanto os eus relacionais envolvem uma conexão com um outro significativo conhecido e identificável ou com um grupo de outros significativos, os eus coletivos designam conexões com indivíduos cujas identidades podem não ser conhecidas... (Culpeper, 2011, p. 30, tradução nossa)²³.

Portanto, os eus coletivos geralmente envolvem características compartilhadas entre os membros do grupo, em vez de relações únicas entre indivíduos (Culpeper, 2011, p. 30). Enquanto os eus relacionais só se vinculam com um outro significativo que já conhecido e identificável pelo indivíduo. O autor salienta que não conseguiu exemplos bem esclarecidos em inglês para essa subcategoria, o que o levou a optar por um exemplo chinês:

Na hora do almoço, eu a vi logo depois de ir para o refeitório. Contei a ela as ideias de algumas atividades para nossa classe. Eu pretendia coletar algumas sugestões de meus colegas de classe, contando-lhes as atividades antes da programação. Fiquei chocado com a resposta dela. Ela rejeitou as ideias em voz alta, com um tom de ordem, na frente de todas as pessoas no refeitório. Apesar de ter explicado a ela com suavidade e humildade, ela as rejeitou de forma mais desrespeitosa do que antes, sem dar atenção às minhas boas maneiras. Fiquei muito irritado porque todos os meus colegas de classe me respeitavam e eu nunca havia me deparado com situações como essa antes.²⁴ (Culpeper, 2011, p. 31, tradução nossa).

²³ Texto original: Like relational selves, then, collective selves entail some degree of connection with others. However, whereas relational selves involve a connection with a known, identifiable significant other or group of significant others, collective selves designate connections with individuals whose identities may not be known...

²⁴ Texto original: Lunch time, I saw her immediately after I went to the cafeteria. I told her ideas for some activities for our class. I intended to collect some suggestions from my classmates by telling them the activities ahead of the schedule. I was shocked at her answer. She rejected the ideas loudly with a tone of ordering in front

A respeito dessa interação, o falante entende que sua intenção foi rejeitada de forma fria e rude, sendo uma grande ameaça e um quebra-cabeça para um líder de uma classe. Assim, podemos interpretar que o que incomodou o falante foi o fato de que seu valor relacional de líder de classe foi ameaçado, de modo a fazê-lo se sentir constrangido.

A face não é um dos fatores centrais para uma interação ser considerada impolida. O autor ressalta que a questão principal, geralmente, parece ter a ver com normas sociais e convenções. Nesse sentido, Spencer-Oatey elabora maneiras de cobrir casos em que a face é menos central. Mas antes, Culpeper (2011) discute o que se entende por normas sociais e moralidade na interação social.

De acordo com Culpeper (2011), as pessoas costumam fazer escolhas no seu dia a dia que sejam benéficas para elas através de decisões ponderadas e racionais. Mas essa racionalidade e interesse próprio da tomada de decisões não opera em um vácuo. Elas operam no **contexto das normas sociais e do sistema de valores** que as sustentam, isto é, o que é considerado racional ou de interesse próprio será determinado a partir das normas sociais. Não obstante, Culpeper (2011), ao citar Terkourafi (2005a), retrata como o reconhecimento de formas impolidas na interação social é importante para que os interlocutores interpretem o ato como rude ou grosseiro:

Para escolher ser rude com você usando um gesto ofensivo, devo pensar que você está familiarizado com esse gesto e que atribui a ele o mesmo valor negativo. Em outras palavras, só posso ser rude com você de uma forma que você reconheça como rude. Caso contrário, não importa o quão rude eu pense que estou sendo, a menos que você concorde com esta avaliação, não fui rude com você. (Culpeper, 2011, p. 32, tradução nossa)²⁵.

Desse modo, entendemos que a impolidez depende do contexto e do reconhecimento de intenções dos interlocutores, pois é necessário que tenham conhecimento da forma de valor negativo que estão atribuindo ao seu ato seja gestual, escrito, falado etc. A impolidez, portanto, é um caso de um equilíbrio entre custo/benefício que parte de uma escolha geralmente “irracional”, principalmente nos contextos das emoções de ódio, raiva ou simplesmente frustração, de modo a causar danos à face do ouvinte.

of all the people in the cafeteria. Despite explaining to her softly and humbly, she rejected them more disrespectfully than before, paying no attention to my good manner. I was greatly annoyed because my classmates all respected me and I had never come across situations like that before.

²⁵ Texto original: [t]o choose to be rude to you by using an offensive gesture, I must think that you are familiar with this gesture, and that you attribute to it the same negative value. In other words, I can only be rude to you in a way that you recognize as being rude. Otherwise, no matter how rude I think I am being, unless you concur with this evaluation I have not been rude to you.

Outro fator que o professor menciona seriam as regularidades de comportamento como normas sociais, em outras palavras, os hábitos.

É interessante notar que Marina Terkourafi coloca as regularidades comportamentais estatísticas no centro de sua abordagem de polidez baseada em frames: "a polidez é uma questão não de cálculo racional, mas de hábito" (2005a: 250). Além disso, "[é] a coocorrência regular de tipos específicos de contexto e expressões linguísticas específicas como realizações incontestadas de atos específicos que criam a percepção de polidez" (2005a: 248; veja também 2005b: 213). Isso capta um aspecto importante da polidez, particularmente o aspecto que Watts (por exemplo, 2003) rotularia de "comportamento político", relacionado às rotinas sociais. Terkourafi sugere que é por meio dessa regularidade de co-ocorrência que adquirimos "um conhecimento de quais expressões a serem usadas em cada situação" (2002: 197), ou seja, "estruturas adquiridas pela experiência de comportamento "padrão" antecipado" (2002: 197). Ela também destaca que as fórmulas são mais facilmente processadas tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, ao lidar com preocupações, objetivos e assim por diante, e que usá-las demonstra um conhecimento das normas da comunidade (2002: 196). Assim, "a fala com fórmulas carrega o fardo do discurso educado" (2002: 197; consulte também as referências feitas em 2005b] (Culpeper, 2011, p. 34, tradução nossa)²⁶.

No entanto, embora as regularidades comportamentais tenham uma grande relevância nos estudos sobre polidez, Terkourafi não aborda como elas se aplicam em contextos de impolidez. Além disso, nem todas as regularidades comportamentais estão necessariamente associadas à polidez, da mesma forma que nem todas estão vinculadas a normas sociais. O que determina se um comportamento é considerado polido ou não é o contexto em que ocorre. Ademais, é interessante considerar que as escolhas sociais do indivíduo terão implicações sociais, ou seja, as pessoas não são fundamentalmente movidas pelo interesse próprio ou pelo medo de punições, mas pelo interesse que têm em fazer parte dessa convenção social.

Mas se a impolidez for apenas uma irregularidade, de acordo com Culpeper (2011), um desvio de uma norma, então ela jamais poderá ser uma forma convencional²⁷.

²⁶ Texto original: Interestingly, Marina Terkourafi places statistical behavioural regularities at the heart of her frame-based politeness approach: 'politeness is a matter not of rational calculation, but of habit' (2005a: 250). Moreover, '[i]t is the regular cooccurrence of particular types of context and particular linguistic expressions as the unchallenged realisations of particular acts that create the perception of politeness' (2005a: 248; see also 2005b: 213). This captures an important aspect of politeness, particularly the aspect that Watts (e.g. 2003) would label 'politic behaviour', relating to social routines. Terkourafi suggests that it is through that regularity of co-occurrence that we acquire 'a knowledge of which expressions to use in which situations' (2002: 197), that is, 'experientially acquired structures of anticipated "default" behaviour' (2002: 197). She also points out that formulae are more easily processed by both speaker and hearer, when juggling face concerns, goals, and so on, and that using them demonstrates a knowledge of community norms (2002: 196). Thus, 'formulaic speech carries the burden of polite discourse' (2002: 197; see also references given in 2005b).

²⁷ Isso será abordado nas estratégias de impolidez de Culpeper (2016)

A moralidade é outro fator capaz de influenciar os indivíduos na concepção de atos (im)polidos, pois é através dela que calculamos se certa ação é certa ou errada, boa ou ruim. Violar a justiça é uma questão de ser imoral (Culpeper, 2011, p. 37). De acordo com o autor, a moral é uma ordem porque se trata de uma tradição de pensamento construída ao longo do tempo dentro de uma comunidade. Nesse sentido, ela está implícita e subconsciente em nossas mentes, mas é capaz de conduzir nossas ações.

Além disso, o professor argumenta que as normas sociais são interpretadas de maneira variada em uma variedade de contextos sociais. Por exemplo, em uma reunião, se alguém investiu mais tempo preparando uma apresentação, é justo que essa pessoa receba mais tempo para discutir o assunto (uma norma social de equidade, também referida por Spencer-Oatey (2007) como direitos de equidade). Além disso, é esperado que um discurso educado seja respondido com educação, como por exemplo, agradecer ao comitê pela oportunidade de apresentar o trabalho na reunião. Da mesma forma, aqueles com maior necessidade de falar, como a pessoa que preparou o trabalho, devem receber uma maior proporção de tempo de fala em comparação com outros, seguindo uma norma de responsabilidade social.

Goffman (1967) também descreve a relação da moralidade e as regras de conduta nas relações humanas, “Regras de conduta afetam o indivíduo de duas maneiras gerais: diretamente, como obrigações que estabelecem como ele é moralmente constrangido a se comportar; indiretamente, como expectativas, estabelecendo como os outros são moralmente obrigados a agir em relação a ele” (Goffman, 1967 *apud* Culpeper, 2011, p. 37). Em vista disso, as regras de conduta parecem determinar um padrão universal para todos aqueles indivíduos pertencentes a certa cultura e costumes, quando o membro dessa comunidade desrespeita alguma regra, ele é considerado fora do padrão, e, portanto, imoral.

Ainda falando sobre reciprocidade nas relações humanas e normas de conduta, também existem normas sociais relacionadas à forma como a face é gerenciada na interação. Culpeper (2011) compara a ideia de reciprocidade com a concepção de Brown e Levinson (1978/1987) sobre o que é “interesse mútuo” que entendem que os interlocutores cooperam uns com os outros protegendo a face uns dos outros. Dessa maneira, se alguém não retribui um comportamento educado, essa pessoa pode ser vista de maneira ruim, como alguém que não tem modos e mal-educado por ter violado alguma norma social prevista para determinada situação.

Pode-se ver reciprocidade na suposição de B&L de que é de 'interesse mútuo' (1987: 60) que os interagentes cooperem apoiando a face uns dos outros: '[e]m geral, as pessoas cooperam (e assumem a cooperação umas das outras) para manter a face, tal cooperação sendo baseada na vulnerabilidade mútua da face' (1987: 61) (ver também Goffman 1967: 29). Uma ameaça levaria a uma contra ameaça recíproca e, portanto, o falante tem interesse em manter a face do ouvinte, uma vez que isso aumentará a probabilidade de suporte recíproco. Observe que, se alguém não retribuir o trabalho de educação, é provável que suas ações sejam percebidas como quebrando alguma norma social implícita, dando origem a um sentimento de injustiça.²⁸ (Culpeper, 2011, p. 38, tradução nossa).

Ademais, o autor explica que a reciprocidade também pode servir para situações negativas, como a impolidez. Se alguém é atacado verbalmente (ou mesmo se alguém apenas pensa que foi atacado verbalmente), as pessoas se sentem justificadas em retribuir. Apesar dessa retaliação parecer ter um grau menos intenso que o da pessoa que executou o ato impolido ou agressivo primeiro, trata-se de reciprocidade da mesma forma. Culpeper (2011) chama atenção para como Goffman (1967, p. 77) defendia a noção de face, isto é, como “um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico, ou seja, podemos ver a (im)polidez como uma espécie de reciprocidade nas relações.

Da mesma forma que eu trato alguém bem, espero ser assim tratada. Culpeper (2019), em uma palestra proferida na *Internacional Pragmatics Conference* (organizada pela *International Pragmatics Association*) na Universidade Politécnica de Hong Kong, observa que há uma mutualidade no comportamento dos interlocutores conforme um elogio é realizado (o ouvinte geralmente corresponde de uma forma simpática, ou até mesmo *mais que polida*²⁹ diante da situação³⁰), ou um insulto contra ele.

Além disso, observamos em outros fenômenos culturais – incluído fontes diversas como a religião e a lei – a importância da reciprocidade no tratamento entre indivíduos. Na religião, a “Regra de Ouro” estabelece: "Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles" (Lucas, 6:31). Na lei, a Lei de Talião, também conhecida como “Lei da

²⁸ Texto original: One can see reciprocity in B&L's assumption that it is of 'mutual interest' (1987: 60) for interactants to cooperate by supporting each other's face: '[i]n general, people cooperate (and assume each other's cooperation) in maintaining face, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face' (1987: 61) (see also Goffman 1967: 29). A threat would lead to a reciprocal counter-threat, and thus the speaker has a vested interest in maintaining the hearer's face, since this will enhance the probability of reciprocal supportive facework. Note that if someone fails to reciprocate politeness work, it is likely that their actions will be perceived as breaking some implicit social norm, thus giving rise to a sense of unfairness.

²⁹ Ver Haugh sobre overpoliteness.

³⁰ Como por exemplo, ao elogiar a foto de uma amiga com algo do tipo “Que linda você está!!”, a outra pode responder algo como “Não mais que você!!”. Isso gera uma reciprocidade nos comentários. Embora a menina que está sendo elogiada pudesse responder apenas com um “Obrigada!”, ela opta por ser mais que gentil e retribuir o elogio à amiga.

Retaliação”, afirma que a punição deve ser proporcional ao crime, como em "Olho por olho, dente por dente". Esta lei remonta ao código babilônico de Hamurabi (1770-1750 a.C.), como exemplificado na Lei 196º que estipula: "Se alguém arranca o olho a outro, deve-se arrancar o olho dele".

Culpeper (2019) esclarece que essa mutualidade não é uma regra, pois, às vezes, uma ofensa pode depender da posição hierárquica social do indivíduo na sociedade. Caso alguém tenha ofendido uma pessoa X de uma classe social baixa, dificilmente ela retaliará.

Observe-se um exemplo em que a atriz Susana Vieira (SV) constrange uma repórter da Globo³¹. Durante a cobertura dos bastidores da gravação da Turma do Didi, enquanto a repórter conversava com o humorista Renato Aragão e a atriz Geovana Tominaga (GT), foi surpreendida: Susana Vieira tomou o microfone da repórter e assumiu o papel de jornalista. Abaixo, segue o diálogo entre elas:

SV: Olha, com licença, eu vou pegar o microfone dela. Sabe por quê? Porque eu não tenho paciência para uma pessoa que está começando. Ela está começando, eu sou mais agitada, disse a veterana.

GT: Então você me ensina.

SV: Não vou ensinar nada, porque não sou apresentadora.

Nesse exemplo, observa-se uma relação tensa entre a atriz e a repórter, pois Susana Vieira tomou o microfone da repórter e assumiu o papel de entrevistadora. Além disso, ela expressou impaciência com iniciantes, demonstrando agitação. A repórter tentou manter sua compostura, brincando ao sugerir que Susana a ensinasse. No entanto, Susana Vieira foi ainda mais ríspida ao reforçar que não era sua função ensinar, pois não era apresentadora. A partir da fala da atriz, infere-se uma suposta crença de superioridade em relação à iniciante, o que afetou a imagem da repórter e a envergonhou.

Culpeper (2011) argumenta que a impolidez surge da interpretação da linguagem dentro do contexto. Susana interpretou seu próprio comentário como uma brincadeira, embora isso tenha sido ofensivo para a repórter. Além disso, o autor destaca que existem contextos específicos nos quais comportamentos impolidos podem ser percebidos de maneira menos negativa, como brincadeiras de mau gosto entre amigos. Discutiremos adiante os contextos específicos que influenciam as estratégias de impolidez..

³¹ https://www.youtube.com/watch?v=iaYIRS6zGsU&t=10s&ab_channel=UOL

Voltando às categorias propostas por Spencer-Oatey, a autora define os “direitos de sociabilidade” da seguinte forma:

A gestão dos direitos e obrigações da sociabilidade envolve a gestão de expectativas sociais, que defino como “direitos sociais fundamentais que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma em suas interações com os outros”. Em outras palavras, a face está associada ao valor pessoal/relacional/social, e se preocupa com a identidade das pessoas, senso de valor, dignidade, honra, reputação, competência e assim por diante. Os direitos e obrigações da sociabilidade, por outro lado, dizem respeito às expectativas sociais e refletem as preocupações das pessoas sobre justiça, consideração e adequação comportamental.³² (Spencer-Oatey, 2008 *apud* Culpeper, 2011, p. 39, tradução nossa).

Nesse sentido, Culpeper (2011) esclarece que a essência desses direitos (e obrigações) de sociabilidade é que as pessoas esperam que os outros façam ou não certas coisas em determinados contextos, assim como o que vimos acima sobre as normas sociais. No entanto, os direitos de sociabilidade não funcionam como uma ameaça à face simplesmente por consequência de uma violação desses direitos (embora possa acontecer acompanhada da irritação e/ou vergonha por ter seus direitos contrariados).

Culpeper (2011) retira o exemplo de Spencer-Oatey (2007) para ilustrar a situação: um amigo que tenta forçar alguém a fazer algo ou que te ignora pode fazer você se sentir irritado ou aborrecido, mas esse tratamento também pode fazer você sentir que não está sendo valorizado por seu amigo e, portanto, sua face está ameaçada.

Dentro da categoria de direitos sociais, Spencer Oatey (2005) aborda duas subcategorias (apresentadas anteriormente no Quadro 2), a primeira diz respeito a equidade, e a segunda aos direitos de associação. Existe um princípio de que as pessoas esperam não ser indevidamente impostas, não receber ordens injustas e que não sejam exploradas. Spencer Oatey (2005) esclarece que esse direito pode ser calculado através de um custo-benefício para manter um equilíbrio entre justiça e autonomia das interações humana, vejamos como essa subcategoria é definida:

As pessoas têm uma crença fundamental de que têm direito à consideração pessoal dos outros e a serem tratadas com justiça; em outras palavras, que não sejam indevidamente impostas, que não recebam ordens injustas e que não sejam

³² Texto original: The management of sociality rights and obligations involves the management of social expectancies, which I define as ‘fundamental social entitlements that a person effectively claims for him/herself in his/her interactions with others’. In other words, face is associated with personal/relational/social value, and is concerned with people’s sense of worth, dignity, honour, reputation, competence and so on. Sociality rights and obligations, on the other hand, are concerned with social expectancies, and reflect people’s concerns over fairness, consideration and behavioural appropriateness.

aproveitadas ou exploradas. Este princípio parece ter três componentes: considerações de custo-benefício (o princípio de que as pessoas não devem ser exploradas ou prejudicadas), justiça e reciprocidade (a crença de que custos e benefícios devem ser 'justos' e mantidos aproximadamente em equilíbrio) e controle de autonomia (a crença de que as pessoas não devem ser indevidamente controladas ou impostas.³³ (Spencer-Oatey, 2005 *apud* Culpeper, 2011, p. 40, tradução nossa).

Assim, a autora sugere que, no que diz respeito ao custo-benefício das interações, as pessoas não devem agir visando exclusivamente o benefício de uma das partes, em detrimento do bem-estar da outra. Em vez disso, deve-se buscar uma troca justa de custos e benefícios em qualquer relacionamento ou interação.

Num segundo momento, em relação à reciprocidade, a pesquisadora ressalta a importância da justiça no modo como as pessoas se relacionam umas com as outras, indicando que deve haver um equilíbrio nos custos e benefícios trocados entre os indivíduos. As pessoas esperam ser tratadas com equidade e que haja um senso de reciprocidade em suas interações. Em outras palavras, ao serem atenciosas e justas umas com as outras, esperam receber o mesmo tratamento em troca.

Sobre a autonomia e controle do indivíduo, Spencer-Oatey (2005) descreve o conceito sobre como as pessoas valorizam sua independência nas relações, isto é, as pessoas não querem ser indevidamente controladas, impostas ou ordenadas por outros indivíduos. Assim, seu conceito se assenta na ideia de respeitar a autonomia individual e permitir que as pessoas façam suas próprias escolhas e decisões sem serem influenciadas ou manipuladas por outras pessoas. De modo geral, esses três componentes em junção formam um princípio de como as pessoas esperam ser tratadas e como elas acreditam que as interações devem ser conduzidas de maneira justa e respeitosa. Portanto, é importante reconhecer e defender a dignidade e os direitos de cada indivíduo e, ao mesmo tempo, manter um senso de justiça e reciprocidade em seus relacionamentos com os outros dentro desse princípio. Culpeper (2011) exemplificou este direito a partir de seus dados:

Em um bar:

Eu: Posso tomar um copo de água da torneira, por favor?

Funcionário: Não, não é meu trabalho ficar andando para cima e para baixo pegando *aponta* água para você.

Eu: Mas é ilegal não servir água quando se trabalha em um bar

³³ Texto original: People have a fundamental belief that they are entitled to personal consideration from others and to be treated fairly; in other words, that they are not unduly imposed upon, that they are not unfairly ordered about, and that they are not taken advantage of or exploited. This principle seems to have three components: cost-benefit considerations (the principle that people should not be exploited or disadvantaged), fairness and reciprocity (the belief that costs and benefits should be 'fair' and kept roughly in balance), and autonomy-control (the belief that people should not be unduly controlled or imposed upon).

Funcionário: Quem disse isso? Vocês não pagam meu salário para eu andar e pegar muita água para vocês.

Eu: Eu só quero água da torneira, por favor.

Funcionário: Não vou fazer isso, porra. Se você quiser uma bebida, pague por ela. Você pode pegar água da torneira no banheiro feminino. *sai do ambiente*³⁴

(Culpeper, 2011, p.40, tradução nossa).

Podemos inferir que o falante comentou durante essa conversa que o funcionário estava privando o ouvinte de um direito humano fundamental e foi condescendente em sua comunicação. Na perspectiva do falante, ela se questionou sobre o conhecimento do ouvinte quando mencionou que não era sua função fazer o que o cliente queria, fazendo-o se sentir frustrado diante da situação.

A última subcategoria abordada por Spencer Oatey (2005) está associada aos direitos de associação, o qual descreve sobre como as pessoas se sentem no direito de ter certos tipos de conexões com outras pessoas, e que essas associações devem estar alinhadas com a natureza/espécie do relacionamento que elas têm com elas. O princípio da associação, discutido ao longo da obra Spencer-Oatey (2005) pode ser sintetizado em três componentes principais:

Envolvimento: Este componente enfatiza que as pessoas devem ter um nível e tipos adequados de envolvimento ou interação com os outros. Em outras palavras, os indivíduos esperam estar envolvidos na vida uns dos outros em um grau apropriado e apropriado para o relacionamento específico que compartilham. Esse envolvimento pode variar dependendo da proximidade ou significado do relacionamento;

Empatia: A definição dessa subcategoria pode ser definida a partir do fato de que as pessoas esperam compartilhar com outros, como preocupações, sentimentos e interesses apropriados. Nesse sentido, a empatia é a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos de outra pessoa. Nas associações, os indivíduos preveem

³⁴ Texto original:

At a bar:

Me: Can I have a glass of tap water please?

Staff: No, it's not my job to walk up and down getting you *points* water.

Me: But it's illegal not to serve water when you work behind a bar

Staff: Says who? You don't pay my wages to walk and get you lot water.

Me: I just want tap water please.

Staff: I'm not fucking doing it. If you want a drink, you pay for one. You can get tap water from the ladies toilet. *leaves*

que os outros demonstrarão empatia e compreensão em relação às suas emoções e experiências;

Respeito: O conceito de respeito envolve a expectativa de que as pessoas tratem umas às outras com níveis apropriados de respeito. Isso inclui mostrar consideração pelas suas opiniões, limites e individualidade de cada um. Em associações saudáveis, os indivíduos valorizam e demonstram respeito uns pelos outros.

Assim, o conceito de "direitos de sociabilidade e associação" gira em torno da ideia de que os indivíduos acreditam que possuem certos direitos quando se trata de seus relacionamentos com os outros. Esses direitos incluem envolvimento apropriado, empatia e respeito, que contribuem para a qualidade e bem-estar de suas interações e conexões sociais.

Culpeper (2011) sugere que as ideias de Goffman e Spencer-Oatey são semelhantes. Goffman (1967) discute sobre as "**obrigações de envolvimento**" em seu ensaio, o que significa que há momentos durante as conversas em que as pessoas sentem um desejo de colaborar com o andamento da conversa, prestando atenção e participando ativamente da conversa. Eles acreditam que os outros também têm a mesma obrigação. Devido à natureza formal da situação, se eles não atenderem a essa expectativa, isso pode ser visto como falta de educação e causar uma má impressão a respeito de seus comportamentos. Essencialmente, ambos os autores falam sobre a pressão que os indivíduos sentem para participar ativamente de conversas e como isso afeta as interações sociais. Para ilustrar essa subcategoria, o autor forneceu outro exemplo retirado de sua análise de dados (Culpeper, 2011, p. 41, tradução nossa).

Contexto: Conversa em um ônibus

P1(eu): Sim, às vezes eu saio de uma conversa por acidente, e apenas tenho que acenar com a cabeça ou algo assim. Eu me sinto péssimo com isso.

P2: Eu faço isso quando [nome do amigo] fala.

P1: Sim, eu também (ambos riem)

P2: Na verdade, sem ofensa, mas às vezes eu faço isso quando você fala.

P1: (está muito chocado)

P2: . . . é por isso que às vezes não me lembro das coisas que você disse, porque –

P1: – porque você não estava ouvindo em primeiro lugar (parece ofendido).

(Um silêncio constrangedor se seguiu, onde eu devo ter parecido bastante chateado,) (e assim P2 pediu imensas desculpas).³⁵

Nesse diálogo, o autor está discutindo exemplos de um comportamento impolido que envolve intimidação. Ele descreve situações em que o interlocutor se sente não apenas levemente desconfortável, mas também assustado. O linguista britânico enfatiza que esses casos de intimidação são mais graves, causando medo e angústia significativos no interlocutor. Assim, ele reconhece que a intimidação tem uma forte ligação com o próprio conceito, especificamente do eu físico. Isso significa que quando alguém se comporta de maneira intimidadora, pode levar o alvo a sentir que seu bem-estar físico está ameaçado ou em risco.

Segundo Culpeper (2016), as estratégias de impolidez têm sido estudadas no domínio da socio-pragmática há cerca de 42 anos, quase há tanto tempo como as estratégias de polidez. No entanto, apesar das estratégias de polidez serem bem conhecidas, continuam a ser um foco significativo de pesquisa, particularmente em estudos aplicados do campo. Curiosamente, ainda não havia uma revisão crítica das estratégias de impolidez, e a definição exata do que é uma estratégia de impolidez permanecia muitas vezes pouco clara. Desse modo, o autor busca preencher essa lacuna, fornecendo uma explicação e uma análise abrangente das estratégias de impolidez.

Com o intuito de conceituar o termo “estratégia”, primeiramente, Culpeper (2016) apresenta algumas definições para conceituá-la. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o termo "estratégia" tem origem na Grécia antiga, onde originalmente significava "liderança militar". Este significado ainda existe hoje na frase "estratégia militar", que se refere a um plano concebido para atingir objetivos militares específicos. No domínio mais vasto da linguística, existem várias colocações relacionadas, tais como "estratégia retórica", "estratégia

³⁵ Texto original:

Conversation occurred on a bus

P1(me): Yeah, I occasionally zone out of a conversation by accident, and just have to nod or something. I feel terrible about it.

P2: I do that when [friend's name] talks.

P1: Yeah, me too (both chuckle)

P2: Actually, no offense, but sometimes I do that when you talk.

P1: (is very shocked)

P2: . . . that's why I sometimes don't remember things you've said, because –

P1: – because you weren't listening in the first place (appears offended)

(An awkward silence followed, where I must have looked quite upset,) (and so P2 apologised greatly)

de texto", "estratégia de discurso", "estratégia de comunicação", "estratégia de compreensão (textual)", "estratégia pragmática", "estratégia comunicativa" e "estratégia de polidez".

As estratégias retóricas têm as suas raízes na retórica clássica, remontando à *Retórica* de Aristóteles (1998), na qual o autor propôs que a retórica envolve a capacidade de identificar os meios de persuasão disponíveis, que mais tarde ficaram conhecidos como estratégias.

Com relação as estratégias discursivas, elas são fundamentais para a sociolinguística interacional, tal como elaboradas por Gumperz (1982). Culpeper (2016) menciona que esse autor introduziu a noção de estratégias discursivas com o intuito de analisar a forma como as pessoas comunicam e interagem umas com as outras.

O termo "estratégia de comunicação" surgiu no contexto da aprendizagem de línguas na década de 1970 para descrever dispositivos linguísticos utilizados para ultrapassar problemas de comunicação relacionados com deficiências de interlíngua.

As estratégias de compreensão de texto são técnicas ou métodos que as pessoas utilizam para compreender melhor um texto escrito. Um modelo notável para a compreensão de textos foi desenvolvido por van Dijk e Kintsch (1983). A ideia-chave é que o nosso processo de pensamento é estratégico; utilizamos estratégias para onde devemos administrar a nossa atenção, por exemplo.

O termo "estratégia pragmática" partilha semelhanças com "estratégia comunicativa" e sobrepõe-se parcialmente a três outros conceitos: "estratégia retórica", "estratégia textual" e "estratégia discursiva". A ligação com a retórica é evidente no trabalho de Leech (1983), porque ele se concentra na forma como a linguagem é utilizada para atingir objetivos específicos na comunicação. No entanto, o modelo de Leech (1983) foca, sobretudo, nos princípios pragmáticos como restrições à comunicação, ao invés de centrar-se nas estratégias pragmáticas. Quando Leech (1983) menciona estratégias pragmáticas, é para discutir formas específicas em que a linguagem é influenciada por essas restrições (Culpeper, 2016, p. 423).

Com relação às estratégias de polidez, Brown e Levinson (1978/1987) utilizam a ideia de "estratégia de polidez" proposta por Leech. À semelhança de Leech (1983), eles compreendem que há um tipo de raciocínio lógico em que as pessoas escolhem ações específicas para atingir determinados objetivos. Segundo eles, uma estratégia significa que as pessoas podem fazer algo antes ou ao longo do caminho para atingir um outro objetivo. Em outras palavras, as pessoas utilizam determinadas ações consideradas polidas como forma de atingir o seu objetivo principal.

Conforme já apresentado na seção 2.3.3 dessa dissertação, Brown e Levinson (1978/1987) apresentaram um esquema com cinco "superestratégias" relacionadas com o nível de ameaça de face. Uma "pessoa-modelo" escolheria a superestratégia adequada para equilibrar a ameaça esperada. As **superestratégias** são:

Bald on-record: Ser direto sem grande preocupação com a polidez.

Polidez positiva: Usar a simpatia e os elogios para manter a face.

Polidez negativa: Ser indireto e mostrar respeito para evitar a ameaça à face.

Off record: Insinuar ou utilizar comunicação indireta para evitar o confronto direto.

Não fazer o *FTA*: Evitar simplesmente o ato de ameaça à face.

No entanto, Culpeper (2016) pretende ir além do que os autores da TP, pois segundo o autor, a teoria se centra numa pessoa modelo (*Model Person*) e principalmente em culturas ocidentais, desconsiderando outras culturas. Além disso, o autor argumenta que esse modelo foca sua atenção somente no falante, deixando o ouvinte de lado.

3.2 CATEGORIAS DE IMPOLIDEZ EM CULPEPER

Em vez de dar uma ênfase no falante que usa meios particulares para atingir fins específicos, Culpeper (2016) pretende destacar o "conhecimento linguístico e sociocultural" "partilhado" que permite a compreensão das estratégias na conversação.

Assim, veremos as estratégias de impolidez como métodos que as pessoas utilizam para atingir objetivos específicos nas interações sociais, e que essas fórmulas são amplamente aceitas e praticadas numa determinada comunidade. Por "convencionalização", o professor entende que certos itens ou ações se tornaram padronizados e amplamente reconhecidos num contexto específico de utilização. Portanto, o objetivo geral do linguista inglês era responder à necessidade de uma análise extensa de estratégias a respeito do ataque de face. Nessa perspectiva, sua obra inovadora pode ser vista como o "outro lado" da TP de Brown e Levinson (1978/1987).

O modelo proposto por Culpeper (2011) foi inspirado nas estratégias de Brown e Levinson, mas dele difere em detalhes específicos. De acordo com o autor, na Impolidez *bald on-record* observa-se a execução de um Ato de Ameaça à Face (FTA) de forma direta, clara, inequívoca e concisa, sem tentar minimizar o seu impacto, especialmente em situações em que as considerações de face são relevantes.

Já a Impolidez Positiva refere-se à utilização de estratégias destinadas a prejudicar os desejos positivos da face do interlocutor. Isso pode ser alcançado ignorando ou menosprezando a outra pessoa, excluindo-a das atividades, distanciando-se dela, demonstrando desinteresse ou falta de preocupação e utilizando formas inadequadas de tratamento, como dirigir-se a ela pelo nome completo ou por vocativos formais (quando há proximidade entre os interlocutores), com o intuito de criar uma separação. Ademais, recorrer a uma linguagem obscura ou secreta, buscar o desacordo, causar desconforto à outra pessoa, utilizar palavras tabu ou empregar termos depreciativos são exemplos de impolidez positiva.

Por sua vez, a Impolidez Negativa envolve estratégias destinadas a prejudicar os desejos negativos do interlocutor. Ela pode ser alcançada através do medo, desprezo, ridicularizando alguém, depreciando (por exemplo, o fato de usar diminutivos), invadindo o espaço pessoal da outra pessoa, de modo a vinculá-la à aspectos negativos usando pronomes pessoais como "eu" e "você", mostrando a distância entre elas, ou apenas interrompendo seu discurso.

Finalmente, a Impolidez *off-Record* baseia-se em implicaturas para transmitir o Ato de Ameaça à Face. A intenção por detrás da implicatura é frequentemente mais significativa do que quaisquer outras interpretações potenciais. Ademais, Culpeper (2016) complementa esse sistema com meta-estratégias de impolidez: sarcasmo ou polidez dissimulada (*mock politeness*). A meta-estratégia do sarcasmo ou polidez simulada trabalha com a utilização de estratégias de polidez que são abertamente insinceras, mantendo assim uma fachada superficial (Culpeper, 2011).

É importante enfatizar aqui que as estratégias empregadas nesta abordagem não são exaustivas como as estratégias de polidez de Brown e Levinson (1978/1987), que também são abertas. Assim como a estrutura de Brown e Levinson se baseia no PC de Grice (1975), a sustentação dessas estratégias de impolidez também está enraizada no mesmo princípio de cooperação. Por exemplo, a impolidez da estratégia *bald on-record* se adere ao princípio de cooperação por ser direta e clara, enquanto a impolidez da estratégia *off-record* desrespeita o PC ao gerar implicaturas.

A incorporação do princípio de cooperação no contexto da impolidez pode parecer uma ideia inicialmente desafiadora, porém, essa percepção decorre de uma concepção errônea das FTAs. Conforme argumentado por vários estudiosos, o princípio cooperativo não se limita apenas à comunicação polida; ao contrário, ele também serve como fundamento para os princípios pragmáticos envolvidos tanto nos fenômenos de polidez quanto nos de impolidez (Culpeper, 2016, p. 425).

Grosso modo, o PC é um conjunto de princípios que regem a forma como as pessoas trocam informações, garantindo que a comunicação é clara e eficaz. No entanto, quando se trata de ser impolido, mesmo que o indivíduo esteja prestes a ser rude ou desrespeitoso, é necessário, para ele, cooperar até certo ponto na troca de informações para conseguir transmitir o seu enunciado_impolido

As estratégias de impolidez mencionadas no trabalho de Culpeper (1996) provaram ser fiáveis e foram utilizadas em vários estudos. Segundo o autor, essas estratégias foram desenvolvidas através da análise qualitativa e quantitativa de situações de impolidez, ajudando os pesquisadores a compreenderem como funciona a impolidez. Assim, mesmo quando as pessoas são consideradas impolidas ou rudes, elas continuam a seguir algumas regras de comunicação para transmitir a mensagem rude de forma eficaz, e as estratégias de impolidez foram bem estabelecidas e utilizadas em vários estudos acadêmicos³⁶.

Com base nas ideias de Rondina e Workman (2005), Culpeper (2016) exemplifica suas estratégias de impolidez utilizando os exemplos do livro de etiqueta *Rudeza: Lide com ela se quiser*. Os autores destacam como a grosseria pode resultar em consequências negativas, como sentimentos prejudicados, mal-entendidos e até conflitos. O livro busca enumerar uma série de comportamentos a serem evitados em interações sociais. Alguns desses comportamentos incluem não apenas ações não verbais, como arrotar, mas também comportamentos baseados na linguagem.

Assim, Culpeper (2016, p. 421-440) estabelece uma relação entre suas metas estratégicas de impolidez e os exemplos retirados do livro dos autores mencionados anteriormente:

- a) Insultar alguém diretamente em sua presença. [Estratégia positiva de impolidez]
- b) Envergonhar ou insultar os outros, causando-lhes desconforto. [Estratégia positiva de impolidez: provocar desconforto]
- c) Evitar ou ignorar alguém de propósito. [Estratégia positiva de impolidez: ignorar, menosprezar o outro]
- d) Utilizar linguagem grosseira ou inadequada. [Estratégia positiva de impolidez: usar palavras tabu]

³⁶ Culpeper (2011) abordou o estudo da impolidez de uma forma diferente. Em vez de observar diretamente os comportamentos grosseiros, analisou a forma como as pessoas falam ou escrevem sobre a impolidez. O autor analisou guias e paródias que discutem o comportamento impolido. Assim, no capítulo 3 de sua obra, o mesmo cita fontes que representam comunidades que reconhecem e seguem certas estratégias de impolidez como convencionais e aceites.

- e) Responder de forma desrespeitosa a pais ou professores. [Estratégia de impolidez negativa: condescender, menosprezar ou ridicularizar]
- f) Interromper alguém durante sua fala. [Estratégia negativa de impolidez: violar a estrutura da conversa]
- g) Omitir "por favor" ou "obrigado". [Negar a cortesia]

Este manual foi elaborado para um contexto norte-americano, mas mesmo quando exposto à cultura brasileira, é relativamente fácil compreender essas "regras". O que observamos aqui está em consonância com as estratégias de impolidez mencionadas anteriormente por Culpeper (2016). No entanto, é importante lembrar que isso pode não ser sempre o caso, já que as estratégias podem variar entre diferentes grupos sociais. Além disso, a lista de estratégias fornecida anteriormente não é exaustiva; veremos outro método para abordar essas técnicas de impolidez nas interações.

O linguista inglês sugere uma outra abordagem para compreender as estratégias de impolidez, que se concentra mais na noção de que uma estratégia envolve algo rotineiro e culturalmente conhecido numa comunidade específica. Em vez de começar com um quadro lógico predefinido e testá-lo com dados, essa abordagem analisa primeiro os dados e identifica as "estratégias" que deles emergem. No que diz respeito a este contexto, podemos continuar tratando de estratégias porque estamos lidando com formas comuns de utilizar a linguagem para obter efeitos impolidos específicos. No entanto, para evitar algumas noções pré-concebidas associadas ao termo "estratégia", o autor utiliza o termo "gatilho".

O autor compreende que há um grupo de fatores desencadeadores que está relacionado com frases ou expressões de impolidez convencionalizadas, ou seja, trata-se de palavras ou expressões específicas que são normalmente utilizadas para transmitir significados impolidos em determinados contextos. É importante notar que essas expressões podem não ter sempre um significado impolido ou rude em todas as situações e podem depender do contexto para serem interpretadas como impolidas. Nessa perspectiva, o nosso objetivo é identificar as expressões mais utilizadas que têm efeitos de impolidez em contextos de utilização específicos³⁷.

³⁷ Culpeper (2016) salienta que o termo "*convencionalization*", refere-se à utilização de palavras ou frases específicas numa determinada situação que são comumente compreendidas e têm um significado partilhado nesse contexto. Estas palavras ou frases podem não ter sempre o mesmo significado impolido em todas as ocasiões, mas geralmente implicam algo indelicado em determinadas situações mínimas. Esta ideia é semelhante ao que Gumperz chama de "pistas de contextualização", isto é, busca-se de utilizar determinadas palavras ou expressões que ajudem as pessoas a compreenderem o contexto e o significado pretendido.

Mas como é que podemos identificar esses itens? Culpeper (2016) discute como identificar itens ou expressões impolidas na comunicação. Para compreender se uma determinada expressão é impolida, vemos como ela é respondida nas conversas.

Como é que se identificam esses itens? Para que os itens de polidez sejam considerados educados, têm de não ser contestados (por exemplo, Terkourafi 2005a; Haugh, 2007). Assim, para que os itens de impolidez sejam considerados indelicados, têm de ser desafiados. As evidências de contestação incluem, nomeadamente, contra-impolidez (emparelhamentos tit-for-tat), mas também comentários meta-pragmáticos (ex: "isso foi tão rude"), indicações, verbais ou não verbais, de que a ofensa foi sentida (i.e. sintomas de emoções como humilhação, mágoa ou raiva). Estas ações fazem parte do que constrói os contextos de impolidez.³⁸ (Culpeper, 2016, p. 437, tradução nossa).

Para identificar expressões impolidas, Culpeper (2016) argumenta que analisamos a maneira como as pessoas reagem. Expressões polidas são normalmente aceitas, enquanto as impolidas são frequentemente contestadas ou recebem respostas rudes. Para avaliar uma expressão, podemos procurar sinais como pessoas que dizem "pegou pesado, hein?!", "que grosseria!", ou que demonstrem ofensa através das suas palavras ou linguagem corporal, com um ar de humilhação, mágoa ou vergonha. Essas reações criam contextos de rudeza e falta de educação. Para saber se certas expressões são convencionais e aceitas como impolidas, devemos verificar a frequência com que são utilizadas em contexto específico.

Através de um vasto número de análises qualitativas, Culpeper (2011) utilizou um número substancial fórmulas de impolidez para começar a fazer seus estudos. Em seguida, ele verificou a validade de seus dados, monitorando a ocorrência desses termos no dicionário inglês, *Oxford English Corpus*. O autor estabeleceu um critério que exigia que pelo menos 50% dos casos fossem acompanhados de indícios de impolidez para que uma expressão pudesse ser considerada como fórmula de impolidez convencionalizada. A lista final dessas fórmulas é apresentada abaixo, e os exemplos fornecidos foram retirados a partir dos dados. São usados parênteses para indicar algumas das características estruturais das fórmulas, e as alternativas são indicadas com barras. É válido lembrar que muitos dos exemplos foram adaptados para o português brasileiro, visto que algumas palavras e expressões idiomáticas do inglês não se traduzem bem ao nosso idioma (Culpeper 2011, p. 135- 136, tradução nossa):

³⁸ Texto original: How does one identify such items? For politeness items to count as polite, they must go unchallenged (e.g. Terkourafi 2005a; Haugh 2007). Thus, for impoliteness items to count as impolite, they must go challenged. Evidence of challenges includes, notably, counter impoliteness (tit-for-tat pairings), but also meta-pragmatic comments (e.g. "that was so rude"), indications, verbal or non-verbal, of offence being experienced (i.e. symptoms of emotions such as humiliation, hurt or anger). Such actions are part of what constructs impoliteness contexts.

INSULTOS

I. Vocativos negativos personalizados

[seu][vagabundo/burro/porco/gordo/baixinho/idiota/merda/arrombado/palhaço/pirralho/perdedor/trouxa/estúpido/pau no cu/ etc]

II. Afirmações negativas personalizadas

[você] [é]

[um/uma][merda/fedorento/grosso/estúpido/vagabundo/vadio/hipócrita/desgraçado/viado/idiota/insuportável/desesperado/patético/exigente/terrível/gordo/feio/etc.)

[você] [não pode fazer] [qualquer coisa certa/básica aritmética/etc.] [você] (me dá nojo)/ [me deixa] [entediado/etc.]

III. Referências negativas personalizadas

- [teu] (cu/rabo/fiote.)

IV. Referências negativas personalizadas de terceira pessoa (na audição do alvo)

- [ele é um asno]

- [são dois jumento]

- [a irmã dele é uma imbecil]

CRÍTICAS/RECLAMAÇÕES PONTUAIS

- (que/isto/isso) (é/foi) [absolutamente/extraordinariamente/indescritível/etc.] (ruim/lixo/ porcaria/horrível/terrível/etc.)

PERGUNTAS E/OU PRESSUPOSTOS DESAGRADÁVEIS

- porque é que você faz da minha vida um inferno?

- Que mentira você vai me contar agora?

- O que que você quer agora?

- Quer discutir comigo ou tá afim de ir pra cadeia?

COMPORTAMENTO SUPERIOR (uso de diminutivos para manifestar desdém)

- Que [criancice/infantilidade/imaturidade]

FISCALIZADOR DE MENSAGENS

- Escute aqui! [prefácio]

- Você entendeu (isso/aquilo?) [etiqueta]

- Você está me entendendo? [etiqueta]

DISPENSAS

- [vá] [embora]

- [saia] [daqui]

- [vaza/ canele/ mete o pé]

SILENCIADORES

- [cala] [a] [merda/porra] [da] [sua/tua] [boca.]

- Cala boca.

- Fique quieto!

AMEAÇAS

- [Eu vou/ nós vai/ nós vamos/ a gente vai] [quebrar/arrebentar] [tua] [cara/fuça] [se você não] [X]

- [é melhor você estar pronta sexta feira dia 20 para se encontrar comigo/para fazer isso] [ou] [X].

EXPRESSÕES NEGATIVAS (POR EXEMPLO, XINGAMENTOS, DESEJOS RUINS)

- [vá] [para o inferno/se mate/ foda-se você]

- [caralho! / puta que pariu hein!/foda-se]³⁹

³⁹ Texto original: Insults

1. Personalized negative vocatives

Em síntese, a obra "*Using Language to Cause Offence*" busca discutir as diversas formas pelas quais as pessoas podem ser impolidas umas com as outras. Para isso, o autor dividiu a impolidez em duas categorias: impolidez positiva e impolidez negativa. A primeira categoria inclui ações como provocar ou fazer piadas que possam ofender alguém, enquanto a segunda categoria engloba insultos diretos ou linguagem ofensiva.

-
- [you] [fucking/rotten/dirty/fat/little/etc.] [moron/fuck/plonker/dickhead/berk/pig/shit/bastard/loser/liar/minx/brat/slut/squirt/sod/bugger/etc.] [you]
 - 2. Personalized negative assertions
 - [you] [are] [so/such a] [shit/stink/thick/stupid/bitchy/bitch/hypocrite/disappointment/gay/nuts/nuttier than a fruit cake/hopeless/pathetic/fussy/terrible/fat/ugly/etc.]
 - [you] [can't do] [anything right/basic arithmetic/etc.]
 - [you] [disgust me] / [make me] [sick/etc.]
 - 3. Personalized negative references
 - [your] [stinking/little] [mouth/act/arse/body/corpse/hands/guts/trap/ breath/etc.]
 - 4. Personalized third-person negative references (in the hearing of the target)
 - [the] [daft] [bimbo]
 - [she]'s] [nutzo]
 - Pointed criticisms/complaints
 - [that/this/it] [is/was] [absolutely/extraordinarily/unspeakably/etc.] [bad/rubbish/crap/horrible/terrible/etc.]
 - Unpalatable questions and/or presuppositions
 - why do you make my life impossible?
 - which lie are you telling me?
 - what's gone wrong now?
 - you want to argue with me or you want to go to jail?
 - I am not going to exploit for political purposes my opponent's youth and inexperience.
 - Condescensions (see also the use of 'little' in Insults)
 - [that] ['s/ is being] [babyish/childish/etc.]
 - Message enforcers
 - listen here (preface)
 - you got [it/that]? (tag)
 - do you understand [me]? (tag)
 - Dismissals
 - [go] [away]
 - [get] [lost/out]
 - [fuck/piss/shove] [off]Silencers
 - [shut] [it] / [your] [stinking/fucking/etc.] [mouth/face/trap/etc.]
 - shut [the fuck] up
 - Threats
 - [I'll/I'm/we're] [gonna] [smash your face in/beat the shit out of you/box your ears/bust your fucking head off/straighten you out/etc.] [if you don't] [X]
 - [you'd better be ready Friday the 20th to meet with me/do it] [or] [else] [I'll] [X]
 - [X] [before I] [hit you/strangle you]
 - Negative expressives (e.g. curses, ill-wishes)
 - [go] [to hell/hang yourself/fuck yourself]
 - [damn/fuck] [you]

A maior parte dos enunciados impolidos envolve insultos, mas nem todos seguem um padrão geral de grosseria. Algumas ações vistas como mal-educadas não são claramente rudes à primeira vista, mas podem ser interpretadas como impolidas em contextos específicos. A este tipo de impolidez, o britânico as classifica como "impolidez implícita". Em outras palavras, isso significa que as pessoas possuem a capacidade de percepção e classificação de uma expressão que foi proferida pelo falante sendo vista como uma atitude grosseira/rude, mesmo que a intenção do falante não tenha sido essa.

Além disso, as estratégias de Culpeper (2011) também incluem um modelo de gatilhos para a impolidez implícita, que são os motivos pelos quais as pessoas interpretam determinados comportamentos como rudes. Cada classe de gatilhos gera um efeito diferente de inconformidade, em que o significado aparente do comportamento não se alinha com a interpretação impolida. Em síntese, o professor britânico estabeleceu essa divisão de categorias com o interesse de explorar diferentes tipos de impolidez e como as pessoas podem interpretar ações como rudes, mesmo que não tenham essa intenção, expostas conforme o Quadro 3.

QUADRO 3 – CATEGORIAS DE IMPOLIDEZ

CATEGORIA DE IMPOLIDEZ IMPLÍCITA	
FORM-DRIVEN (ORIENTAÇÃO POR FORMA)	
CONVENTION-DRIVEN (ORIENTAÇÃO POR CONVENÇÃO)	Contexto Interno
	Contexto Externo
CONTEXT-DRIVEN (ORIENTAÇÃO POR CONTEXTO)	Comportamento não marcado
	Ausência de comportamento

FONTE: A autora (2024), baseado em Culpeper (2011, p. 155-180).

Abordaremos nos próximos tópicos algumas das diferentes categorias presentes na impolidez implícita defendida pelo autor, que se mostram relevantes para nossa exploração teórica.

3.2.1 Orientação por Forma

Os exemplos desse tipo de impolidez incluem situações que podem ser explicadas usando o Princípio de Cooperação (PC) de Grice (1975), o qual descreve como as pessoas se comunicam de forma eficaz aderindo às máximas de conversação, como relevância, informatividade e clareza. Quando alguém viola essas máximas intencionalmente, isso pode desencadear uma inferência impolida ou rude.

Um exemplo de Culpeper tem como contexto um encontro em uma cafeteria entre amigos durante um feriado, após estarem em diferentes universidades durante o período letivo: “Estávamos todos conversando sobre nossos vários cursos e um dos meus amigos disse algo como ‘Que legal, temos um de cada... um advogado, um médico, um economista...’ e então todos olharam para mim... ‘e Sue...’”⁴⁰ (2011, p. 159, tradução nossa). Observa-se uma situação em que alguém sutilmente insinua um significado negativo, causando uma percepção de rudeza no ouvinte. O falante desrespeita a Máxima de Modo, especificamente a submáxima “seja ordenado”. O indivíduo cria uma espécie de ordem ao listar três profissões e, depois, quebra essa regularidade ao acrescentar um nome pessoal, Sue.

Com relação ao caráter marcante desse desvio estabelecido internamente parece ser reforçado através da fala do indivíduo por meio de uma pausa antes de completar a frase final. Assim, a implicação de impolidez é a de que Sue é a estranha, é aquela que não tem uma formação acadêmica ou não tem uma formação de prestígio como os outros membros do grupo de amigos.

Outra forma de impolidez orientada por forma é a mímica, que consiste em imitar ou ecoar a fala ou o comportamento de outra pessoa, porém com uma intenção sutil de zombaria ou depreciação. Trata-se de um caso especial de ironia ecoica, em que as palavras de alguém são utilizadas contra ela para transmitir uma mensagem oculta e impolida. Os termos cotidianos para descrever esses fenômenos incluem "insinuação", "querer dizer", "debochar", "comentários sarcásticos", "mímica" e outros. Esses termos são frequentemente empregados para descrever situações em que há um tom sutil de impolidez, mesmo que as palavras ou ações em si pareçam inofensivas.

⁴⁰ Texto original: Meeting up in a caf e with friends in the holiday after all being at different universities for the term. We were all talking about our various course, one of my friends said something like – ‘It’s cool we’ve got one of each . . . a lawyer, a medic, an economist . . . ’ and then everyone looked at me . . . ‘and Sue’.

3.2.2 Orientação por Convenção

A orientação por convenção se refere àqueles contextos em que diferentes partes do comportamento de uma pessoa transmitem mensagens conflitantes. De acordo com Culpeper (2011), a orientação por convenção envolve o conceito de impolidez implicacional, trazendo termos cotidianos como "sarcasmo", "provocação" e alguns rótulos para humor. No entanto, o autor ressalta que esses termos meta-discursivos referem-se a fenômenos bastante difusos, mas todos têm em comum o fato de que frequentemente envolvem mensagens mistas de alguma forma. Mais especificamente, eles combinam características que apontam para uma interpretação educada e características que apontam para uma interpretação impolida, e podem ser divididos em contexto interno e externo, conforme apresentado a seguir.

3.2.2.1 Contexto interno

A respeito dos exemplos de contexto interno, eles envolvem o uso de diversos modos de comunicação, como a fala, gestos ou expressões faciais, cujo alinhamento com a mensagem pretendida não se encaixa. Por exemplo, quando alguém diz que o trabalho de outra pessoa é "interessante", mas usa uma entonação ou expressão facial associada ao tédio, caracterizada por andamento lento e movimento de tom restrito, as pistas verbais e não verbais criam uma incompatibilidade com o que foi dito, levando a uma percepção de falta de educação ou grosseria da parte do falante.

Muitos exemplos de impolidez ocorrem quando há inconsistências entre a polidez convencionalizada e expressões impolidas. Nesse sentido, Culpeper discute o conceito de "desajustes de fórmulas verbais" (*verbal formula mismatches*); isso ocorre quando uma expressão verbal de cortesia convencionalizada é utilizada em um contexto em que seria mais apropriada uma expressão de impolidez convencionalizada, ou quando o comportamento de alguém expressa impolidez de forma diferente. Um exemplo paradigmático disso é a frase "Você poderia sumir daqui? (*Could you just fuck off?*)", que mistura uma fórmula de cortesia convencional com uma expressão de impolidez.

O autor também fornece outro exemplo, retirado de dados de treinamento militar, onde uma recruta do gênero feminino falha em realizar uma tarefa e, no final, recusa-se a fazê-la. Ela é repreendida por três oficiais não comissionados por cerca de quinze minutos. Um dos oficiais diz: "Você realmente impressiona as pessoas com o seu teatrinho, garota" (*You really impress people with your little act, girl*). Aqui, a expressão "Você realmente

impressiona as pessoas” é uma fórmula convencionalizada de elogio e cortesia, que contrasta com a expressão "teatrinho”, uma forma convencionalizada de insulto e condescendência, seguida por um possível insulto vocativo convencionalizado para uma mulher adulta "garota". Essa combinação cria um desajuste entre as fórmulas verbais utilizadas, destacando a complexidade das interações linguísticas e sociais.

Assim, o conceito de impolidez convencional revela como diferentes aspectos da comunicação podem criar impressões conflitantes, levando à percepção de grosseria. Essas instâncias apontam as complexidades da impolidez e evidenciam a importância de se considerar vários fatores contextuais e convencionais de comunicação estabelecidos ao estudar o uso da linguagem em interações sociais.

3.2.2.2 Contexto externo

A impolidez contextual externa ocorre quando o comportamento de uma pessoa não está de acordo com o contexto real de uso de uma determinada expressão. O autor fornece exemplos de e-mails enviados à caixa de entrada da equipe da Universidade de Lancaster. Nessas mensagens, os remetentes expressaram que seus carros foram danificados por alguém que não avisou ou entrou em contato com a universidade após o ocorrido (Culpeper, 2011, p. 179, tradução nossa):

Gostaria apenas de agradecer à pessoa que bateu de ré no meu carro na estrada perimetral ontem. Foi uma surpresa maravilhosa quando terminei o trabalho e voltei para o carro... Como mãe solteira e membra da equipe em meio período em um curso clerical, estou ansiosa para receber uma mensagem obscena na minha garagem local e depois não poder comer por uma semana! MUITO MUITÍSSIMO obrigada.⁴¹

O que se destaca nessas cartas de reclamação é que cada uma delas conclui com uma frase de agradecimento, como "MUITO MUITÍSSIMO OBRIGADA" em um exemplo. Essa expressão representa uma fórmula de polidez convencionalizada, uma forma padrão de ser educado em determinadas situações. Contudo, quando ela é anexa ao contexto de uma carta de reclamação sobre um dano automobilístico, a polidez convencional entra em conflito com a frustração e raiva subjacentes expressas na reclamação. Em outras palavras, a

⁴¹ Texto original: I would just like to say thank you to the person who backed into my car on the perimeter road yesterday. It was a wonderful surprise when I'd finished work and made my way back to my car. . . . As a single parent and part-time member of staff on a clerical grade, I look forward to receiving an obscene quote from my local garage and then not eating for a week! Thank you SO VERY MUCH.

incompatibilidade entre a fórmula polida e o contexto do e-mail de queixa do incidente cria uma sensação de impolidez externa.

Para explicar melhor, Culpeper (2016) menciona que os rótulos para melhor descrever tais fenômenos incluem termos como "*sarcasmo*" e "*provocação*", que são usados quando as pessoas dizem algo que parece educado em primeira instância, mas tem um tom subjacente de zombaria ou crítica. A partir disso, o autor discute um tipo específico de impolidez em que a forma superficial ou o conteúdo semântico de um comportamento dá origem a uma inferência impolida. Isso significa que certas ações ou expressões, embora não sejam claramente e explicitamente rudes ou ofensivas em suas superfícies, implicam intenções impolidas ou depreciativas, gerando uma interpretação negativa.

3.2.3 Orientação por Contexto

Culpeper destaca que o julgamento de muitos casos de comportamento considerado impolido é baseado em avaliações contextuais, especificamente em situações nas quais não há um sinal óbvio indicando que o comportamento é impolido, e onde não ocorre um desajuste entre uma fórmula de cortesia convencionalizada e a expressão de impolidez. Em vez disso, a interpretação de impolidez é predominantemente influenciada pelas expectativas que são criadas pelo contexto no qual o comportamento ocorre, podendo ser duas categorias: uma que envolve comportamento não marcado (onde não há sinais explícitos de impolidez) e outra que envolve a total ausência de comportamento (onde a impolidez é percebida pela ausência de comportamento esperado). As categorias são detalhadas a seguir.

3.2.3.1 Comportamento não marcado

Um comportamento não marcado e não convencional é incoerente com o contexto. Segundo Culpeper, essa categoria é incomum, porém existem exemplos. Tomemos como exemplo o caso 19, descrito por um estudante universitário no livro do autor:

Mãe - Olá
 Vikki - Oi, mãe
 ...
 Mãe - Você resolveu seu problema financeiro?
 Vikki - Sim, mais ou menos.
 Mãe - Vikki, você precisa fazer isso, você vai ter problemas. Vá amanhã e vá até o setor de finanças estudantis.
 Vikki - Mãe, para de insistir, eu sei.

Mãe - Pare de deixar as coisas para a última hora.
 Vikki - Certo, estou indo, você está me deixando louca. Te amo.⁴²

(Culpeper, 2011, p. 182, tradução nossa).

Como vimos, a falante descreve o comportamento de sua mãe como "irritante e inconveniente". Os três turnos da mãe são todos do tipo *bald on-record*: há uma pergunta *bald on-record* impolida sobre a área financeira; uma pergunta para chamar a atenção ("Vikki") seguida de uma afirmação *bald on-record* de necessidade, um aviso de consequências negativas e duas solicitações imperativas; e, por fim, uma outra solicitação imperativa (que também contém o verbo de mudança de estado "pare", pressupondo, portanto, que ela sempre deixa as coisas para o último minuto).

Esse comportamento não é atípico da conversa entre pais e filhos. Em geral, ele é legitimado e, portanto, é menos provável que seja visto como impolido/rude. No entanto, o problema aqui é que a diferença de poder não é mais aceita de forma direta, como comenta o informante: "Ela é muito protetora, mas precisa se lembrar de que tenho 20 anos. Tenho idade suficiente para assumir a responsabilidade e as consequências dos meus atos". Assim, a mãe é vista como abusadora do que é socialmente aceitável, e é isso que a torna que a torna impolida.

3.2.3.2 Ausência de comportamento

A ausência de um comportamento não condiz com o contexto. Um exemplo pode ser o fato de não agradecer a alguém por um presente.

A professora fez uma pergunta e eu levantei minha mão para responder. Ela apontou para mim e disse "sim?", então dei minha resposta. Logo percebi que minha resposta estava incorreta, pois, sem dizer uma palavra ou dar qualquer feedback, a professora pediu a outro aluno que desse sua resposta. Ela ignorou minha tentativa e passou

⁴² Texto original:

Mum – Hello
 Vikki – Hiya Mum

...

Mum – Have you sorted your finance
 Vikki – Yea kind of

Mum – Vikki, you need to do it, you are going to be in trouble. Go tomorrow
 and go to student finance

Vikki – Mum stop going on I know

Mum – Stop leaving things till the last minute

Vikki – Right I'm going your doing my head in. Love you.

para a próxima pessoa. Então, fiquei quieto e continuei ouvindo as outras respostas.⁴³ (Culpeper, 2011, p. 183, tradução nossa).

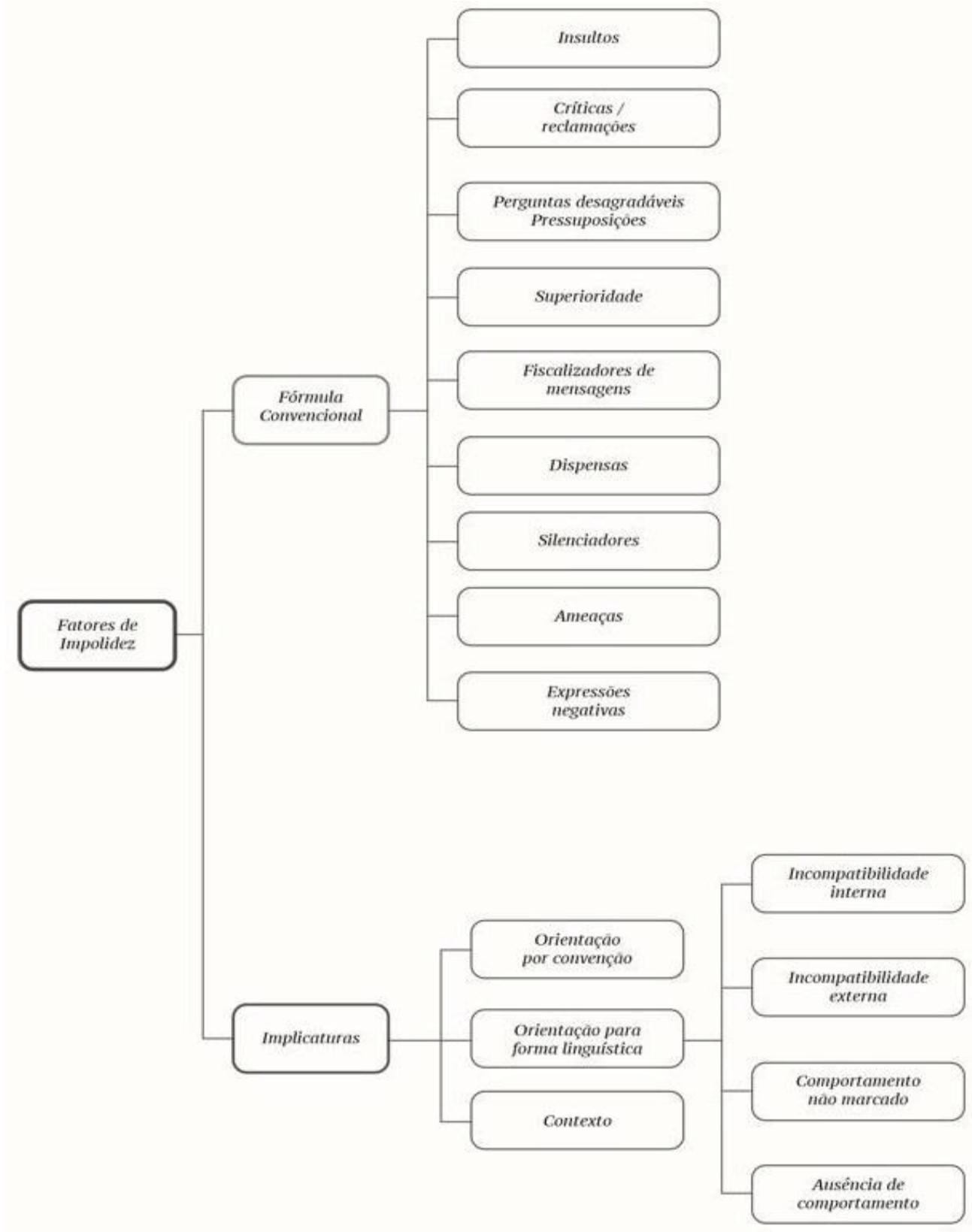
O aluno que forneceu as informações nessa situação tinha certas expectativas, esperando receber alguma forma de reconhecimento ou validação por sua resposta. No entanto, a ausência de qualquer reconhecimento fez com que ele se sentisse humilhado e menosprezado na frente de toda a classe. Ele compreendeu a falta de resposta como falta de educação e impolidez, interpretando-a como um sinal de que sua resposta foi considerada fraca ou sem importância pelo professor. Essa experiência fez com que ele sentisse que o professor deveria ter lidado com a situação de forma diferente, demonstrando melhor compreensão e educação. Em sua opinião, o comportamento do professor pode ser rotulado como "rude" devido à desconsideração captada e à falta de reconhecimento de seu esforço em responder à pergunta.

É essencial esclarecer uma distinção: o contraste entre "fórmulas implicacionais" e "fórmulas convencionalizadas" não implica que as "fórmulas convencionalizadas" não mantenham qualquer relação com a implicatura. Essa distinção é fundamentada na concepção de Grice (1975) sobre implicaturas particularizadas e generalizadas, posteriormente aprimorada por Levinson (1983) e Terkourafi (2005).

As implicaturas particularizadas são específicas do contexto e são desenvolvidas com base na situação particular do enunciado. Por outro lado, as implicaturas generalizadas possuem uma ligação mais estável com formas linguísticas específicas. Levinson caracterizou as implicaturas generalizadas como um nível de significado intermediário entre as implicaturas particularizadas e as implicaturas totalmente convencionalizadas (decisivas). A Figura 5 traz as concepções discutidas:

⁴³ Texto original: The teacher had asked a question and I put my hand up to answer it. She pointed at me and said 'yes?', so I gave my answer. I soon realised that my answer was incorrect as, without saying a word, or giving any feedback, the teacher asked another pupil to give their answer. She ignored my attempt and moved to the next person. So, I was just quiet and continued listening to other answers.

FIGURA 5 – SÍNTESE DAS CATEGORIAS DE CULPEPER



FONTE: Culpeper (2016, p. 441, tradução nossa).

A contribuição de Terkourafi (2005a) para esse conceito foi a de dividir as implicaturas generalizadas em duas subcategorias com base no contexto. O primeiro tipo é fracamente dependente do contexto, baseando-se em informações contextuais mínimas relacionadas ao contexto social de uso onde o enunciado tornou-se rotineiro e um tanto convencionalizado. O segundo tipo, semelhante à descrição de Levinson (1983), é ainda mais fraco dependente do contexto, com seu significado presumido em vários contextos.

Os *insights* de Terkourafi sobre a inferência de polidez também podem ser aplicados ao estudo da impolidez. O argumento da autora sugere que a impolidez, assim como a polidez, envolve diferentes níveis de dependência do contexto na interpretação do significado. De acordo com Terkourafi (2005a), a polidez é alcançada por meio de um entendimento geral quando uma expressão (vamos chamá-la de "x") é usada em um contexto em que o ouvinte já se deparou com situações semelhantes. Em vez de fazer uma inferência detalhada sobre a intenção do falante, o ouvinte se baseia em experiências passadas (representadas como um quadro) para inferir que o uso da expressão x implica polidez como um entendimento geral do enunciado do locutor. De acordo com a visão da autora, o ouvinte pode então formar a crença de que o falante está sendo educado.

A polidez é alcançada com base em uma implicatura generalizada quando uma expressão x é proferida em um contexto com o qual - com base na experiência anterior do interlocutor em contextos similares - a expressão x regularmente co-ocorre. Nesse caso, em vez de se envolver em inferências completas sobre a intenção do falante, o interlocutor baseia-se nessa experiência anterior (representada holisticamente como um quadro) para derivar a proposição de que "ao oferecer uma expressão x, o falante está sendo educado", como uma implicatura generalizada da fala do falante. Com base nessa implicatura generalizada, o interlocutor pode então chegar à crença adicional de que o falante é educado.⁴⁴ (Terkourafi, 2005a *apud* Culpeper, 2016, p. 440, tradução nossa).

Em termos mais simples, a categoria de fórmulas convencionalizadas (impolidez) baseia-se em um entendimento geral oriundo de experiências anteriores da pessoa que interpreta essas ações em situações semelhantes. Por outro lado, a impolidez implicacional requer um processo de inferência mais específico e detalhado.

⁴⁴ Texto original: Politeness is achieved on the basis of a generalised implicature when an expression x is uttered in a context with which - based on the addressee's previous experience of similar contexts - expression x regularly co-occurs. In this case, rather than engaging in full-blown inferencing about the speaker's intention, the addressee draws on that previous experience (represented holistically as a frame) to derive the proposition that "in offering an expression x the speaker is being polite" as a generalised implicature of the speaker's utterance. On the basis of this generalised implicature, the addressee may then come to hold the further belief that the speaker is polite.

Assim, Culpeper (2016) discute como as pessoas usam diferentes estratégias na comunicação, especialmente quando discutem o comportamento impolido. O autor aponta que as primeiras teorias sobre essas técnicas, como as propostas por Brown e Levinson (1978/1987), não correspondiam totalmente à ideia de que essas estratégias são parte regular de como nos comunicamos. Ainda, o professor também argumenta que, embora seja útil usar uma abordagem lógica para entender como certas escolhas de linguagem levam a resultados específicos, ela sozinha não é suficiente. Precisamos considerar detalhes mais sutis de situações da vida real e aplicar esse entendimento para analisar melhor os dados.

Buscamos neste capítulo destacar que as estratégias de comunicação impolida são bastante fortes e têm sido utilizadas com sucesso em diferentes estudos. Não são apenas escolhas aleatórias feitas por pesquisadores; ao contrário, eles representam o conhecimento comum compartilhado na sociedade. Além disso, pudemos introduzir a ideia de "superestratégias", que são mais complicadas e geraram muitos debates. Essas superestratégias envolvem a consideração de fatores como sentimentos positivos e negativos, franqueza na comunicação e o contexto em que a conversa ocorre.

Em conclusão, Culpeper (2011, 2016) explora os conceitos de faces positivas e negativas e enfatiza seu potencial como categorias analíticas úteis para a compreensão de padrões comportamentais. O autor defende uma abordagem mais complexa para essas categorias, já que as abordagens clássicas do modelo de Brown e Levinson têm sido um tanto limitadas, provavelmente devido à influência da teoria dos atos de fala de Searle. O trabalho empírico é necessário para compreender completamente o significado de "direção" ou explicitação, embora tal pesquisa seja atualmente limitada.

A relação entre a sinceridade e ofensa é explorada, mostrando que tanto a franqueza quanto a indireta podem exacerbar a defensividade, dependendo do contexto. Para encerrar sua ideia, o autor propõe uma abordagem alternativa, com base empírica, que considera os comportamentos linguísticos em contextos sociais específicos, em vez de se basear apenas em escolhas linguísticas lógicas. Essa abordagem reflete a ideia de convencionalização, onde as estratégias são adaptadas para ocasiões particulares de uso, com base nas regularidades observadas nos comportamentos linguísticos dentro desses contextos.

Note que os dados utilizados neste estudo são todos em inglês e alguns dos exemplos foram adaptados para o português brasileiro. No entanto, uma vantagem significativa desta pesquisa é que os itens incluídos em cada grupo foram selecionados com base nas opiniões dos participantes sobre suas percepções de impolidez, e não pelo pesquisador. Essa abordagem distinta em relação a estudos anteriores aumenta a validade dos resultados.

Culpeper (2011, 2016) não pretende criticar ou desacreditar o modelo de Brown e Levinson. No entanto, existem diferenças fundamentais nas abordagens apresentadas, como mencionado anteriormente. As categorias resultantes no modelo *culpeperiano* também são bastante diferentes. Notavelmente, o contexto desempenha um papel significativo nas categorias de seu modelo. O contexto é considerado na definição de convencionalização – seguindo conceitos explorados por Terkourafi (2005a, 2005b, 2005c) por exemplo – e a ideia de incompatibilidade depende de co-texto ou contexto. É importante reconhecer que qualquer fórmula ou estratégia de impolidez não é isolada, mas influenciada e contextualizada em eventos específicos de impolidez/rudeza/grosserias. Em última análise, isso molda seus significados e funções.

4 DISCURSO POLÍTICO E IMPOLIDEZ

Desde os tempos antigos, a linguagem política tem sido objeto de análise, remontando aos dias da *República* de Platão e à *Retórica* de Aristóteles. Os estudiosos reconhecem que as ideias, atitudes e intenções expressas nesse discurso têm um impacto direto na vida das pessoas, possivelmente mais do que em muitos outros contextos. Ao contrário das conversas cotidianas, a política representa uma forma de discurso público em que os participantes atuam principalmente como agentes sociais, em vez de indivíduos autônomos.

A abordagem dessa dissertação se baseia nos conceitos de Blas Arroyo (2011). A autora empresta de Wilson (1990) a definição de linguagem política enquanto “atividades linguísticas do mundo real dos políticos praticantes”. Isso inclui as atividades parlamentares, interações com jornalistas, confrontos eleitorais e discursos públicos. Todos esses atores e suas expressões constituem o cerne do discurso político.

Ao discutir o discurso político, é pertinente considerar a contribuição de Platão, um filósofo cujas reflexões moldaram os estudos linguísticos e políticos. O pensador grego estava preocupado com o potencial da linguagem numa sociedade ideal. Ao longo da história, desde os sofistas até o Iluminismo, muitos intelectuais debateram a relação entre persuasão e verdade, entre o certo e o errado, muitas vezes questionando como a linguagem pode influenciar as pessoas.

Uma abordagem diferente na reflexão sobre a interseção entre linguagem e política é fornecida por Aristóteles. Ao descrever os seres humanos como naturalmente propensos a viverem em sociedade (*a polis*), ele destacou nossa habilidade singular de usar a linguagem. Chilton e Schäffner (2002) explicam que, ao contrário de outros animais, nossa fala vai além de meros sons básicos; ela tem um propósito que nos permite discernir entre o útil e o prejudicial, o justo e o injusto. Essa capacidade de compreender valores compartilhados molda nossas sociedades, e a linguagem nos ajuda a expressar o que é considerado bom ou ruim com base nesses valores compartilhados.

É interessante notar que Aristóteles fala sobre como o que é considerado justo ou injusto está ligado ao que o grupo vê como útil ou prejudicial. Embora ele coloque as sociedades acima dos lares individuais em importância, os mesmos princípios se aplicam a ambos. Isso significa que não apenas as instituições públicas, como os governos, dependem de valores e linguagem compartilhadas, mas também grupos menores, como as famílias. Em

sua época, isso também incluía escravos e mulheres, que eram vistos como subordinados na sociedade.

Certamente, há outras formas de comportamento político que desempenham um papel na sociedade, como a força física. Entretanto, o núcleo do engajamento político gira principalmente em torno do uso da linguagem. Por outro lado, pode-se argumentar que a necessidade de linguagem, ou o desenvolvimento cultural do instinto inato da linguagem, surgiu da socialização dos seres humanos.

De acordo com Chilton e Schäffner (2002), embora o discurso político não seja invariavelmente ou necessariamente composto por declarações enganosas, as teorias políticas têm dificuldade em evitar acusações de predisposição ideológica ou interesse próprio. Quando os seres humanos se envolvem em discussões e escritos sobre política, eles o fazem, sobretudo, a partir de uma perspectiva política, devido ao vínculo da comunicação e do texto com a conduta social – e a política. Devemos enfatizar mais uma vez que não estamos afirmando que todas as formas de comunicação e texto são invariavelmente políticas.

A tarefa de definir política parece um desafio. Para Chilton e Schäffner (2002), a questão principal é que a definição de política varia de acordo com o contexto e as intenções de cada um, o que, por si só, a fala deles já representa uma resposta repleta de implicações políticas. Entretanto, ao examinar as definições implícitas e explícitas encontradas nos estudos políticos tradicionais e nas análises de discurso da política, surgem duas perspectivas abrangentes: por um lado, a política é vista como uma disputa pelo poder, envolvendo aqueles que se esforçam para estabelecer e manter sua autoridade e aqueles que se esforçam para combatê-la.

Alguns estados giram visivelmente em torno de lutas pelo poder e, embora a questão de saber se as democracias são fundamentalmente estruturadas dessa forma continue sendo objeto de debate. Por outro lado, a política é vista como uma forma de colaboração, abrangendo as práticas e instituições que uma sociedade emprega para resolver conflitos de interesse relacionados a riqueza, autoridade, liberdade e assuntos semelhantes.

Na prática, segundo Blas Arroyo (2011), a linguagem política é fundamentalmente semelhante a outras formas de expressão verbal, distinguindo-se principalmente pelas relações específicas estabelecidas entre o próprio discurso e o contexto extralinguístico no qual ele ocorre. É precisamente dentro da estrutura dessas coordenadas históricas, econômicas, sociais e culturais que as formas de linguagem política tendem a exibir uma manifestação mais visível quando comparadas a outros gêneros discursivos. A interação entre os significados explícitos e implícitos assume uma importância maior nesse cenário contextual.

Uma das expressões mais evidentes desse fenômeno pode ser facilmente observada nos tempos atuais, caracterizada pela fusão frequente de vocabulários e estilos que marcam o discurso dos políticos. Essa oscilação vai desde a utilização habitual de jargões técnicos em um extremo até uma linguagem mais apta ao coloquialismo no outro. Embora o eixo técnico mantenha uma qualidade mais atemporal, a coloquialização do discurso político passou por um avanço substancial nas últimas épocas. Essa trajetória evolutiva reflete essa mescla de uso da linguagem dos representantes públicos a partir do intuito de estabelecer uma conexão mais próxima e amigável com a população em geral, atingindo todo o tipo de público.

Blas Arroyo (2011) menciona as concepções apresentadas por Fernández Lagunilla (1999) em relação à natureza da linguagem política, ou comunicação política, termo que ela prefere para os argumentos apresentados, orientando-nos para os aspectos fundamentais que definem esse gênero. Em consonância com os interesses do estudo do discurso político da pesquisa de Blas Arroyo, destacam-se três características distintivas desse gênero textual propostas pelo autor espanhol:

- a) sua natureza polêmica ou provocativa, uma vez que a comunicação política está invariavelmente ligada à construção de um adversário e, portanto, à polarização;
- b) seu propósito mobilizador, enraizado no desejo inerente de influenciar a realidade;
- c) sua natureza ambígua ou, se preferirmos, o uso de um discurso duplo, tão emblemático do estilo dos políticos quanto é contestado de uma perspectiva externa.

Com relação ao gênero, como já observamos, o discurso político não pode ser simplesmente definido com base nas estruturas linguísticas que emprega. Essa ideia também se aplica à categorização dos vários gêneros que existem no discurso político. Respalda nas ideias de Van Dijk (1997a, 1997b, 2000, 2004), Blas Arroyo (2011) argumenta que, "os gêneros do discurso político não são definidos principalmente por seu significado ou estruturas, mas sim por características contextuais". Essas características contextuais incluem o cenário político, a interação política geral que está ocorrendo e os participantes com suas funções e objetivos políticos.

Além disso, os debates são apresentados em vários formatos, incluindo principalmente os *talk shows* (frequentemente considerados pseudodebates), debates

parlamentares e, de particular interesse para esta análise, os debates eleitorais. O que todos esses gêneros têm em comum é sua natureza persuasiva, derivada de seu objetivo final: convencer um público.

No entanto, a partir daí, é válido lembrar que gêneros como coletivos de imprensa, comícios de campanha, debates parlamentares e debates eleitorais diferem significativamente em aspectos essenciais, como o objetivo e o tom das interações.

Um critério primário para distinguir entre esses diferentes gêneros é a comunicação direta ou indireta. Segundo Blas Arroyo (2011), nos gêneros em que se prevalece a comunicação indireta, como em muitas formas de discurso político, a comunicação é diferida e assimétrica. Isso significa que as funções interativas assumidas pelos participantes apresentam diferenças na dinâmica do poder. Por exemplo, em debates eleitorais, em que o equilíbrio entre os direitos institucionais e interativos dos participantes é crucial, ao contrário de eventos como comícios de campanha ou discursos solenes em ocasiões significativas (convenções partidárias, discursos sobre o estado da nação, discursos televisionados em situações excepcionais), uma hierarquia é estabelecida entre os políticos e seu público.

O linguista espanhol cita o exemplo de Schäffner (1997) em relação aos discursos presidenciais em debates sobre o Estado da União, em que o presidente dos Estados Unidos se dirige cerimoniosamente à nação para analisar os eventos do ano anterior e delinear as principais prioridades do governo para o futuro imediato, essas expressões do discurso político podem ser caracterizadas como retórica "bem-sucedida" – quase que inerentemente. Os discursos são cuidadosamente planejados e ensaiados, permitindo que o orador molde o discurso usando padrões linguísticos que se mostraram eficazes no passado.

Nos discursos sobre o Estado da União, os presidentes estão bem-posicionados para serem retoricamente bem-sucedidos e persuasivos, pois, nesse gênero, eles - juntamente com sua equipe de assessores - podem se concentrar e elaborar tópicos de sua própria escolha. No entanto, reconhecer essas características relacionadas ao planejamento e a assimetria entre os participantes não significa negar a natureza interativa desse tipo de discurso político. Notavelmente, o desenvolvimento desse discurso inclui sinais de *feedback*, por meio dos quais o público responde ao discurso do político com aplausos, vivas, risos, vaias, assobios e expressões semelhantes.

Embora os políticos se dirijam principalmente a seus apoiadores, eles não podem ignorar o fato de que seus discursos também podem atingir outros setores da sociedade por meio da mídia. Isso é particularmente evidente em certos gêneros em que os políticos precisam navegar por situações de maior equilíbrio entre os participantes ou até mesmo de

desvantagem institucional, o que poderia comprometer seus interesses. Esse é o caso, por exemplo, de coletivas de imprensa ou entrevistas - dois contextos que costumam ser bastante arriscados para os políticos. Inicialmente, nesses tipos de interações verbais, somente os jornalistas estão autorizados a fazer perguntas, enquanto os políticos são obrigados a respondê-las. Essa dinâmica pode levar a situações de conflito entre os participantes, geralmente colocando o político em desvantagem, evadindo respostas ou simplesmente criticando o seu oponente para fazer o mesmo perder sua face.

Na era contemporânea da revolução da mídia, a prevalência da agressão e do conflito tornou-se cada vez mais evidente no discurso político, mesmo em gêneros discursivos em que esses atributos eram convencionalmente evitados. Entretanto, essa agressão assume uma dimensão particularmente enfatizada nos debates, servindo como uma instância proeminente do discurso formal, em que a discordância e o confronto entre os participantes são características importantes.

O substantivo "debate" é um termo semanticamente rico, cuja diversidade conceitual é evidente na própria definição encontrada no dicionário de *Oxford*. Em seu sentido primário, de acordo com o glossário, o termo "debate" se conecta a termos semanticamente relacionados, como "luta em defesa de uma causa", "contenda", "peleja", "disputa", "contestação", "polêmica" e "discussão". Sobretudo, como Blas Arroyo (2011) define, um debate é um ato de comunicação por meio do qual os indivíduos argumentam a favor ou contra uma determinada tese ou objeto. Consequentemente, é bastante comum na esfera pública espanhola (dado ao contexto do autor da obra que estamos referenciando nosso estudo neste capítulo), assim como na brasileira, ou até mesmo em outras culturas, ouvir discussões sobre tópicos como a descriminalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, proibição de porte de arma, transferência de propriedades, energia nuclear e assim por diante.

De uma perspectiva tipológica, Blas Arroyo (2011) frisa que essa também é a caracterização geral que encontramos em relação aos debates nas obras de determinados autores, embora eles tenham o cuidado de distinguir entre debates cooperativos e não cooperativos. O estudioso espanhol faz uma alusão aos exemplos de Dolz e Schneuwly (1998), que, em relação aos debates cooperativos, destacam-se três traços constitutivos: a) emergindo de uma situação de controvérsia, a essência de um debate está em expressar a própria opinião e compreender a dos outros, seja para influenciar os pontos de vista dos outros ou para adaptar as ideias iniciais à luz de novos dados e argumentos apresentados; b) como resultado, a natureza deliberativa dos debates permite a reconciliação de posições aparentemente opostas; e c) os debates sempre visam à resolução coletiva de problemas e conflitos.

De qualquer forma, discutir o gênero dos debates certamente envolve uma simplificação significativa, pois há vários tipos de debates ocorrendo em diversos contextos. Assim como a caracterização do discurso político e seus gêneros é complexa, a compreensão dos debates exige examiná-los em seus contextos não linguísticos específicos. Assim, o pesquisador europeu estabelece alguns traços característicos do discurso político como gênero textual para facilitar sua identificação:

- 1) Para começar, os debates são principalmente um método interativo para apresentar argumentos sobre tópicos sociais. Nos debates, há um aspecto duplo: defender os próprios argumentos e contestar os apresentados por outros (Seção 6);
- 2) Os participantes de um debate são pelo menos dois indivíduos envolvidos em oposição dialética, observados de perto por um terceiro participante que atua como árbitro ou moderador do confronto dialético (Seção 5.3);
- 3) O uso de estratégias de argumentação e persuasão é fundamental para o andamento dos debates. Esse processo envolve um esforço sociocognitivo em que um indivíduo tem como objetivo orientar e convencer os outros sobre a validade de ideias, atitudes ou ações específicas. Nesse processo, a arte da retórica e da oratória desempenha um papel fundamental (Seção 8);
- 4) Discursivamente, além do aspecto funcional persuasivo, há elementos interativos adicionais como perguntas, interrupções, sinais de feedback e outros (Seção 9);
- 5) Os debates são regidos por regras predefinidas e específicas que regulam seu conteúdo e influenciam sua estrutura e andamento. Essas regras abrangem a função do moderador, a ordem das intervenções, o tempo alocado para os turnos de fala, o nível de participação do público, as posições dos participantes e muito mais (Seção 3);
- 6) Estruturalmente, os debates consistem em vários componentes essenciais. Após a introdução do moderador, surge uma seção inicial em que os participantes compartilham suas perspectivas individuais sobre um tópico específico. Na fase central do debate, os participantes apresentam argumentos a favor de suas respectivas teses e, ao mesmo tempo, rebatem os argumentos contrários para enfraquecer a posição do oponente. Quando o debate chega ao fim, os participantes têm a oportunidade de resumir suas posições. Por fim, o debate é encerrado com uma declaração final do moderador (Seção 3.6);
- 7) O debate é orientado para um público de natureza complexa e organizado em diferentes estratos: desde aqueles presentes pessoalmente durante o debate (no estúdio de televisão ou no Parlamento) até os espectadores que acompanharam o evento de suas casas. Também estão incluídos os indivíduos que não tiveram a oportunidade de assistir diretamente aos debates, mas que são mantidos informados sobre seu progresso por meio da cobertura da mídia. A consideração de um público ainda maior, que no contexto de um debate eleitoral corresponderia a todo o eleitorado, não deve ser omitida (Seção 5);
- 8) A relevância da audiência é de extrema importância, pois este desempenha um papel decisivo no resultado final do debate, determinando se o debate culminará em uma vitória ou em uma derrota. É inegável que o debate sempre tem um desfecho concreto e um resultado inequívoco. No contexto contemporâneo, a obtenção desse veredicto é fervorosamente perseguida pelas pesquisas de opinião que a mídia divulga imediatamente após a conclusão de debates relevantes, tanto

na esfera parlamentar, como os debates anuais sobre o estado da nação ou moções de censura e confiança, quanto na esfera eleitoral. O exemplo a seguir exemplifica claramente essa sede de instantaneidade que caracteriza a mídia atualmente. (Blas Arroyo, 2011, p. 45).

O linguista espanhol sugere que não é coincidência o fato de os gregos, que estabeleceram o primeiro sistema democrático da história, terem sido os primeiros a reconhecer a importância do debate tanto para a educação individual quanto para o funcionamento adequado da sociedade. Nesse sentido, Protágoras (480-411 a.C.), conhecido como o pai da filosofia sofista e autor da famosa afirmação "o homem é a medida de todas as coisas", é identificado como o pioneiro do debate, uma atividade que ele ensinava a seus alunos em Atenas.

Platão também é creditado em seus *Diálogos* como o primeiro exemplo de exame do mesmo assunto sob uma perspectiva dialética e persuasiva. Embora a precisão histórica desses marcos seja discutível, é inegável que, há mais de 2.500 anos, os cidadãos de Atenas se reuniam regularmente em espaços públicos para discutir e tomar decisões cruciais para o direcionamento da cidade. Essas decisões variavam desde assuntos cotidianos que afetavam os cidadãos até a aprovação de declarações de guerra e sua execução, passando por várias deliberações de natureza militar, política ou mesmo moral. De fato, como destacou Aristóteles, Dominar a arte da retórica e, portanto, ser proficiente no ato de debater, teve efeitos benéficos e concretos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (Blas Arroyo, 2011, p. 45). Isso se deve ao fato de que:

- (a) Proporciona a capacidade de examinar várias perspectivas sobre o mesmo problema: ao participar de um debate, é possível discernir qual posição é mais relevante para uma questão específica;
- (b) Funciona como um meio de educação pública: por meio do processo de debate, as massas são educadas, permitindo a transformação desses indivíduos em cidadãos plenos (daí a relevância do debate na esfera educacional em determinados países).

Além das vantagens mencionadas acima, Blas Arroyo (2011) acentua que Aristóteles também enfatizou aspectos éticos importantes, tal como o debate é capaz de dar ao indivíduo a capacidade de se proteger contra o engano e a injustiça. Não basta apenas conhecer as decisões corretas; é necessário ser capaz de argumentar a favor delas. Diante disso, essa

habilidade é especialmente valiosa em situações em que a pessoa se encontra em conflito com o Estado ou em oposição a uma sociedade opressora.

Em vista disso, como nosso objetivo é descrever a impolidez no discurso político, veremos nos próximos parágrafos algumas estratégias deste fenômeno desenvolvidas por Blas Arroyo (2011) no debate eleitoral cara a cara.

O campo do discurso político – especialmente o contexto dos debates eleitorais – é caracterizado pela implementação de dois princípios fundamentais em sua estrutura. De um lado, espera-se que os políticos expressem discordância com seus oponentes, apontando seus pontos fracos em termos de programas e outros aspectos relevantes. Ao mesmo tempo, presume-se que os representantes públicos também tenham a capacidade de equilibrar essa agressividade verbal apresentando uma imagem positiva. Isso é feito destacando as realizações passadas e elogiando a própria ideologia, bem como as pessoas que a incorporam, a começar pelo próprio candidato.

Para Blas Arroyo (2011), a polarização observada nas campanhas e nos discursos que as acompanham pode servir como causa, mais do que um mero reflexo, de outra polarização intensa na sociedade. Esse fenômeno fica evidente na linguagem utilizada, que emprega um conjunto de estratégias interativas e sociocognitivas bem reconhecidas. Essas estratégias incluem enfatizar as próprias virtudes e minimizar as fraquezas, mas, talvez mais notavelmente, destacar as falhas do lado oposto (Van Dijk, 2004). Nesse contexto, os debates face a face aparecem como uma disputa de persuasão entre adversários, em que a elevação da imagem e dos interesses de alguém inevitavelmente corresponde a minar a credibilidade do oponente. Essa dinâmica elucidada o significado das expressões verbais de agressão e até mesmo um certo nível de impolidez institucional dentro desse discurso.

Fora dessa estrutura discursiva, fica evidente que o impacto da retórica e do discurso da campanha vai muito além de seu contexto imediato. As estratégias linguísticas empregadas no discurso político desempenham um papel fundamental na formação de dinâmicas sociais mais amplas e até mesmo no nível de polarização presente na sociedade. Em vista disso, a exploração dessas estratégias e de seus efeitos é crucial para gerar percepções valiosas sobre a relação entre linguagem, política e polarização social.

O ataque, sem dúvida, é uma ferramenta fundamental para o orador no debate, uma vez que não apenas permite prejudicar a imagem do adversário, mas também o obriga a adotar uma postura defensiva. Embora os políticos tenham a habilidade de escapar dessas manobras, respondendo apenas aos ataques que podem ser mais prejudiciais, silenciando outros e enfatizando a falta de propostas do oponente, é verdade que a agressão verbal tende a gerar

mais agressão, sem mencionar a frustração daqueles que compreendem como as pesquisas eleitorais consistentemente desfavorecem ou testemunham a perda gradual na disputa com seus adversários (Blas Arroyo, 2011).

Para Blas Arroyo (2011), o estágio do debate também apresenta variações em relação ao nível de confronto exibido pelos políticos. Previsivelmente, as seções centrais dos debates face a face experimentam um aumento na intensidade da hostilidade, uma vez que se concentram principalmente no oponente como interlocutor. Em contrapartida, nas fases iniciais ou finais, como as intervenções que marcam o início ou o encerramento de diferentes partes do debate, os candidatos tendem a direcionar sua atenção principalmente para obter a aprovação do público. Consequentemente, nesses casos, a disposição de atacar o oponente geralmente é menos acentuada.

É certo que houve um crescimento considerável no número de pesquisas contendo análises de interação com ênfase na comunicação interpessoal, abrigando diversas facetas do tema, nas últimas décadas. Como Culpeper (2011) destacou em seus estudos, há alguns anos, esses estudos só se concentravam na busca pela harmonia conversacional proposta pelos autores da TP, ou seja, entendia-se que os participantes de uma conversação deveriam prezar pelo acordo e respeito de ambos, de modo a evitar confrontos em suas relações. Também já vimos que foi graças as investigações de Lakoff (1973a, 1973b), Leech (1983) e a Brown e Levinson (1978/1987) que essas teorias ganharam força e influência nos estudos pragmáticos para dar luz às estratégias de impolidez.

Diferentemente das teorias de polidez, que defendiam essa preservação da imagem dos interlocutores e o respeito mútuo, por exemplo, a impolidez trabalha com estratégias de ataque conversacional. Essa abordagem pragmática analisa situações interpessoais menos harmoniosas entre os indivíduos carregadas de atitudes impolidas, grosseiras ou de falta de educação. Claro que essas atitudes impolidas estão rigorosamente sujeitas ao contexto de uso em que elas ocorrem. Assim, Blas Arroyo (2011) enfatiza que a discordância prevalece sobre a harmonia comunicativa, e até mesmo alguns falantes buscam deliberadamente o conflito e as desavenças.

A partir do exposto, podemos pensar que como as relações interpessoais de confronto capturam maior a atenção dos ouvintes em diferentes contextos de uso, elas são frequentes em programas televisivos também. No capítulo anterior observamos que Culpeper (2011) mencionou em sua pesquisa sobre a constância de episódios de afrontes e desentendimentos em diversos contextos, como nos treinamentos militares, procedimentos legais nos tribunais de justiça, programas de televisão como *Big Brother Brasil*, *A Fazenda* etc, que se espera que

os participantes demonstrem seu “pior” lado e que entrem em confusões para entreter a audiência que assiste esse tipo de conteúdo.

No entanto, a impolidez está presente mais além desses contextos, como em situações institucionais, como na esfera política, em entrevistas, debates parlamentários e eleições. Em vista disso, a manifestação do comportamento impolido desempenha um papel fundamental nas relações de poder. Para Blas Arroyo (2011), o debate político possui caráter competitivo cujo objetivo se dá em danificar a imagem do outro e as expectativas do adversário. Desse modo, é comum esperar desentendimentos e ataques à face do adversário em cenários políticos, principalmente nos debates.

Um dos traços que marcam os discursos de impolidez nos debates eleitorais é o ataque pessoal e agressão com o intuito de persuadir aos ouvintes que estão assistindo. Isso pode ser representado como uma espécie de luta ou batalha, na qual a vitória ou derrota são capazes de gerar um impacto importante nesse confronto político entre partidos e líderes. Blas Arroyo (2011) sugere que os debates políticos se tratam de uma confrontação, e não de apenas um diálogo argumentativo.

[...] Em última instância, os políticos buscam ganhar e destacar a derrota de seu oponente, fazendo que ela seja evidente e contundente, em benefício de seus próprios interesses. Nessa luta, se valoriza mais a capacidade de derrotar dialeticamente o oponente que a qualidade dos argumentos apresentados. Isto se explica por que os interlocutores recorrem ao contra-ataque com maior frequência ao invés de defender suas próprias posições quando são objeto de crítica⁴⁵ (Blas Arroyo, 2011, p. 192, tradução nossa).

Em síntese, a prioridade do debate político não é sempre convencer o seu interlocutor, mas desacreditá-lo de uma forma efetiva, diminuindo-o nesta disputa. Ao priorizar a capacidade de derrotar o adversário em vez da qualidade dos argumentos apresentados, esse fator tem impacto no aumento de contra-ataques realizados pelo ouvinte, pois ele buscará se defender cada vez que uma ofensa ou mentira lhe é proferida. A probabilidade de que o debate deve se centrar em argumentos que convençam o interlocutor parece ser, em muitos dos casos, mais uma aspiração do que uma realidade, de fato. Do contrário, a tática mais utilizada pelos participantes consiste em desacreditar a imagem do

⁴⁵ Texto original: [...] a sensation of being at the battlefield. One holds an important opinion which is rejected by the other party. At least one participant wants the other party to relinquish their opinion and this creates a climate where there is something to win or lose. One feels embroiled in an argument when one's own position is under fire or when one is compelled to attack the posture held by the other person. It becomes a real argument when the two people throw most of their energies into obliterating the position of the other while defending one's own.

interlocutor, fazendo acusações graves, associações negativas e ridicularizando o outro. Portanto, entendemos que essas características fazem parte do cenário político atual em contexto brasileiro.

Outro fator interessante para o estudo das estratégias de impolidez é a busca pela devastação da imagem do outro. O desentendimento entre os candidatos pode prejudicar a imagem do outro participante, assim como sua imagem pública ou privada, tendo em vista que o conceito de impolidez também está relacionado a noção de face proposta por Goffman (1956). Nesse sentido, a definição de imagem deve abordar tanto o âmbito privado quanto público do candidato, pois é este último que será o mais apropriado para contextos discursivos institucionais. No que diz respeito ao debate presidencial, os atos verbais contendo possíveis ameaças afetam tanto a esfera privada dos participantes como sua vida pública. Fatores como ter a sua própria imagem ameaçada, assim como ser ridicularizado, ou considerado como incompetente em contextos eleitorais, faz com que o êxito de cada candidato dependa da impressão e dos efeitos causados em seus/sua eleitores/audiência. (Blas Arroyo, 2011, p. 195).

Como vimos no capítulo 2, Culpeper (2011) descreve as diferentes visões sobre o comportamento da impolidez, concentrando-se, principalmente, numa estratégia de impolidez negativa, que seria a de “menosprezar, ridicularizar” o seu interlocutor. Entretanto, o autor argumenta que essa técnica deveria ser, na verdade, considerada como impolidez positiva, devido ao fato de que ao mostrar certo desdém ao ouvinte, implicará numa situação de descaso explícita a partir da sua validade pessoal. Ou seja, este incidente se enquadra mais na definição de impolidez positiva porque essa ideia da mesma diz respeito a uma estratégia de destruição da imagem positiva do interlocutor.

Blas Arroyo (2011) refere-se aos exemplos de Fernández Garcia (2000), que descreve o gesto de interrupções frequentes no debate político entre candidatos como uma maneira de minar a imagem positiva do oponente. A falta de cooperação por parte do interlocutor interrompe o discurso do outro candidato por meio de pausas, prejudicando assim seu raciocínio. A partir dessa perspectiva, entendemos que essas interrupções na fala do outro candidato são estratégias de impolidez positiva, pois representam uma forma extrema de agressão ao "território" do interlocutor, ou seja, sua imagem negativa.

Em vista dos aspectos apresentados até então, discutiremos os níveis de estratégias alternativas utilizadas para mostrar como a impolidez é construída no debate eleitoral e os seus diferentes níveis no discurso: a) estratégias conceituais ou funcionais que os políticos usam para prejudicar a imagem de seus oponentes; b) recursos linguísticos e retóricos que os

oradores usam para executar essas estratégias; e c) mecanismos interacionais usados no confronto com o interlocutor e suas possíveis reações, inclusive a da interrupção.

Para caracterizar as estratégias funcionais de impolidez, Blas Arroyo (2011) estabelece alguns critérios para sintetizar e generalizar essas táticas. É válido considerar que essas técnicas dependem de alguns fatores, tais como os papéis institucionais que os participantes cumprem no contexto político, seus objetivos, estilos dialéticos, interesses dos políticos no debate e outras características específicas do gênero. Ele explica que essas estratégias podem ser vistas como diferentes em um gráfico imaginário, dependendo do quanto elas ameaçam a imagem do oponente, tanto em público quanto em particular.

[...] para a classificação temática das estratégias principais, usamos dois fatores diferentes. Por um lado, as estratégias podem ser representadas em vários pontos de um eixo imaginário, dependendo do grau de ameaça que representam para a imagem pública e privada do oponente. Assim, a acusação de mentir representa um perigo grave em qualquer circunstância, mas ainda mais se for feita diante de uma audiência numerosa que precisa decidir seu voto por um dos candidatos em um curto período de tempo. E, em qualquer caso, é um ato mais sério para a imagem do interlocutor do que simplesmente acusá-lo de entrar em contradição, outra das táticas comuns no debate.⁴⁶ (Blas Arroyo, 2011, p. 202, tradução nossa).

Em vista disso, observamos que o elemento estratégico de “acusar” o outro é frequente nos debates políticos, funcionando como uma forma de atingir o candidato, de modo a atacar sua face e vencer o outro, não sendo necessariamente através de bons argumentos, mas através da acusação.

Outra condição que deve ser levada em consideração a respeito das estratégias de impolidez é que elas se concentram em duas perspectivas diferentes: de um lado, essas estratégias se relacionam a eventos nos quais o adversário está envolvido, seja no passado (como o fato de acusar o oponente em caso de incompetência, fracasso etc) ou uma ocorrência futura (como o fato de acusar o outro candidato de esconder intenções maliciosas). Por outro lado, elas estão conectadas com seu discurso, tanto na conversa em que o debate face a face ocorre quanto em outros episódios discursivos, como em debates parlamentares entre outras instâncias. Dessa maneira, essas estratégias buscam classificar o potencial de ameaça que uma

⁴⁶ Texto original: [...] para la clasificación temática de las estrategias principales hemos utilizado dos factores diferentes. Por un lado, las estrategias pueden dibujarse en diversos puntos de un eje imaginario, según el grado de amenaza que suponen para la imagen pública y privada del oponente. Así, la acusación de mentir, representa un peligro grave en cualquier circunstancia, pero más, si cabe, si se formula ante una audiencia multitudinaria, que tiene que decidir su voto por uno u otro candidato en breve plazo de tiempo. Y en cualquier caso, se trata de un acto más grave para la imagen del interlocutor que la mera imputación de incurrir en contradicciones, otra de las tácticas habituales en el debate.

atitude/fala pode carregar ao ser manifestada no momento do debate (Blas Arroyo, 2011, p. 202).

As estratégias relacionadas à associação do interlocutor a características ou eventos negativos, bem como à acusação de disseminação de informações falsas, destacam-se como táticas de alto poder de ameaça no discurso político. Essas táticas podem ser aplicadas em dois contextos distintos: o primeiro relaciona-se a fatos, enquanto o segundo diz respeito ao discurso do oponente. Cinco estratégias principais serão descritas a seguir.

4.1 ESTRATÉGIA 1 – ASSOCIAÇÃO DO INTERLOCUTOR A AÇÕES, INTENÇÕES E VALORES CONDENÁVEIS

A primeira estratégia, delineada por Blas Arroyo (2011), envolve a associação de valores negativos, sejam eles relacionados a ações ou intenções, entre os candidatos. Esta técnica pode ser compreendida de diferentes maneiras, dependendo de como o falante se responsabiliza ao expressar suas ideias e relacioná-las ao ouvinte em discussão. Na maioria dos casos, os políticos tendem a direcionar acusações diretamente ao seu oponente, culpando-o e acusando-o imediatamente por determinadas atitudes.

4.2 ESTRATÉGIA 2 – ACUSAÇÃO DE MENTIRA

A segunda estratégia consiste em acusar o ouvinte de mentir, o que é considerado um delito grave em debates políticos, seja na esfera pública ou privada. De acordo com Blas Arroyo (2011), em algumas tradições políticas, como nos Estados Unidos, os debates pressupõem que os participantes falem a verdade durante todo o questionário. Nessa perspectiva, quando o falante acredita ter informações precisas e o oponente discorda, o candidato tem duas opções: mostrar que o oponente não possui evidências suficientes ou, mais comumente, acusá-lo de mentir sem citar evidências necessárias.

4.3 ESTRATÉGIA 3 – DEMONSTRAÇÃO DE DESDÉM EM RELAÇÃO AO ADVERSÁRIO

A terceira estratégia relaciona-se tanto com a impolidez negativa quanto com características de impolidez positiva. Estratégias como desdém, desprezo e ridicularização equivalem a ataques diretos à validade da palavra e da imagem positiva do interlocutor. Blas

Arroyo (2011) questiona quais aspectos específicos são afetados diante das afirmações depreciativas do falante para com o ouvinte, mencionando a abordagem de Spencer-Oatey. Esta última explica que as facetas da imagem vão além do que apenas o polo positivo e negativo propostos pelo modelo brownlevinsoneano.

Recapitulando a teoria de Spencer-Oatey, deve-se considerar a existência de duas imagens fundamentais para a comunicação humana: a de qualidade e a de sociabilidade. A primeira está ligada ao desejo de ser bem-visto e avaliado de forma positiva através de habilidades, virtudes, aparência etc. Spencer-Oatey defende a ideia de face como qualidade social, que ocorre quando os desejos de reconhecimento e valorização dos papéis e identidades sociais dos interlocutores estão em perigo. No debate eleitoral, essa imagem do oponente costuma ser o alvo principal de ataques.

É interessante notar que Blas Arroyo (2011) recorre ao exemplo de Culpeper (1996) ao comparar os recursos da impolidez e da imagem com perguntas ameaçadoras em programas de televisão ou a imitação de palavras como forma de zombar ou ser sarcástico com o interlocutor. Assim, compreendemos que as ideias de ambos os autores mencionados nestes parágrafos são utilizadas como referência para a explicação dessa terceira estratégia de ridicularização do outro candidato de forma abusiva, acarretando consequências negativas para o falante do momento.

4.4 ESTRATÉGIA 4 – FORMULAÇÃO DE CONTRASTES DESFAVORÁVEIS PARA O INTERLOCUTOR

A quarta estratégia, de relevância na retórica política, envolve a apresentação do próprio lado como positivo e correto em comparação com o partido oposto. Isso implica os oradores atribuírem a si mesmos fatos, julgamentos e atitudes positivas que contrastam com os do oponente, menosprezando-o e ridicularizando-o, seja no passado ou assegurando que, se eleitos, não cometerão os mesmos erros que o rival. Além disso, essa técnica pode desfavorecer pessoas próximas ou eventos relacionados ao outro candidato, permitindo que o falante menospreze ou deboche de uma situação ligada ao oponente.

Sob tal forma de atuação, os oradores podem implicitamente contrastar suas ideias com as do oponente sem mencionar a si mesmos diretamente. Isso proporciona uma certa flexibilidade em seu discurso, pois a crítica ao oponente não necessariamente se traduz em um comprometimento explícito por parte do candidato quando ele insinua ou comenta algo. Dessa

forma, essas táticas são comuns no discurso político para prejudicar a imagem do outro e obter vantagem no debate eleitoral.

4.5 ESTRATÉGIA 5 – APONTAMENTO DE CONTRADIÇÕES DO INTERLOCUTOR

A última estratégia, menos comum nos debates políticos, caracteriza-se por um ataque à face do ouvinte em um nível leve ou suave. Esta técnica consiste na acusação de contradição entre os interlocutores durante o debate, visando destruir a credibilidade do adversário. Embora não tenha o mesmo impacto que as outras estratégias, essa tática é válida e tem sua importância técnica em debates e discussões políticas, com o objetivo de atacar o adversário e influenciar a audiência.

Um exemplo mencionado pelo autor espanhol é que os eleitores esperam que os políticos cumpram com seu programa político e as promessas feitas durante a campanha eleitoral. Portanto, se o adversário notar que o falante não cumpriu algo ou agiu de maneira contrária ao que propôs, isso é visto como uma contradição em sua fala. Essa estratégia pode afetar a confiabilidade do falante perante os eleitores e impactar seu desempenho nas votações.

Em síntese, compreendemos que a impolidez no discurso político geralmente está relacionada ao uso de uma linguagem agressiva, competitiva ou desrespeitosa para atacar os adversários e alcançar vantagem. Como discutimos anteriormente, o uso da impolidez tende a atrair mais a atenção da audiência, mas também pode gerar consequências negativas a longo prazo, como a polarização e a erosão do discurso civilizado.

De fato, há argumentos de que as estratégias de impolidez podem ser eficazes em mobilizar a base de apoio de um político, mas também podem alienar eleitores independentes, contribuindo para uma atmosfera política tóxica. Portanto, é importante manter um equilíbrio na expressão de opiniões políticas, respeitando os adversários, partidos políticos e a diversidade de opiniões.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No dia 16 de outubro de 2022, o Grupo Bandeirantes, em colaboração com a TV Cultura da UOL e a Folha de São Paulo, organizou o primeiro debate do segundo turno (UOL, 2022) entre os dois principais candidatos à presidência da república: Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL). Esse evento, que teve duração total de 1 hora e 40 minutos, foi um momento de destaque na campanha eleitoral.

Estruturado em três blocos distintos, o debate proporcionou oportunidades para os candidatos se questionarem mutuamente e responderem com réplicas e tréplicas nos blocos um e três. No segundo bloco, os candidatos responderam às perguntas formuladas pelos jornalistas, sem interrupções ou comentários do oponente.

Nos parágrafos seguintes, examinaremos as transcrições das intervenções dos candidatos à luz das estratégias de impolidez delineadas por Culpeper (2011, 2016) e Blas Arroyo (2011). Ao integrar e explorar ambas, pretende-se uma compreensão mais profunda das interações no debate, o que enriquecerá a análise das estratégias de impolidez adotadas por Lula e Bolsonaro. É importante salientar que a análise se concentrará apenas em trechos selecionados do primeiro bloco do debate, considerando que a extensão das falas e a repetição de estratégias pelos candidatos sugere que seria redundante uma análise integral do evento.

JORNALISTA: Nos países avançados, nos países mais civilizados, em termos orçamentários, metade do orçamento é controlado desta forma constitucional, e metade é comandado pelo presidente. Aqui no Brasil, 96% do dinheiro vai direto para o seu destino sem a mão do presidente, sobrando 4% na mão do presidente da república, e para fazer novos projetos novas ideias, novas programas, tem que tirar projeto, tem que tirar a ideia, tem que tirar programa. Eu quero saber para cumprir os projetos e programas que os senhores propõem na campanha, os senhores vão cortar de onde? Dos 4% que comandam ou vão propor mudanças constitucionais para mexer nos outros 96%? (0:45- 1:23)

JORNALISTA 2: Bom, pela ordem sorteada o primeiro a responder a essa pergunta é Jair Bolsonaro. Boa noite, candidato! O senhor tem um minuto e meio, por favor.

[1] BOLSONARO: Boa noite! Por exemplo, a questão do auxílio Brasil. A origem desse dinheiro virar de uma proposta que já passou na Câmara, visando a reforma

*tributária, e está no senado federal. Vamos manter essa despesa extra de forma permanente e vitalícia. Deixo claro, quando **nós** criamos o auxílio Brasil final do ano passado, **nós** renegociamos o parcelamento dos precatórios, **e criamos o auxílio emergencial de r\$ 400. Nesse momento, toda a bancada do PT votou contra na Câmara dos Deputados porque eles não têm qualquer preocupação com os mais pobres. Voltando a questão de recurso, não apenas isso na reforma tributária, bem como o nosso governo estuda ao se privatizar alguma coisa, uma parte, obviamente, para pagar juros da dívida, e a outra parte irá para irrigar projetos outros, que pode acontecer porque realmente esse restante de 4% do orçamento é muito pequeno. Mas tudo nós fazemos, como já faremos, como fizemos no passado, dentro da responsabilidade fiscal. Tanto é que nem um momento houve qualquer medida no nosso governo que viesse causar um desconforto, um descontrole junto ao mercado, bem como oscilação no dólar, então fazemos tudo dentro da responsabilidade.***

Conforme destacado por Bousfield e Locher (2008), toda interação envolve relações de poder, e, portanto, a impolidez é um mecanismo de exercício de poder, uma vez que impacta os interlocutores de alguma forma, influenciando o ambiente futuro de suas interações. Dessa maneira, a impolidez – seja ela compreendida como a intencional violação da face (Bousfield, 2008; Culpeper, 2011) ou não (Terkourafi, 2001, 2002) – está intrinsecamente relacionada ao conceito de poder, pois um interlocutor cuja face é prejudicada por uma expressão impolida se vê com suas opções de resposta claramente limitadas.

Nessa perspectiva, o candidato Bolsonaro, procura enfatizar as realizações de seu partido durante seu mandato ao utilizar a primeira pessoa do plural repetidamente, visando contrastar com as ações negativas atribuídas ao governo da oposição. Bolsonaro busca estabelecer uma posição de superioridade em relação a Lula, com o intuito de suplantá-lo em seu discurso.

Blas Arroyo (2011) argumenta que o ataque à imagem é uma estratégia comum entre os interlocutores de um debate, sendo vencedor aquele que consegue desgastar a imagem do outro através de táticas retóricas. No excerto, é possível identificar a aplicação da primeira estratégia delineada pelo autor espanhol, que consiste na associação do candidato a ações e valores negativos. Essa ênfase pode ser interpretada como uma tentativa de ressaltar as realizações positivas do governo do Partido Liberal, ao mesmo tempo em que minimiza ou desvaloriza as conquistas do partido adversário.

Além disso, Jair Bolsonaro sugere que o Partido dos Trabalhadores (PT) não adotou uma postura responsável em relação à política fiscal durante seus anos de gestão ao afirmar, utilizando o pronome "nós", que "tudo nós fazemos, como já faremos, como fizemos no passado, dentro da responsabilidade fiscal", bem como ao mencionar o impacto negativo no mercado financeiro e na oscilação do dólar durante seu mandato presidencial.

Este trecho pode ser relacionado à estratégia de impolidez negativa de Culpeper, na qual o falante busca criar uma distância entre si e seu interlocutor. Isso pode ocorrer não apenas interrompendo o discurso do outro, mas também invadindo seu espaço pessoal, com o objetivo de associá-lo a aspectos negativos. Por exemplo, quando o falante menciona que "toda a bancada do PT votou contra na Câmara dos Deputados porque eles não têm qualquer preocupação com os mais pobres". Como observado por Blas Arroyo (2011, p. 204), é comum que os políticos direcionem suas acusações diretamente ao oponente, considerando-o imediatamente responsável pelos eventos em questão.

Diante disso, percebemos que, com o propósito de prejudicar e atacar a imagem do interlocutor, Bolsonaro recorre a contrastes para destacar as realizações positivas de seu governo, implicando que o governo adversário não as alcançou (estratégia de impolidez *off-record*). Isso sugere uma falta de responsabilidade para com a população e atribui ao PT a responsabilidade por eventuais oscilações no valor do dólar.

Em seguida, o moderador do debate esclarece que os candidatos dispõem de quinze minutos para expressarem suas ideias na primeira rodada direta de perguntas, enfatizando a necessidade de respeitar a vez de fala do outro sem interrupções. O primeiro a se manifestar é Lula, que questiona seu oponente sobre o número de escolas técnicas construídas durante seu mandato. A seguir, examinaremos a resposta do participante.

[2] BOLSONARO: primeiramente, o seu Lula confunde auxílio emergencial com auxílio Brasil. O auxílio emergencial de R\$600,00 e o senhor que fala tanto de pobre, deixar bem claro, durante o ano 2020 quando o povo foi obrigado a ficar em casa, não por adesão desse presidente, mas por adesão de muitos governadores do seu partido, eles iam morrer de fome. E só de auxílio emergencial em 2020, nós gastamos o equivalente a 15 anos de Bolsa Família. E o bolsa família pagava muito pouco. Eu tinha vergonha de ver as pessoas mais humildes, especial do Nordeste, do interior do Nordeste, recebendo algumas famílias, começando a receber, 42 reais por mês. Se o senhor podia dar algo melhor, como tá dizendo agora, por que que não deu lá atrás? Por que agora quando chega e passa para 400 contra a sua bancada

*do PT, e depois passa para 600? O senhor quer se arvorar de grande benfeitor que vai prometer, o senhor promete o tempo todo, o senhor prometeu levar água para o nordeste, e agora já tá prometendo picanha e cerveja. Você não fica vermelho com essas propostas mirabolantes e mentirosas? Creio que para governar o Brasil, tá nós temos passado, nós não somos candidato aqui de primeira viagem... Então o senhor tem seu passado, que é lamentável, é triste, em especial entre os mais humildes, os mais pobres do Brasil... Eu quero falar agora com o pessoal do nordeste, quanto era o bolsa família? Começava com R\$40,00! Nós triplicamos com o auxílio Brasil. A média do Bolsa Família. **Hoje a dona de casa vai no supermercado e compra realmente algo para levar para casa, no passado com o carrinho vazio. Então promessa, estamos cheio. E a grande prova de promessas vazias é esta que o senhor é que o seu partido foi contra a criação do auxílio Brasil.***

A abordagem de Spencer-Oatey (2002) destaca dois fenômenos interligados, porém distintos: os direitos individuais à face e à socialidade. A concepção de face engloba a busca pela manutenção de uma imagem positiva, enquanto a identidade social envolve o desejo de ser respeitado e aceito em diferentes papéis sociais.

No início de sua fala, o ex-presidente Bolsonaro se refere a Luiz Inácio Lula da Silva como "seu Lula", dirigindo-se a ele diante da audiência e dos repórteres presentes. Conforme defendido por Spencer-Oatey, os falantes buscam preservar uma imagem positiva e expressam o desejo de serem respeitados e aceitos nos diferentes papéis sociais que desempenham. Contudo, o falante desrespeita os direitos de face e socialidade de seu interlocutor ao menosprezá-lo, tratando-o como se não estivesse presente (uso da terceira pessoa do singular).

Esse comportamento é evidente ao discutir sobre a questão do auxílio emergencial (onde "seu Lula" confunde o auxílio emergencial com o auxílio Brasil). Além disso, dentro das categorias de impolidez sugeridas por Culpeper (2016), observamos duas estratégias presentes neste trecho: a impolidez positiva e as meta-estratégias de *mock politeness* (polidez dissimulada) e sarcasmo. No contexto da impolidez positiva, Culpeper se refere a estratégias que visam minar os aspectos positivos da imagem do interlocutor, o que pode ser alcançado por meio da utilização de uma linguagem ambígua ou ao buscar deliberadamente o desacordo para causar desconforto na outra pessoa.

Com relação ao uso do sarcasmo e da *mock politeness*, Culpeper foi influenciado pelo Princípio de Polidez (PP) de Leech (1983). Leech define o Princípio de Ironia como a

ideia de que, se alguém precisa ofender, deve fazê-lo de forma que não entre em conflito direto com o PP, mas permita ao ouvinte compreender indiretamente o ponto ofensivo da observação por meio de uma implicatura. Segundo Leech (1983), a escolha da "ironia" para expressar uma crença impolida parece servir para diminuir a força da impolidez na enunciação, possibilitando que a agressão se manifeste de forma verbal menos perigosa do que por meio de críticas diretas, insultos, ameaças, entre outros.

Portanto, compreendemos que, em uma interação comum, durante um diálogo direto com nosso interlocutor, não há necessidade de nos referirmos a ele na terceira pessoa do singular. Isso ocorre porque tal comportamento implica um tom de deboche, representando, na verdade, uma forma de desprezo mascarada como respeito. Em outras palavras, o falante demonstra maior domínio sobre o outro ao se distanciar dele, tratando-o com indiferença.

No segundo momento, ao dizer "[...] e o senhor que fala tanto de pobre", o falante novamente expressa deboche em sua fala, utilizando a estratégia *off-record* para gerar uma implicatura e atacar a imagem de seu oponente. Lula e seu partido são conhecidos por defender as classes sociais mais baixas e promover projetos sociais para os mais pobres. Portanto, a implicatura resultante da declaração de Bolsonaro é a seguinte: se Lula tem tanta preocupação com os mais pobres, por que então não ofereceu uma assistência mais eficaz aos mais necessitados durante seu governo?

Esse trecho pode ser relacionado à terceira estratégia de impolidez proposta por Blas Arroyo (2011), que consiste no desprezo e na ridicularização do outro, enfatizando o poder relativo do falante e menosprezando o interlocutor. Na mesma declaração, o falante destaca que, durante seu mandato, impôs a medida de ficar em casa (uma medida preventiva para conter a propagação do vírus da COVID-19 em 2020). Bolsonaro utiliza a primeira estratégia de Blas Arroyo (2011), associando o interlocutor a valores e ações negativas (obrigar o povo a ficar em casa durante a pandemia), culpabilizando o adversário pela medida tomada em seu governo e responsabilizando-o pelos impactos dessa decisão no país.

Além disso, ao afirmar que o povo morreria de fome, o ex-presidente utiliza uma hipérbole para exagerar as consequências das ações dos governadores do partido adversário, buscando persuadir a audiência ao criar a ideia de desordem ou falta de controle no país governado pelo PT. Desta maneira, Bolsonaro fere a imagem de Lula ao atacar diretamente sua reputação, acusando-o de falta de credibilidade. Esperava-se que, ao defender os mais pobres, Lula e o PT não aderissem às medidas de proteção recomendadas pelos profissionais da saúde, mas impulsionassem a economia do país.

Posteriormente, o ex-presidente destaca as conquistas de seu mandato ao mencionar a implementação de um auxílio emergencial. Segundo ele, uma grande quantidade de recursos foi alocada para esse auxílio, destinado aos mais necessitados, equivalente a 15 anos do programa Bolsa Família, uma iniciativa social promovida pelo Partido dos Trabalhadores. Em contrapartida, o interlocutor critica o partido adversário por oferecer um suporte considerado insuficiente. Nessa passagem, Bolsonaro opta por preservar sua autonomia individual, mantendo sua liberdade de ação e delimitando-se em um espaço separado e praticamente inviolável, demonstrando diferença e distância em relação ao outro partido (PT).

Spencer-Oatey (2002) compreende que a face está associada ao valor pessoal e social, preocupando-se com o senso de valor, credibilidade, dignidade, honra, reputação e competência do indivíduo. Entretanto, observamos que, nesse cenário, o falante enfatiza esses valores (credibilidade, honra e reputação) para si e seu partido, enquanto amplifica todas as ações consideradas fracassadas e negativas realizadas pelo ouvinte.

Outra estratégia a ser observada nesta passagem é a quarta estratégia de Blas Arroyo (2011), que envolve a formulação de contrastes desfavoráveis para o interlocutor. Isso implica que os falantes se apresentam como o lado positivo e correto a ser seguido ao fazerem comparações com o partido adversário. Como já vimos anteriormente, o uso dessa estratégia está relacionado à ideia de que os interlocutores atribuem a si mesmos julgamentos e atitudes positivas que contrastam com as do oponente, diminuindo sua importância, seja relembrando eventos passados ou garantindo que, se eleitos, não repetirão os mesmos erros cometidos pelo rival.

Na passagem seguinte, o interlocutor emprega a quinta estratégia proposta por Blas Arroyo (2011), que envolve "apontar contradições no interlocutor" (Se o senhor podia dar algo melhor, como tá dizendo agora, por que não deu lá atrás?). Aqui, o ex-militar (Bolsonaro) ataca a imagem de Lula ao acusá-lo de contradição, sugerindo que, durante o discurso para angariar votos, compromete-se a oferecer algo melhor ao povo, embora, segundo o falante, no passado, Lula não tenha tomado medidas significativas em prol dos mais necessitados.

Para García-Pastor (2008), a impolidez no debate político consiste na provocação ou ataque intencional do locutor em direção ao ouvinte, ou seja, ao oponente. Ainda de acordo com a autora, Jaworski e Galasinski (2000) apontam uma conexão entre poder e a impolidez nos debates, ao mencionarem que, geralmente, os debatedores competem pelo poder ao se apresentarem de forma positiva e retratarem seus oponentes de forma negativa. Ao longo dessas instâncias, observamos que o falante procura desvalorizar o oponente (ouvinte) ao

empregar diversas estratégias do gênero discurso político, buscando confrontá-lo, impor maior poder sobre o adversário e triunfar no discurso.

Agha (1997) compreende que o debate político se concentra no combate e na agressão ao oponente. A autora ilustra como os debatedores empregam um discurso agressivo repleto de declarações negativas, estereotipando o oponente ao chamá-lo de mentiroso ou atribuindo-lhe qualquer valor negativo. Sob essa perspectiva, o ex-líder do país utiliza a estratégia de impolidez *bold on-record* (Culpeper, 2016): “O senhor quer se arvorar de grande benfeitor que vai prometer, o senhor promete o tempo todo, o senhor prometeu levar água para o nordeste, e agora já tá prometendo picanha e cerveja. Você não fica vermelho com essas propostas mirabolantes e mentirosas?”

Essa estratégia envolve a execução de um Ato de Ameaça à face (FTA) de forma direta, clara e inequívoca. Desse modo, o falante ataca o oponente sem mascarar suas palavras para gerar implicaturas. Ele o acusa de fazer falsas promessas, como levar água para o nordeste, e debocha das promessas extravagantes do oponente, como prometer picanha e cerveja para a população.

Neste trecho, o interlocutor emprega mais de uma estratégia delineada por Blas Arroyo (2011), especificamente a segunda e a terceira estratégia. A segunda estratégia envolve acusar o interlocutor de mentir, o que é considerado um grave delito em debates políticos, já que se espera sinceridade por parte dos candidatos com sua audiência. A terceira estratégia consiste em depreciar o oponente, zombando dele e utilizando sarcasmo e ridicularização de maneira abusiva.

Culpeper (2011) explica que o "sarcasmo" na cultura britânica ocorre quando as pessoas usam muita polidez para expressar algo, mas na verdade não estão sendo sinceras, como uma "falsa educação" que, na verdade, não é educada (*mock politeness*). Além disso, o autor observa que, quando alguém é atacado, é provável que responda da mesma forma ou com um ataque ainda mais contundente.

A próxima fala separa o falante do ouvinte, comparando-o de forma negativa e mostrando-se superior a ele: "[...] tá nós temos passado, nós não somos candidato aqui de primeira viagem... Então o senhor tem seu passado, que é lamentável, é triste, em especial entre os mais humildes, os mais pobres do Brasil...". De acordo com Culpeper (2016), a impolidez positiva envolve expressar desagrado e discordância com o interlocutor e pessoas próximas a ele, utilizando trocadilhos agressivos, sendo irônico ou sarcástico, negando o status de pertencimento ao grupo, desassociando-se, mantendo distância do ouvinte, ignorando o ouvinte e diminuindo ou menosprezando a importância do ouvinte e suas

opiniões. Nesse contexto, o ex-militar estabelece uma separação entre ele e o atual presidente do país (Lula) ao zombar do histórico passado do interlocutor.

Seguindo a estratégia *off-record* de Culpeper, essa referência implica um episódio histórico relacionado ao fato de Lula ter sido preso por corrupção anteriormente. García-Pastor (2008) distingue dois conceitos importantes para a impolidez: o ataque e a defesa. O ataque ocorre quando alguém tenta prejudicar a imagem do adversário, enquanto a defesa é quando essa pessoa tenta proteger a própria imagem. Isso torna os conflitos de interesses e as restrições associadas ao poder mais evidentes nas partes mais intensas dos debates. Por exemplo, chamar um candidato de mentiroso é uma acusação séria, porque o falante está atacando a reputação do adversário, expondo-o perante a mídia, a audiência, os partidos políticos e os moderadores que estão assistindo ao debate.

No momento seguinte, Bolsonaro destaca as diferenças entre seu governo e a administração anterior, enfatizando os aspectos positivos de sua gestão e minimizando as ações do adversário: "Hoje a dona de casa vai no supermercado e compra realmente algo para levar para casa, no passado com o carrinho vazio". Spencer-Oatey (2002) propõe dois fatores que prejudicam as relações sociais: a) o desprezo pela qualidade do relacionamento: falta de preocupação ou interesse na qualidade das relações entre os interlocutores, possivelmente devido ao foco excessivo em si mesmo; e b) o desejo de perturbar o relacionamento: vontade de desafiar ou prejudicar a harmonia das relações entre os interlocutores.

Nesse excerto, o falante procura enfatizar todas as realizações de seu governo, o que acaba prejudicando a reputação de seu rival e atacando diretamente a face de Lula. Assim, o falante busca preservar sua autonomia individual nas relações sociais, pois essa autonomia é capaz de motivar os interlocutores a preservarem sua liberdade de ação e a delimitarem um espaço separado e praticamente inviolável para se distanciar do oponente.

Além disso, esse trecho se encaixa na estratégia de impolidez positiva de Culpeper (2016), que diz respeito à utilização de uma linguagem obscura ou ambígua para criar distância e desacordo entre os interlocutores ("no passado com o carrinho vazio", referindo-se à administração do governo anterior, e causando um distanciamento do ouvinte, com uma posição de superioridade). Desse modo, notamos que o falante formula contrastes desvantajosos para o oponente ao desfavorecê-lo e mostrá-lo como incompetente, conforme a quarta estratégia de impolidez do gênero debate político proposta por Blas Arroyo (2011).

No último excerto, o interlocutor emite uma FTA de forma direta e clara, utilizando a estratégia de impolidez *bald on-record*, isto é, ele não oculta o nível de ameaça de sua fala, e a imagem pessoal do ouvinte não é relevante nem minimizada. Ao acusar o oponente, o

candidato protege sua própria face e promove uma imagem favorável de seu partido, enquanto sugere que o adversário "perde" a face durante o debate por ter sido exposto ao tomar uma decisão contra o auxílio aos mais pobres, segundo o interlocutor.

Para Watts (1992), o significado de poder envolve, sem dúvidas, um conflito de interesses em vez de um consenso. Ao expor o oponente, destacando suas atitudes negativas e contrárias a decisões que poderiam beneficiar os mais pobres no passado, o interlocutor obtém maior poder sobre o candidato e busca convencer a audiência de que as promessas são falsas, com base na rejeição do partido oposto a aprovar a criação do auxílio Brasil.

Culpeper (2011) discorre sobre a impolidez coercitiva, que ocorre quando um indivíduo age de maneira rude buscando mudar os valores entre quem fala e quem ouve, de modo que quem fala se beneficie ou tenha seus benefícios atuais fortalecidos e protegidos. Em vista disso, o falante se beneficia ao preservar sua face e "vencer" essa rodada do discurso, enquanto o adversário é malvisto e se encontra limitado em seu ambiente de ação em meio a um conflito de interesses. Portanto, as pessoas envolvidas em ações de poder coercitivas esperam que suas ações causem dano a quem ouve, e esperam que esses resultados causem efeitos imediatos, como uma resposta, desequilibrar o oponente em sua fala ou simplesmente provocá-lo como forma de arruinar sua imagem diante da audiência.

[3] LULA: é uma vergonha, na verdade é você carregar nas costas a morte de 400 pessoas que poderia ter sido evitada se tivesse comprado a vacina no tempo certo, no tempo correto. *A ciência fala isso todo dia, o senhor recebeu proposta de vacina muito cedo, e não quis comprar porque não acreditava. É visível que o povo brasileiro sabe que você começou não acreditando na pandemia. Era uma gripezinha, era uma coisa que ia matar um ou outro velhinho, era assim que você tratava toda a pandemia. O Mandetta foi mandado embora porque o Mandetta dizia que a pandemia era gasto, que era preciso cuidar, mas você não, você resolveu dizer que era uma gripezinha, brincava de não tomar vacina, colocou em sigilo no seu cartão de vacina para ninguém saber que você tomou ou não tomou, ou seja, numa atitude que afrontava, sabe, a fé do povo brasileiro, que queria um presidente que cuidasse com carinho, que evitasse a quantidade de morte que houve. Isso não foi feito pelo presidente Bolsonaro.*

Lula atribui a Bolsonaro a responsabilidade pelas mortes e o acusa diretamente, afirmando que ele carrega nas costas a morte de 400 pessoas. O candidato emprega a

estratégia *bald on-record* em todo o recorte, principalmente nas partes em que atribui ao interlocutor o que não foi feito durante o governo do adversário, responsabilizando Bolsonaro por não cuidar do povo brasileiro. Ao culpar o adversário, Lula preserva sua face e busca convencer o público com argumentos lógicos, mencionando que a vacina poderia ter evitado mortes e que Bolsonaro recebeu propostas com antecedência, mas optou por não comprar. Assim, o oponente é visto como negligente, alguém que não se preocupou com o povo.

Ademais, Lula ataca o rival, utilizando uma estratégia de impolidez negativa, ou seja, com o intuito de se distanciar e mostrar que não é como o seu oponente, ele comenta sobre como o ex-militar tratava a pandemia inicialmente (“Era uma gripezinha, era uma coisa que ia matar um ou outro velhinho [...]”), denunciando a falta de seriedade de um presidente que deveria cuidar da população e evitar mortes, assim como o fato dele ter colocado o cartão de vacina em sigilo. A partir desses fatos, o interlocutor realça os feitos negativos do rival e apela à opinião pública. Lula busca sensibilizar o público ao afirmar que o presidente da época (Bolsonaro) não acreditava na pandemia, criticando sua postura em relação à seriedade da situação.

Lula atribui a Bolsonaro a responsabilidade pelas mortes e o acusa diretamente, afirmando que ele carrega nas costas a morte de 400 pessoas. O candidato emprega a estratégia *bald on-record* em todo o recorte, principalmente nas partes em que atribui ao interlocutor o que não foi feito durante o governo do adversário, responsabilizando Bolsonaro por não cuidar do povo brasileiro. Ao culpar o adversário, Lula preserva sua face e busca convencer o público com argumentos lógicos, mencionando que a vacina poderia ter evitado mortes e que Bolsonaro recebeu propostas com antecedência, mas optou por não comprar, enquanto o oponente é visto como negligente, alguém que não se preocupou com o povo.

Ademais, Lula ataca o rival utilizando uma estratégia de impolidez negativa, ou seja, com o intuito de se distanciar e mostrar que não é como o seu oponente, ele comenta sobre como o ex-militar tratava a pandemia inicialmente, denunciando a falta de seriedade de um presidente que deveria cuidar da população e evitar mortes, assim como o fato de ter colocado o cartão de vacina em sigilo. A partir desses fatos, o interlocutor realça os feitos negativos do rival e apela à opinião pública. Lula busca sensibilizar o público ao afirmar que o presidente da época (Bolsonaro) não acreditava na pandemia, criticando sua postura em relação à seriedade da situação.

Além disso, o falante utiliza outras estratégias para persuadir a audiência, como a citação de testemunhos e a demissão de Mandetta, ex-ministro da saúde, para reforçar a ideia de que Bolsonaro não estava comprometido com a luta contra a pandemia. Também reforça a

imagem negativa do rival, enfatizando a falta de cuidado, mencionando que Bolsonaro afirmava ser uma "gripezinha" e brincava sobre não tomar vacina. Sob esta perspectiva, o candidato busca transmitir informações aos telespectadores – e potenciais eleitores –, como forma de destacar a imagem negativa do adversário e do partido político que ele representa, denunciando o que ele não fez pelo povo brasileiro, (“Isso não foi feito pelo povo brasileiro”), principalmente ao manifestar críticas ao adversário para mobilizar seus apoiadores e desencorajar os oponentes.

BOLSONARO [4]: Em fevereiro 2020 nós decretamos estado de emergência no Brasil. a TV Globo com todo seu conglomerado, com seu Drauzio Varella, começaram a falar exatamente o contrário, o Brasil um clima quente, não tenham medo da covid. E quem falou em gripezinha foi lá o que eu sempre disse, que as pessoas saudáveis não tinham que temer o tocante a covid, não poderia abusar, obviamente, e nós recomendamos aos mais idosos, e os que com mobilidade, realmente tomasse cuidado. Foi o papel do governo que, em primeiro lugar, talvez do mundo, decretou estado de emergência, que foi ignorado por aqueles que queriam o carnaval a qualquer preço. Então, seu Lula, não continue mentindo! Pega mal até para sua idade, pelo seu passado... Não vou dizer que o seu passado é lamentável.

Bolsonaro direciona suas palavras diretamente a Lula, chamando-o novamente de mentiroso, fazendo referência à idade e ao histórico passado do adversário, enquanto também lança críticas negativas sobre a trajetória de Lula.

Ao rebater as acusações de atraso na vacinação feitas por Lula, Bolsonaro ataca-o por meio de uma estratégia de impolidez positiva agravante (Culpeper, 2016). Ele busca se distanciar novamente da responsabilidade pelo atraso na distribuição das vacinas, atribuindo culpa a outros setores, como a mídia – mencionando especificamente a TV GLOBO e o renomado médico Dr. Drauzio Varella. Essa atitude almeja reduzir a responsabilidade do próprio presidente no cuidado com a população brasileira em meio à pandemia.

Utilizando a estratégia de "aumento do peso de imposição" (Spencer-Oatey, 2000) em seu discurso, Bolsonaro argumenta que talvez seu governo tenha sido um dos primeiros, possivelmente até mesmo o primeiro no mundo, a decretar estado de emergência. Essa declaração pretende destacar e mostrar poder com relação a competência de seu governo em tomar medidas essenciais diante da COVID-19, afastando-se mais uma vez da narrativa de

ridicularização e negligência no enfrentamento da pandemia. Assim, ao adotar essa postura, o interlocutor demonstra não reconhecer as acusações e se distancia delas novamente, contratacando as alegações de Lula (estratégia culpeperiana de impolidez positiva).

Watts (2003) conceitua o uso da impolidez como uma estratégia pela qual o falante intenciona magoar os sentimentos do ouvinte através da linguagem. Bolsonaro acusa diretamente seu oponente de continuar mentindo, utilizando a estratégia culpeperiana de impolidez *bald on-record*, caracterizada pelo uso de linguagem direta, clara e inequívoca para arruinar a face do outro.

Locher (2004) interpreta a impolidez como violações das normas que são avaliadas negativamente pelos interagentes, de acordo com suas expectativas. Assim, o comportamento de um candidato à presidência não deveria incluir insultos à aparência de seu oponente. Insinua-se no excerto que uma pessoa idosa não deveria mentir, pois isso reflete negativamente para os eleitores e toda a audiência, não sendo apropriado.

Além disso, ao mencionar a mentira do interlocutor, o falante não apenas se refere à idade do indivíduo, mas também faz alusão ao seu histórico passado (“Então, seu Lula, não continue mentindo! Pega mal até para sua idade, pelo seu passado...”). Como já sabemos, Lula enfrentou acusações de corrupção no passado. Assim, notamos que Bolsonaro vai além e emite uma opinião sobre o passado do seu adversário de maneira indireta (*impolidez off-record*), gerando uma implicatura para transmitir a FTA, levando a audiência a inferir que o histórico do oponente é desfavorável para um candidato à presidência da república, ao qualificá-lo como "lamentável". Seguindo a taxonomia de Blas Arroyo (2011), é possível identificar duas estratégias distintas ao final de sua fala: associar o interlocutor a valores depreciativos ou acusar o oponente de proferir mentiras.

Locher (2004) argumenta que o poder se manifesta frequentemente por meio da linguagem, sendo essencialmente contextual. Destaca-se, também, que o poder é relacional, dinâmico e sujeito a contestações. A autora salienta que a limitação do ambiente de atuação de um interagente resulta frequentemente no exercício do poder.

Até agora, durante as análises, observa-se que o exercício do poder envolve um conflito subjacente e uma divergência de interesses. Por exemplo, os dois candidatos à presidência estão envolvidos em uma batalha para conquistar o voto da audiência, buscando aprovação por meio de argumentos persuasivos. No entanto, conforme indicado por Blas Arroyo (2011), há uma tendência significativa de ataques entre oponentes durante os debates como uma estratégia para demonstrar superioridade e domínio sobre o outro.

LULA [5]: interrompe - Mentira é você porque os números tão ali na imprensa todo dia. Você é o rei da fake news, é o rei da estupidez de mentir para a sociedade brasileira, e você mentiu sobre vacina o tempo inteiro. Negligenciou a vacina, e o Brasil hoje carrega a peça de ser o país, sabe, que tem mais morte pela covid. É lamentável! E mais ainda, mais ainda, o senhor não se indignou a visitar uma família que teve alguém que morreu de COVID. e depois para mostrar que é bonzinho: tentou ir no enterro da rainha da Inglaterra quando poderia ter visitado centena de pessoas que morreram do COVID aqui. O senhor disse que não morreu nenhuma criança, morreu duas mil crianças de COVID, mas disse que não morreu nenhuma porque o senhor não queria acreditar na COVID. era preciso continuar mentindo sobre a COVID, era pra feito continuar desacreditando. E eu sei o que que pensa o povo que perdeu algum ente querido, eu mesmo perdi uma sogra, sabe, por causa do COVID.

Lula interrompe seu oponente para se defender. Conforme observado, a interrupção e a invasão do espaço pessoal do adversário, ao associá-lo a aspectos negativos, constituem uma tática de impolidez (Culpeper, 2016). Da mesma forma, acusar o ouvinte ou associá-lo a uma forma negativa é uma estratégia de impolidez (Blas Arroyo, 2011), que vincula o oponente a valores inferiores. Conforme apontado por Locher (2004), a impolidez restringe a ação do interlocutor, pois o ouvinte sentirá que é esperada ou necessária alguma forma de resposta ou réplica para evitar a perda de sua imagem. Assim, ao responder às acusações de Bolsonaro, Lula também o chama de mentiroso (Blas-Arroyo, 2011), em uma clara tentativa de descredibilizar sua fala.

Lula emprega a estratégia de impolidez *bald on-record* (Culpeper, 2016) ao abordar diretamente seu interlocutor, sem amenizar o impacto do ataque à imagem do ouvinte. Ele retrata seu oponente como o principal responsável pela disseminação de notícias falsas no país e como alguém que deliberadamente mente para o povo brasileiro. Além disso, Lula afirma que seu oponente mentiu continuamente sobre o tema das vacinas.

Durante esse momento do debate, Lula respondeu às ofensas proferidas por Bolsonaro de maneira contundente, utilizando um tom similar e até mais incisivo. Ele retrucou atacando Bolsonaro diretamente, chamando-o de "estúpido". Essa abordagem mostrou uma resposta à altura, refletindo uma escalada no confronto verbal entre os dois candidatos. Conforme Locher (2004, *apud* Culpeper, 2008, p. 36), "cometer FTAs de alto

nível ofensivo é, portanto, uma estratégia linguística poderosa para exercer poder a fim de envolver um oponente na interação".

Ainda, segundo Bousfield (2008), a polidez linguística de Brown e Levinson é uma tentativa de exercer poder sobre os interlocutores, ao mesmo tempo em que garante que estes não sejam excessivamente ofendidos no processo. Já a impolidez linguística é uma tentativa de exercer poder sobre os interlocutores, ao mesmo tempo em que estes são excessivamente ofendidos no processo.

Lula segue empregando a estratégia *bald on-record* para destacar as falhas do governo de direita. Segundo o candidato, essa gestão foi responsável pelas mortes causadas pelo vírus da COVID no país. Ele também critica a falta de visitas a famílias que perderam entes queridos durante a pandemia, sugerindo que essa atitude deveria ser habitual para um líder nacional ao demonstrar importância e cuidado para com o povo. Nesse contexto, Lula expressa abertamente críticas ao governo de oposição, adotando uma linguagem direta e coesa, sem recorrer a insinuações ou subentendidos. Culpeper (2016) compreende que a impolidez *bald on-record* se manifesta através do uso direto, claro e conciso da linguagem em circunstâncias em que o falante não tem a intenção de preservar a face dos outros, fazendo uso de expressões, crenças ou afirmações impolidas, sendo esta a estratégia mais comum.

O ex-metalúrgico ridiculariza seu oponente (utilizando a *estratégia culpeperiana de impolidez negativa*, "ridicularize e deboche o interlocutor") ao comentar: "E depois, para mostrar que é bonzinho: tentou ir no enterro da rainha da Inglaterra quando poderia ter visitado centenas de pessoas que morreram de COVID aqui". Além disso, observamos a estratégia *bald on-record* em sua fala, pois o falante ataca diretamente a imagem do adversário sem disfarces na sua fala, causando desconforto ao oponente com as acusações e, conseqüentemente, obtendo maior controle em seu discurso ao diminuir a reputação do outro, posicionando-se de maneira distinta, ou seja, com superioridade.

Bousfield (2008) explica que, para a impolidez funcionar efetivamente, é necessário que o indivíduo consiga ofender a outra pessoa usando expressões grosseiras ou impolidas, e se essa ofensa não for rebatida, torna-se uma maneira poderosa de mostrar superioridade sobre o outro com quem se está debatendo. Assim, o falante tem a intenção de impor-se diante do adversário, apontando as deficiências do governo de oposição e a desatenção do ex-militar para com o povo.

O candidato acusa seu oponente de negligenciar o cuidado com a população brasileira durante a pandemia, especialmente ao afirmar que não houve morte de crianças durante a epidemia global. Esse argumento corresponde à quinta estratégia de Blas Arroyo

(2011), na qual o falante busca prejudicar a credibilidade do adversário, ridicularizando-o e apontando contradições em seu discurso e ações durante sua campanha, respectivamente. Para García Pastor (2008), é comum neste gênero que os debatedores expressem um alto grau de hostilidade em relação ao candidato adversário e constantemente tentem exercer poder sobre o outro. Nesse sentido, observamos que a impolidez no discurso político é uma espécie de luta discursiva que, entre outras coisas, ilustra claramente a essência de jogo de soma zero dos debates eleitorais, onde o sucesso de um candidato parece ser à custa do outro.

BOLSONARO [6]: Fez discurso em cima do caixão da esposa e tá se comovendo pela sogra. Seu Lula, entenda uma coisa, entenda uma coisa, por favor. Os enterros era com caixão lacrado, ninguém podia ir no enterro, nem familiares. E eu visitei hospitais sim, o senhor não tem conhecimento. Só que eu não preciso fazer propaganda do que eu faço, o que faz me comover é que me preocupei com cada morte no Brasil. Repito, o Brasil, o país...

No excerto [6], o interlocutor ridiculariza o ouvinte ao perceber que este utilizou uma estratégia de persuasão que comove os eleitores, considerando a perda de entes queridos na pandemia por muitos brasileiros. Lula demonstrou uma relação de proximidade com essas pessoas ao mencionar a perda de sua sogra. Neste contexto, Bolsonaro emprega duas estratégias culpeperianas: a impolidez *off-record* e a impolidez negativa.

Bousfield (2008) explica que a estratégia *off-record* ocorre quando o dano à imagem do interlocutor é feito indiretamente, por meio de implicaturas, ou seja, o falante emprega a estratégia pelo uso de insinuações. Dessa forma, o pesquisador combina a estratégia de impolidez sugerida por Culpeper (2005) com o gerenciamento da face de Spencer-Oatey (2002), que postula que o sarcasmo constitui o uso de estratégias individuais ou combinadas que, superficialmente, parecem ser apropriadas, mas que são destinadas a serem interpretadas como significando o oposto em termos de gerenciamento da face.

A expressão que, à primeira vista, parece manter ou realçar a face dos interlocutores de forma positiva, na verdade ameaça, ataca e/ou danifica a face do ouvinte, dada a complexidade do contexto. Nesse sentido, ao mencionar o "caixão da esposa", Bolsonaro utiliza uma linguagem obscura para um indivíduo que não entendeu a referência, pois o falante se refere indiretamente à morte da esposa de Lula, Marisa, à qual Lula fez um discurso de despedida e aproveitou para se defender das falsas acusações que estava recebendo na época pela oposição.

Como observado, a segunda estratégia envolve "ser condescendente, desprezar, ridicularizar" (*condescend, scorn or ridicule*) o interlocutor. De acordo com Blas Arroyo (2011), o uso do sarcasmo no discurso político é de extrema importância, auxiliando na persuasão da audiência. Não é surpreendente que o político que domina esse recurso transmita à audiência uma imagem de serenidade e ponderação, enquanto habilmente ataca o adversário. Tal abordagem não apenas chama a atenção da audiência, mas também a convence de que o candidato está se saindo melhor do que o oponente em seu discurso. Nesse sentido, além de insinuar algo, o interlocutor também zomba do oponente, prejudicando sua imagem e aparentando superioridade diante do rival.

No segundo momento, o falante se defende da acusação, alegando a falta de conhecimento por parte do oponente. Ele contrasta sua postura com a do adversário, alegando que não precisa alardear suas ações, o que pode ser interpretado como um exemplo de impolidez positiva. Culpeper (2016) define esse termo como a aplicação de táticas para arruinar os desejos de face positiva do interlocutor, como buscar desacordos, provocar desconforto no outro e distanciar-se do outro, por exemplo, negando associação ou terreno comum.

Nesse contexto, observamos uma marcação de distanciamento pelo interlocutor, que não quer ser associado ao seu oponente. Spencer-Oatey (2002) discute a manipulação dos parâmetros pragmáticos, referindo-se à capacidade de um interlocutor usar a linguagem para ajustar a distância social, poder, direitos, obrigações e nível de imposição conforme a formalidade da situação. Em debates políticos, os interlocutores divergem para defender suas posições em relação a determinado tema, o que acaba aumentando o grau de imposição e de distância entre os candidatos. O interlocutor não chegou a terminar sua fala porque foi interrompido, como veremos a seguir.

*LULA [7]: **INTERROMPE**- Você riu o tempo inteiro. Agora que você tá candidato, você tá mostrando de uma seriedade, que deveria ter mostrado lá, é isso, simples assim. Você não foi no hospital, não foi visitar uma pessoa, não foi visitar um parente.*

Quando o interlocutor interrompe a fala do outro (impolidez negativa), ele não apenas viola as normas do debate, mas também os princípios fundamentais da comunicação humana. De acordo com Culpeper (2016), a estratégia de impolidez negativa envolve o uso de técnicas que prejudicam os desejos de face negativa do interlocutor, como a interrupção, que

constitui uma violação da estrutura do diálogo. Assim, ao interromper o candidato, Lula busca atacar o oponente cortando sua linha de raciocínio enquanto fala.

Para Blas Arroyo (2011), as interrupções e sobreposições entre os candidatos são sequências marcadas que violam uma das principais normas institucionais do debate, segundo a qual cada locutor fala durante o tempo previamente designado, enquanto o oponente guarda silêncio e espera sua vez, após ter sido habilitado para tal pelo moderador. Isso ocorre em teoria, mas na prática as interrupções entre eles são muito frequentes. Desse modo, a interrupção atua como uma manobra extremamente útil para desequilibrar o oponente.

Na passagem seguinte, observa-se que Lula utiliza frequentemente o pronome pessoal “você” para acusar o oponente das ações que ele realizou ou deixou de realizar. Ao empregar afirmações diretas e explícitas desse tipo, o candidato adota a estratégia de impolidez *bold on-record*, implicando em atos que claramente ameaçam a imagem do interlocutor, sem ambiguidade, em situações em que "a face não é irrelevante ou minimizada". É possível perceber que Lula enfatiza a incompetência do oponente e o fracasso de sua política ao utilizar essa estratégia de impolidez de forma aberta e direta.

BOLSONARO [8]: Morreu é mais uma mentira tua. Basta ver o vídeo quando aconteceu a questão da falta de ar. Vocês são especialistas em pegar vídeos, filmes, e cortar o pedaço que interessa para vocês.

Neste segmento, Bolsonaro responde à crítica de Lula referente às vítimas da COVID, e ao vídeo amplamente divulgado pela mídia no qual o ex-militar imita pessoas com dificuldades respiratórias durante a pandemia. Similarmente a Lula, Bolsonaro adota a mesma tática neste ponto do debate: a impolidez *bold on-record*. Esta abordagem implica na expressão direta de opiniões, sem considerações pela preservação da face do interlocutor, resultando em uma mensagem que claramente prejudica a imagem do outro, sendo franca e desprovida de ambiguidades. Nesse contexto, a interpretação da mensagem não exige inferências, pois o locutor a expressa de maneira explícita.

Ao acusar o oponente de mentiroso novamente (“[...] mentira tua”) e usar o pronome pessoal “vocês” para continuar a acusação contra Lula e seu partido, o ex-deputado federal emprega duas estratégias conforme defendidas pelo linguista espanhol Blas Arroyo (2011). Ele associa Lula e seu partido a valores negativos, o que constitui a primeira estratégia, e o rotula como mentiroso, caracterizando a segunda estratégia. É perceptível que Bolsonaro adota a estratégia de ataque direto, ao atribuir explicitamente ao oponente características

negativas (no caso, a mentira), como uma maneira de desacreditar Lula e seu partido. Além disso, o uso do pronome "vocês" intensifica a acusação, ampliando-a para além de Lula e englobando seu partido político.

O autor espanhol argumenta que as acusações de mentira podem ser especialmente prejudiciais à imagem pessoal do adversário, dada a seriedade associada a tais acusações. Ao comparar os discursos dos candidatos norte-americanos, o pesquisador observa uma ocorrência menos frequente dessa estratégia em comparação com os debates espanhóis. Isso sugere que essa tática é também bastante comum no contexto brasileiro, como evidenciado ao longo da análise dos discursos.

É comum que políticos acusados de falta de credibilidade se defendam, como tem sido observado ao longo deste primeiro bloco do debate. Nesse contexto, Blas Arroyo (2011) argumenta que tais acusações e tentativas de difamação são frequentemente interpretadas pelos políticos como ataques à sua esfera de atuação pessoal, ou seja, à sua imagem privada.

*LULA [9]: **interrompe** - Você sabe que você sabe quem é especialista nisso. Você sabe quem é o rei da fake News, você sabe...*

Neste excerto, Lula interrompe o adversário (impolidez *bold on-record*) e responde, adotando também a impolidez *off-record* ao insinuar algo sem explicitar claramente. Ele sugere que o próprio oponente é o "rei da fake news", embora não o afirme diretamente, recorrendo a uma linguagem obscura como estratégia defensiva contra o rival. Conforme Bousfield (2008), tal abordagem é vista como insincera, pois é inesperada e dispensável.

Em um debate, espera-se que os candidatos mantenham uma linguagem clara para toda a audiência e abordem as questões sociais com maturidade, evitando insinuações indiretas. A ofensividade de ambas as estratégias, segundo o autor, é contextual e varia conforme a situação. Nessa perspectiva, compreendemos que, em uma disputa para sobrepujar o outro, o orador (Lula) adotou a estratégia de atacar a imagem do oponente ao interrompê-lo, buscando impedir que este prevalecesse no discurso, enquanto lançava uma insinuação sobre a verdadeira identidade do "rei da fake news".

O debate, além de ser um ambiente de formalidade e exposição pública, também se torna um cenário propício para o confronto e a divergência, como vimos ao longo deste trabalho. Dessa maneira, Blas Arroyo (2011) explica que a interrupção emerge como uma ferramenta estratégica poderosa que pode causar conflitos e situações desconfortáveis entre os interlocutores se for usada no sentido de desestruturá-los discursivamente.

Neste cenário, inicialmente, parece que a possibilidade de interromper o discurso do orador com as palavras do oponente está proibida. No entanto, uma revisão superficial dos debates revela como essa prática discursiva é mais comum do que se poderia esperar. Isso ocorre porque, além do caráter público e formal do debate, este gênero é também, como mencionamos, um espaço para conflito e discordância, onde a interrupção se configura como uma estratégia especialmente útil para desequilibrar o adversário.⁴⁷ (Blas Arroyo, 2011, p. 420, tradução nossa).

Posteriormente, observamos que o moderador do debate interrompe Lula ao desrespeitar uma regra estabelecida para o debate, que consiste na proibição de interromper a fala do adversário.

JORNALISTA [10]: Candidato, Lula! Deixa o candidato, presidente, Jair Bolsonaro falar!

Blas Arroyo (2011) cita os estudos da pesquisadora francesa Kerbrat-Orecchioni (1992), a qual argumenta sobre as interrupções no discurso. A autora aponta que, embora as interrupções não sejam cooperativas, elas não são percebidas como ofensivas por quem as sofre, pois são legitimadas pela consciência do interlocutor sobre a quebra de algum princípio discursivo. No contexto do debate, as interrupções realizadas pelo moderador podem ser enquadradas nesse tipo de interrupção. Por um lado, é claro que ser interrompido pelo moderador não acarreta o mesmo impacto para o falante principal do que quando a interrupção é feita pelo adversário.

Por outro lado, as interrupções do moderador têm como objetivo restaurar as normas básicas do debate face a face, como a igualdade de tempo entre os participantes. Assim sendo, a intervenção do moderador no discurso dos candidatos é justificada pelo papel institucional que ele exerce e, conseqüentemente, não pode ser interpretada como uma afronta à imagem do político. Nesse contexto, o jornalista chama a atenção para a interrupção da fala do adversário, Lula, neste caso.

LULA [11]: Desculpa.

⁴⁷ Texto original: En este marco, parece inicialmente vedada la posibilidad de que el discurso del orador se vea interrumpido por las palabras del rival. Sin embargo, una revisión somera de los debates permite comprobar como esta práctica discursiva es más habitual de lo que cabría esperar. Y ello porque, junto al carácter público y formal del debate, este género es también, como hemos visto, un espacio para el conflicto y la disensión, y aquí, la interrupción se configura como una maniobra especialmente útil para desequilibrar al adversario.

O falante expressa suas desculpas por ter violado uma norma do debate e concede ao outro candidato a oportunidade de concluir sua fala. Segundo Spencer-Oatey (2002), as desculpas são geralmente consideradas atos de fala pós-evento, ou seja, são proferidas após a ocorrência de uma ofensa ou violação das normas sociais durante o discurso. Em outras palavras, as desculpas surgem quando os direitos sociais das pessoas foram infringidos de alguma maneira.

No caso mencionado, Lula demonstra estar ciente de sua transgressão de uma norma do debate e pede desculpas como forma de reparar e restabelecer os direitos de equidade (tais como o direito à consideração pessoal pelos outros e o direito a ser tratado de maneira justa) e de equilíbrio com seu adversário.

BOLSONARO [12]: Repito, nós compramos 500 milhões de doses de vacina, entregamos com a logística nossa para estados e municípios. O Brasil foi um exemplo para o mundo ao tocante à vacinação. Depois, menos de um mês depois da primeira dose aplicada no mundo, o Brasil começou a aplicar, e todas vacinas foram compradas pelo Governo Federal. Nos orgulhamos desse trabalho. Salvamos milhões de vidas. Se fosse com alguém no teu governo, alguém que não consola o nordeste, vocês tinham roubado tudo e teria morrido muita gente cuja mortes poderiam ter sido...

Blas Arroyo (2011) esclarece que a dinâmica do debate político transcende a formalidade e a estrutura estabelecida. Embora a repetição se destaque como um recurso comunicativo útil para facilitar o processamento da informação e manter a coesão discursiva, outros elementos comunicativos revelam o caráter profundamente dialógico desse contexto. Em um ambiente onde os turnos de fala são altamente respeitados e considerados intocáveis, é comum observar momentos de interação direta entre os candidatos. Estes momentos, inseridos em um formato formal e restrito, são caracterizados por interpelações diretas, aguardando reações do oponente, e podem até mesmo chegar ao ponto de invadir o espaço destinado à pessoa que detém a palavra. Nesse sentido, o interlocutor utiliza o termo “Repito” para retomar uma ideia anteriormente interrompida pelo adversário.

A seguir, o falante emprega ironia ao se referir ao partido do oponente, utilizando uma estratégia de impolidez *off-record* ao rotulá-los como ladrões. Ao adotar essa estratégia para sugerir algo, o falante faz uma acusação indireta ao oponente, insinuando seu envolvimento em desvios de dinheiro, em referência às acusações de corrupção no passado

que envolveram o presidente do PT e vários de seus membros durante as investigações da Lava Jato.

Nesse contexto, Bolsonaro busca se defender das críticas relacionadas à sua suposta negligência diante da pandemia, atrasos na vacinação e sua postura desrespeitosa em relação às pessoas com dificuldades respiratórias, revertendo a acusação ao seu adversário, ao rotulá-lo como corrupto. Dessa forma, ele associa o rival a aspectos negativos e o ridiculariza (usando uma estratégia negativa de impolidez) ao expressar desprezo pelo oponente.

Anteriormente, durante uma discussão sobre as pendências das reformas na BR 163, Bolsonaro muda de tema para abordar a morte de 59 policiais executados no estado de São Paulo. Além disso, ele questiona por que o governo do PT não transferiu Marcola, líder do PCC (Primeiro Comando da Capital) e narcotraficante, para um presídio de segurança máxima, isolado de outros detentos e do mundo todo.

BOLSONARO [13]: (0:22:58) Chega de mentira. Vamo passar para outro assunto aqui. Em 2006, 59 policiais foram executados aqui no Estado de São Paulo. E por que isso? Porque teriam que transferir o Marcola para um presídio de segurança máxima. Ele não podia mais ficar aqui comandando o crime. O seu governo não transferiu Marcola, pelo que tudo indica fez um acordo com Marcola e com seu Alckmin, que era governador de São Paulo, naquele tempo. Repito, 2006, 59 policiais assassinados em São Paulo. Teve que eu chegar em 2009, em 2019, juntamente com o ministro Sérgio Moro, para que nós, então, tirássemos o Marcola de presídio Estadual aqui em São Paulo, e mandasse para um presídio federal no regime todo especial sem qualquer comunicação com o mundo inteiro. Isso rapidamente começou a cair o número de mortes violentas em nosso país. Por que o senhor não transferiu o Marcola em 2006 já que tinha um pedido do MP Estadual fazer isso? Era simpatia, amizade, um grande acordo naquele momento juntamente com o seu vice, Geraldo Alckmin?

A estratégia predominante adotada por Bolsonaro é a de acusar o adversário de mentir. O candidato interrompe abruptamente o tópico que estava sendo debatido anteriormente com a ríspida ordem "Chega", sugerindo que o assunto foi exaustivamente debatido, sem que nenhum dos candidatos tenha apresentado propostas decentes, concentrando-se apenas em acusações mútuas (na minutagem 18:20:02-22:03:04).

Blas Arroyo (2011) destaca o uso do imperativo no plano gramatical, um modo verbal que, sem atenuação, pode ser empregado para restringir a liberdade de ação do interlocutor. Nesse contexto, o uso do imperativo emerge nos momentos mais tensos e acalorados do debate, quando o falante ordena o seu oponente a realizar (ou não realizar) certas ações, como em "Chega de mentira" ou "Vamos passar para outro assunto aqui". Ao empregar esse modo verbal, o interlocutor ganha poder no discurso diante do adversário ao mudar para um tema relacionado ao governo PT, com o intuito de provocar e desestabilizar a imagem do oponente.

Como destacado por Locher (2004), o poder e a impolidez estão intrinsecamente ligados por meio de conflitos e choques de interesses. Os candidatos têm a tendência de desacreditar um ao outro, tanto de forma implícita quanto explícita, buscando assim realçar pontos "positivos" de suas próprias imagens ao obterem mais poder do que o rival. Uma outra estratégia, que será discutida no parágrafo seguinte, envolve desacreditar e prejudicar a imagem do adversário ao forçá-lo a responder por uma ação desabonadora, resultando no exercício de poder do falante sobre o ouvinte.

Ao questionar o oponente sobre uma ação específica, como a decisão do governo do PT (especificamente do governador associado ao PT, Geraldo Alckmin), de não transferir um detento para um presídio de segurança máxima, o falante não busca uma resposta do ouvinte. Ele formula a pergunta para o adversário e, logo em seguida, responde a ela, configurando assim uma pergunta retórica. Conforme descrito por Blas Arroyo (2011), a "pergunta retórica" é considerada tradicionalmente falsa, pois sua intenção principal é afirmativa, não interrogativa. Em outras palavras, o interlocutor faz a pergunta ciente da resposta, buscando intimidar o adversário, sem esperar uma resposta direta por parte dele.

Em certas ocasiões, como será abordado no próximo excerto, a necessidade de uma resposta é imposta ao ouvinte na tentativa de amenizar os ataques à sua imagem pessoal ou à do partido político que ele representa, para que possa se defender das perguntas tendenciosas do oponente (Blas Arroyo, 2011, p. 355).

Após utilizar o verbo "repito" na primeira pessoa do singular, o falante busca intimidar seu ouvinte. Essa estratégia, que recorre à "intimidação" como prelúdio para ameaças verbais, enfatiza o discurso do falante ao reiterar um fato específico ("em 2006, 59 policiais foram assassinados em São Paulo"). O objetivo é influenciar o ouvinte para que este aborde o assunto quando for sua vez de falar.

Como observado anteriormente, conforme apontado por Blas Arroyo (2011), os candidatos buscam angariar poder destacando suas realizações positivas durante o governo e,

simultaneamente, denegrindo a imagem do partido adversário. Isso contrasta com a gestão de oposição, a qual, segundo o ex-militar, falhou em transferir Marcola para outra prisão. Além disso, Culpeper (2016) categoriza o ato de menosprezar e/ou diminuir a importância dos interesses, ações, valores e opiniões do ouvinte como impolidez positiva. Nesse sentido, o peso da imposição verbal de Bolsonaro aumenta ao buscar demonstrar que seu governo foi mais eficiente, ao afirmar que conseguiu conter o número de mortes violentas no país.

Bolsonaro retoma a questão sobre Marcola, questionando a administração de Lula e o motivo pelo qual o governador petista de São Paulo não transferiu o narcotraficante para outra prisão. Ao reiterar a pergunta, que representa uma ameaça à imagem do ouvinte, o falante busca garantir que seu interlocutor responda à pergunta e que o oponente não fuja da questão. Para Blas Arroyo (2011), o encerramento de um tópico por meio da repetição é quase sempre acompanhado por um destaque enfático. Ou seja, a repetição e a ênfase na pergunta têm, assim, uma dupla função: por um lado, encerram uma determinada sequência temática e, por outro lado, enfatizam sua importância na série argumentativa.

Neste trecho, o falante utiliza três estratégias combinadas ao ironizar que um presidente não tenha transferido um narcotraficante de presídio, insinuando que possa haver afinidade entre eles, realizando uma implicatura (impolidez *off-record*). O entendimento implícito aqui é que o ex-presidente Lula já esteve preso em um presídio. No entanto, é importante notar que o tipo de prisão para crimes políticos é distinto daquele para crimes comuns, como os relacionados ao tráfico de drogas. Portanto, ao combinar a impolidez positiva (prejudicando a face positiva, ou seja, o desejo de ser aprovado/apreciado) com a impolidez negativa (prejudicando a face negativa, ou seja, o desejo de liberdade de ação/ausência de restrições), o falante ataca a imagem do adversário, buscando ridicularizá-lo diante de uma grande audiência.

Segundo Blas Arroyo (2011), o sarcasmo não é apenas uma estratégia isolada, mas uma técnica retórica utilizada pelos falantes para expressar impolidez. Na prática, o sarcasmo pode servir como um meio para executar várias estratégias funcionais, tais como associar o interlocutor a eventos negativos, acusá-lo de incompetência, ridicularizá-lo, entre outras. O linguista espanhol argumenta que as perguntas desempenham no contexto do debate eleitoral um papel fundamental entre as estratégias empregadas pelos participantes para atacar a imagem do oponente, corrigi-lo, expressar desacordo, revelar informações prejudiciais aos seus interesses, destacar contradições ou, em casos extremos – não incomuns –, zombar dele (Blas Arroyo, 2011, p. 393).

Bolsonaro adota uma postura de deboche ao direcionar uma pergunta carregada de ironia ao interlocutor. Sua intenção é claramente zombar e menosprezar o ouvinte, evidenciando uma atitude hostil e provocativa. Embora Culpeper (2011) não explore detalhadamente o uso do sarcasmo e da ironia, ele cita um exemplo de Giora (2003) que esclarece que a ironia utiliza o significado literal básico como um ponto de comparação para avaliar e criticar uma situação. Em vez de expressar diretamente uma opinião ou pensamento, a ironia transmite uma ideia de frustração ou distanciamento em relação ao que está sendo mencionado. Muitas vezes, as palavras usadas na ironia fazem referência a uma situação desejada que o estado atual não atende. Assim, o significado pretendido é que a situação em questão não atende às expectativas mencionadas nas palavras usadas, destacando a diferença entre a realidade e o ideal.

Ao fazer uso da ironia, o ex-militar busca atacar a imagem do seu interlocutor, mostrando um comportamento intencionalmente agressivo e desrespeitoso. Sua abordagem não apenas denota uma postura de menosprezo, mas também visa a enfraquecer a imagem e a reputação do adversário, comprometendo sua credibilidade e colocando-o em uma posição desfavorável diante dos espectadores.

LULA [14]: O candidato sabe que quem cuida de crime organizado não sou eu. Quem tem relação com miliciano que que é organizado ele sabe que não sou eu, e sabe quem tem, sabe, inclusive, sabe da culpabilidade que foi o crime organizado que matou a Marielle no Rio de Janeiro. Eu se tivesse pedido para transferir, a gente transferia, porque fui eu que fiz prisão de segurança máxima, cinco prisão cin... Cinco prisão de segurança máxima foi feito no meu governo. E se algo que meu governador não quis transferir é porque ele tinha razão para não transferir, quem sabe a segurança dele tinha razão para transferir, sabe, mas o dado concreto é o seguinte, você tá falando com o cara que fez cinco presídio de segurança máxima desse país. Quantos você fez? Nenhum. Então eu acho que a mentira aqui não é minha. Mentira aqui é de um presidente, que não pode mentir porque o presidente tem que respeitar o cargo. Não é possível.

Neste excerto, Lula está se distanciando do posicionamento do adversário e se defendendo de acusações. Ele nega veementemente qualquer envolvimento com atividades criminosas, destacando que não é responsável por lidar com assuntos relacionados ao crime organizado. Ao mencionar "quem tem relação com miliciano", Lula sugere implicitamente

que seu adversário, e não ele próprio, tem ligações com grupos de milicianos (impolidez *off-record*; o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma intenção específica é claramente capaz de superar quaisquer outras).

Em seguida, Lula acrescenta um elemento emotivo e condenatório ao mencionar o assassinato de Marielle Franco – conhecida ativista e vereadora no Rio de Janeiro – implicando, indiretamente, o envolvimento do crime organizado nesse caso. Ao fazer essas declarações, Lula não está diretamente acusando seu oponente diretamente, mas está insinuando a possibilidade de que este tenha conexões ou conhecimento sobre eventos relacionados a atividades criminosas, lançando dúvidas ou insinuações sobre a conduta do outro candidato.

Quando o interlocutor acusa o rival de mentir sobre a segurança do Brasil, ao enfatizar a diferença entre os candidatos, há uma distinção clara entre o que o falante (Lula) destaca – o número de presídios de segurança máxima construídos durante seu governo – e o que o ouvinte (Bolsonaro e seu partido) não realizou, ou seja, não construíram nenhum. Ao acusar Bolsonaro de não ter realizado tal feito, Lula não apenas adota a primeira estratégia descrita por Blas Arroyo (2011) ao associar o interlocutor a elementos negativos, mas também combina essa abordagem com a segunda estratégia, que consiste em acusar o oponente de contar mentiras. Nesse sentido, o falante expõe o adversário diante de toda uma audiência, causando danos diretamente à sua face.

O autor espanhol argumenta que acusar alguém de mentir é uma ameaça grave em qualquer situação, especialmente se essa acusação for feita diante de uma audiência grande, que precisa decidir seu voto entre candidatos em um curto período. Considerando isso, ao utilizar duas estratégias de impolidez no discurso político, Lula expõe à audiência situações desfavoráveis nas quais o seu rival está envolvido. Ao mencionar um evento passado (a ausência de construção de prisões de segurança máxima), Lula destaca a incompetência e o fracasso de Bolsonaro por não ter feito nenhuma prisão em sua gestão.

O emprego destas duas estratégias é totalmente desfavorável para o oponente, pois ao desqualificar o candidato, o falante "vence" o discurso ao prejudicar o adversário, mantendo sua face positiva. Assim, como veremos no seguinte recorte, acusar alguém de mentir é uma das acusações que mais frequentemente exigem uma resposta do acusado, de acordo com o linguista espanhol.

BOLSONARO [15]: Senhor Lula, amizade com bandido... eu conheço o Rio de Janeiro, o senhor teve atualmente no Complexo do Salgueiro, não tinha nenhum

policial ao seu lado, só traficante. tanto é verdade a sua afinidade com traficantes, com bandidos, que nos presídios do Brasil, cada cinco votos, o senhor teve de quatro votos. E quando, de volta para o Marcola, o Marcola foi flagrado, teve ligação telefônica grampeada, e ele diz ali, chama o senhor de um palavrão, que eu não vou falar aqui, e disse que prefere o senhor do que a mim. Essa é a verdade: fazer presídio e deixar os amigos solto em outro presídio comandando o crime. Isso é um crime, senhor Lula.

Inicialmente, observamos que o excerto apresenta o uso de vocativo e um ataque direto ao adversário, marcado pelo discurso direcionado a "Senhor Lula", visando impactar de maneira pessoal na acusação subsequente. Ademais, percebemos que as sentenças elaboradas por Bolsonaro são concisas e repletas de acusações explícitas, destacando a suposta associação do interlocutor (Lula) com indivíduos criminosos, como traficantes e bandidos, com o intuito de criar uma imagem negativa e comprometedora para o oponente (impolidez negativa). Esta estratégia inclui menosprezar o outro, enfatizar seu poder relativo e ridicularizá-lo, desconsiderando sua seriedade.

Além disso, o candidato busca corroborar sua acusação ao fazer referência a um local específico no Rio de Janeiro (Complexo do Salgueiro) e mencionar a ausência de policiais ao lado de Lula, insinuando uma suposta ligação com traficantes (impolidez *off-record*). Tal estratégia implica na transmissão indireta da mensagem, com uma intenção específica se destacando mais do que outras.

Nesse contexto, o interlocutor busca reforçar sua acusação ao utilizar dados estatísticos para embasar seus argumentos. A menção à suposta votação nos presídios (quatro votos a favor de Lula em cada cinco votos) pretende respaldar a acusação de associação com criminosos, apresentando um respaldo numérico e quantitativo para sustentar a alegação. Entretanto, essa abordagem prejudica os desejos positivos da face do ouvinte, isto é, os anseios de ser bem-visto e aprovado pela audiência (impolidez positiva), ao provocar desconforto e utilizando de insensibilidade.

Em seguida, o interlocutor retoma o tópico da transferência de Marcola, dando origem a uma nova implicatura (impolidez *off-record*), combinada com impolidez negativa (ridicularização e deboche do oponente). Neste excerto, Bolsonaro busca estabelecer uma conexão entre o interlocutor (Lula) e o universo do crime, empregando estratégias linguísticas para impactar a audiência e moldar percepções negativas sobre o adversário. Ao debochar do oponente com a frase "fazer presídio e deixar os amigos soltos em outro presídio comandando

o crime”, o falante expressa desdém em relação ao ouvinte, insinuando um menosprezo explícito ao seu valor pessoal.

É interessante observar que Beebe (1995) citado por Culpeper (2008) argumenta que a impolidez instrumental desempenha duas funções principais em uma interação: a) obter poder e b) expressar sentimentos negativos. Nesse contexto, a primeira pode ser interpretada como o exercício de poder, enquanto a segunda refere-se à obtenção de controle numa conversa, por exemplo, manipulando o curso da interação (fazendo o interlocutor responder a uma pergunta).

A combinação de impolidez e perguntas no discurso político é significativa, pois a pergunta pode demandar uma resposta, desafiando e provocando o adversário. Ambas estão relacionadas ao poder, seja em interações em que os participantes buscam equilíbrio nas relações interpessoais, ou especialmente em contextos nos quais alguém procura exercer e manter o poder sobre os outros. Isso ocorre porque o discurso político, por natureza, envolve ações agressivas na interação verbal, como desafiar, reprovar, acusar, reivindicar, criticar, mostrando desacordo e expressando sentimentos negativos no ouvinte (Wang, 2006).

Essas estratégias evidenciam uma abordagem intencional para influenciar a dinâmica do debate político, ressaltando a dimensão política do discurso e a busca por vantagem estratégica por meio do exercício de poder através da impolidez. Ao longo deste excerto, notamos que as perguntas emergem como uma das principais táticas utilizadas pelos participantes para prejudicar a imagem do oponente. Isso pode ocorrer ao corrigi-lo, expressar desacordos, revelar informações prejudiciais, destacar contradições e, em alguns casos mais intensos, até mesmo zombar dele. Os resultados referentes a Lula e Bolsonaro constam do Quadro 4.

QUADRO 4 – ESTRATÉGIAS E MEGAESTRATÉGIAS DE IMPOLIDEZ (RESULTADOS)

ESTRATÉGIAS		LULA	BOLSONARO
BALD ON-RECORD	Fale de forma direta, clara, inequívoca e concisa	5	4
IMPOLIDEZ POSITIVA	<ol style="list-style-type: none"> 1) Ignore o outro 2) Seja desinteressado 3) Distancie-se do outro 4) Uso de marcadores de identidade inadequados. 5) Chame o outro por nome completo ou pelo vocativo formal (no caso de proximidade entre os interlocutores) 6) Uso de palavras tabu (xingar o outro com insultos fortes e depreciativos) 7) Faça piadas para fazer com que o outro se sinta desconfortável 	3	7
IMPOLIDEZ NEGATIVA	<ol style="list-style-type: none"> 1) Cause medo ou desprezo em alguém 2) Ridicularize e menospreze o outro 3) Enfatize seu poder relativo 4) Não trate o outro com seriedade 5) Invada o espaço do outro 6) Associe o outro a aspectos negativos 7) Virole a estrutura da conversa: interrompa o outro 8) Marque distância entre “eu” e “você” 	7	14
OFF-RECORD	Uso de implicaturas, linguagem obscura e indireta para ofender o outro	1	8
SARCASMO	Transmissão de uma mensagem oposta ou diferente daquela que está sendo explicitamente dita, frequentemente com o objetivo de zombar ou ridicularizar.	1	5
POLIDEZ DISSIMULADA (MOCK POLITENESS)	Uso de estratégias de polidez de maneira claramente insincera, muitas vezes para expressar impolidez ou sarcasmo, criando uma aparente cortesia que, na realidade, é falsa ou irônica	0	2
OMISSÃO DE POLIDEZ (WITHHOLD POLITENESS)	Ausência de comportamentos ou expressões de polidez quando esses seriam esperados. É a omissão deliberada de ações ou palavras educadas em situações em que seria socialmente apropriado expressar polidez.	0	0
TOTAL		17	40

FONTE: A autora (2024), com conceitos de Culpeper (2011, 2016).

Após análise das incidências das estratégias de impolidez de Culpeper, combinadas com as estratégias de impolidez de Blas Arroyo, presentes no discurso político do nosso *corpus*, apresentado neste capítulo, os resultados se destacam da seguinte maneira: em relação aos casos de impolidez *bald on-record*, observamos que Lula recorreu a essa estratégia apenas 5 vezes, enquanto Bolsonaro a empregou em 4 ocasiões. A impolidez positiva foi adotada por Lula em 3 situações, ao passo que Bolsonaro a utilizou 7 vezes.

No que diz respeito à impolidez negativa, Lula a empregou em 7 momentos, enquanto Bolsonaro a aplicou em 14 ocasiões. A estratégia *off-record* foi utilizada por Lula uma vez, enquanto Bolsonaro a empregou em 8 ocasiões. Quanto ao sarcasmo, observamos que Lula o utilizou uma vez, enquanto Bolsonaro o empregou em 5 situações. Em relação à polidez dissimulada (*mock politeness*), não encontramos registros de Lula utilizando essa estratégia, porém Bolsonaro a empregou em 2 situações. Por fim, no que se refere à omissão de polidez (*withhold politeness*), não identificamos nenhum registro dessa estratégia sendo usada por nenhum dos dois candidatos em nossos dados.

Os resultados da nossa análise demonstram que Bolsonaro utilizou com maior frequência as estratégias de impolidez positiva, impolidez negativa, impolidez *off-record*, sarcasmo e polidez dissimulada em seus discursos, especialmente para confrontar seu oponente. Por outro lado, Lula demonstrou uma incidência mais alta no uso da impolidez *bald on-record*.

A impolidez negativa foi a estratégia mais prevalente entre ambos os candidatos, seguida pela impolidez *off-record*, que foi mais comum apenas nas falas de Bolsonaro. A impolidez positiva também foi empregada significativamente por ambos, com Bolsonaro utilizando-a em 7 ocasiões em comparação com as 3 vezes de Lula.

Para facilitar a coleta de dados, as estratégias de Blas Arroyo (2011) foram integradas com aquelas de Culpeper (2011, 2016). Assim, as cinco estratégias propostas pelo autor espanhol foram consideradas como subestratégias, organizadas da seguinte forma: associar o interlocutor a valores negativos (impolidez negativa), acusar o outro de mentir (impolidez negativa), adotar uma postura depreciativa em relação ao outro (impolidez negativa), formular contrastes que desfavoreçam o interlocutor (impolidez negativa) e apontar contradições no discurso do interlocutor (impolidez negativa).

Ao longo do debate, evidenciamos que os candidatos se expuseram, apresentaram argumentos, criticaram-se mutuamente, ironizaram situações envolvendo o oponente e, sobretudo, adotaram uma postura agressiva. Essa conduta é característica desse tipo de

evento, em que os participantes tendem a prejudicar a imagem uns dos outros, levando a conflitos verbais durante as interações.

Adicionalmente, ao longo do debate, identificamos dois princípios fundamentais entre os contendores: por um lado, houve discordância entre os políticos, enquanto, por outro lado, eles buscaram complementar essa agressividade verbal promovendo uma imagem positiva. Essa promoção incluiu o destaque de conquistas passadas e elogios aos princípios que defendem, bem como às suas próprias personalidades, iniciando pelos candidatos, destacando seus feitos positivos.

Nesse contexto, o debate face a face emerge como um embate de persuasão entre adversários, no qual a promoção da própria imagem e interesses está intimamente ligada à desacreditação do oponente. Os dados confirmam a hipótese inicial de que Bolsonaro adotou mais estratégias de impolidez em seu discurso em comparação com Lula, revelando-se mais agressivo e assertivo.

Celso Castro, um antropólogo brasileiro de renome, é reconhecido por suas contribuições ao campo da antropologia, especialmente em estudos relacionados ao meio militar. Em uma entrevista concedida à revista *Pública* (Viana; Amado, 2024), ele discute sua pesquisa na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), onde investigou a formação da identidade militar e a distinção entre os contextos militar e civil. Seu livro "Espírito militar", lançado em 1988, é amplamente considerado uma obra significativa, explorando as dinâmicas sociais e culturais presentes nas instituições militares brasileiras.

As pesquisas de Castro fornecem dados importantes sobre como a formação militar influencia as percepções e comportamentos individuais, além de suas interações com a sociedade civil. Ele enfatiza a distinção entre os contextos militar e civil, destacando como os militares se identificam principalmente com o primeiro, o que pode moldar suas atitudes em relação aos civis (Viana; Amado, 2024). Além disso, o alto grau de endogenia na Aman e a emergência de uma geração de militares na política corroboram a ideia de que Bolsonaro, como ex-militar, pode ter internalizado essas distinções, possivelmente influenciando sua linguagem e atitudes, conforme sugerido pela hipótese deste estudo.

Blas Arroyo (2011) ressalta que o ataque é uma ferramenta crucial para os candidatos em debates, pois não apenas permite prejudicar a imagem do oponente, mas também o obriga a adotar uma postura defensiva. Embora a habilidade dos políticos resida na capacidade de contornar essas manobras, respondendo apenas aos ataques mais significativos, silenciando outros e destacando a falta de propostas do adversário, a agressividade verbal tende a gerar mais hostilidade.

No entanto, Lula optou por retaliar a agressividade, utilizando uma estratégia mais direta para rebater os comentários negativos do oponente. Ao empregar a estratégia *bald on-record*, ele expôs claramente sua posição em relação às atitudes do oponente, sem rodeios, confrontando-o com fatos negativos, adotando uma postura mais séria e com menor incidência de sarcasmo em sua fala.

Observou-se que, no calor do debate político, é comum que os candidatos recorram não apenas à polidez/impolidez, mas também à desqualificação do oponente como uma estratégia para ganhar vantagem. Isso pode incluir desde ataques diretos à reputação do adversário até a utilização de ironia e sarcasmo para ridicularizá-lo. Portanto, o uso eficaz das estratégias de impolidez, combinadas com técnicas retóricas persuasivas, pode moldar significativamente a percepção do público em relação aos candidatos e influenciar o resultado das eleições.

Ao considerar a interação entre as estratégias de impolidez, retórica e a dinâmica do debate político, torna-se evidente que a forma como os candidatos se comunicam não apenas reflete suas próprias estratégias e personalidades, mas também é moldada pelo contexto político e pelas expectativas da audiência. Em última análise, o sucesso ou fracasso de um candidato em um debate eleitoral pode depender não apenas de suas propostas e argumentos, mas também de sua habilidade em gerenciar a interação verbal e persuadir o público.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, exploramos como o uso da impolidez e de palavras ofensivas no discurso político podem aumentar a defensividade entre os participantes, seja de maneira direta ou indireta. Pudemos ver por meio deste estudo que essa dinâmica está sempre relacionada ao contexto em que ocorre. Em contraste com os modelos clássicos de polidez, notadamente de Brown e Levinson (1978/1987), que desconsideram o uso de estratégias específicas em contextos sociais particulares, focalizando exclusivamente no falante e desconsiderando as variações culturais, a abordagem culpeperiana, fundamentada empiricamente, se apresenta como uma alternativa enriquecedora.

Culpeper (2011, 2016) propõe um modelo que integra holisticamente o contexto à definição de convencionalização e à própria noção de incompatibilidade. Essa abordagem diverge dos paradigmas clássicos, pois reconhece o contexto como componente intrínseco das estratégias, desempenhando um papel crucial na determinação dos significados e funções dos enunciados. Em vista disso, a consideração do contexto como parte integrante das estratégias representa um avanço significativo na compreensão da impolidez.

No âmbito do debate político, reconhecemos sua natureza como uma peça fundamental para a manifestação de poder e tomada de decisões na sociedade. Nesse contexto, tanto o conflito quanto a persuasão emergem como meios estratégicos para os candidatos atingirem seus objetivos no debate, procurando convencer os eleitores a votarem neles e a desacreditarem o adversário. Destacamos, assim, dois fatores preponderantes no gênero: a defesa das próprias ideias e o combate às ideias alheias, elementos que permeiam a dinâmica do discurso político e que, por sua vez, refletem a complexidade das interações estratégicas presentes nesse cenário.

No que concerne aos resultados da pesquisa, confirmamos a hipótese inicial de que Bolsonaro adota uma postura mais impolida e grosseira no primeiro bloco do debate analisado. Evidenciamos que cada candidato incorpora diferentes aspectos em seu discurso, influenciados por suas trajetórias políticas e além delas. Ambos se expressam de maneiras diversas, revelando-se agressivos e determinados a prevalecer sobre o outro. Bolsonaro, com sua formação militar, adota uma postura dominante e linguagem similares às usadas em um ambiente de base militar, como um quartel. Enquanto Lula, com sua experiência como metalúrgico e líder sindical, se destaca por sua forma direta de se expressar, que pode ser atribuída à sua trajetória de representação dos trabalhadores, buscando uma abordagem mais séria para se conectar com o público, transmitindo confiança e autenticidade. Essa escolha

linguística também pode ser estratégica para destacar temas importantes e conquistar a confiança de diferentes segmentos da sociedade.

De acordo com as análises de Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016), a eficácia de comentários intencionalmente impolidos pode variar conforme o contexto. Ambientes como o militar podem ser mais tolerantes a esse tipo de comportamento, dada a natureza peculiar desse cenário. Notavelmente, Bolsonaro emprega estratégias *off-record* com maior frequência, deixando para a audiência e o ouvinte interpretarem as evidências fornecidas, estratégia que lhe permite se esquivar das responsabilidades decorrentes do uso controverso de sua retórica. Essa observação revela não apenas as diferenças nas estratégias adotadas pelos candidatos, mas também a complexidade na interpretação e repercussão dessas estratégias em contextos específicos.

Esta dissertação buscou explorar a aplicação da Impolidez de Culpeper (2011), aliada à impolidez no discurso político de Blas Arroyo (2011). Embora tenha sido identificada uma prevalência notável das estratégias de impolidez negativa ao longo da análise, observaram-se também sobreposições e a emergência de outras estratégias, destacando a complexidade desse fenômeno no cenário político.

À medida que avançamos nesta investigação, torna-se evidente a necessidade de um aprofundamento e ampliação do corpus de estudos sobre impolidez no discurso político. O número limitado de pesquisas publicadas nessa área ressalta a lacuna existente e indica uma oportunidade valiosa para pesquisas futuras. Compreender de forma mais abrangente como as estratégias de impolidez se manifestam e evoluem ao longo do tempo e em diferentes contextos políticos é crucial para uma compreensão mais completa das dinâmicas discursivas nesse campo.

Concluimos, portanto, que esta dissertação oferece uma contribuição inicial para a compreensão das estratégias de impolidez no discurso político, lançando luz sobre um fenômeno complexo que merece atenção mais aprofundada. As descobertas aqui apresentadas não apenas ampliam nosso entendimento sobre as ferramentas retóricas utilizadas por políticos, mas também abrem caminho para investigações mais extensas e aprimoradas que poderão moldar futuras discussões acadêmicas nessa área de estudos.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. Tropic aggression in the Clinton-Dole presidential debate. **Pragmatics**, v. 7, n. 4, p. 461–497, jan. 1997.
- ANDERSEN, G; AIJMER, K. (eds.) **Pragmatics of Society**. Boston: De Gruyter Mouton, 2012.
- ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Vega, 1998
- AUSTIN, J. L. **How to Do Things With Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BEEBE, L. M. **Polite Fictions: Instrumental Rudeness as Pragmatics Competence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.
- BLAS ARROYO, J. L. **Políticos en conflicto: una aproximación pragmático-discursiva al debate electoral cara a cara**. Berlin: Peter Lang, 2011.
- BOUSFIELD, D. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOUSFIELD, D. (Ed.). **Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 17–44.
- BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (Eds.). **Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978]. 364 p.
- CHILTON, P. A.; SCHÄFFNER, C. (eds). **Politics as Text and Talk: Analytic Approaches to Political Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- COLE, P.; MORGAN, J.L. (eds.). **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, p. 349–367, 1996.
- CULPEPER, J. Impoliteness and entertainment in the television quiz show "The Weakest Link". **Journal of Politeness Research**, v. 1, p. 35–72, 2005.
- CULPEPER, J. (Ed.). **Impoliteness: Using language to cause offence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J. 13. Politeness and impoliteness. In: ANDERSEN, G; AIJMER, K. (eds.) **Pragmatics of Society**. Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 393-438. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110214420.393>. Acesso em: 14 maio 2024.

CULPEPER, J. Impoliteness strategies. In: CAPONE, A., MEY, J. (eds) **Interdisciplinary Studies in Pragmatics, Culture and Society. Perspectives in Pragmatics, Philosophy & Psychology**, vol 4. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-12616-6_16

CULPEPER, J. IPrA 2019 – Plenary Lecture by Prof. Jonathan Culpeper (14 Jun) – **ENGL PolyU**, 2019. 1 vídeo (44 min, 14 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m1s2r7HEmM4>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DOLZ, J.; SCHNEWLY, B. **Pour un enseignement de l'oral**. Initiation aux genres formels a l'école. Paris: ESF, 1998.

EELLEN, G. **A Crítica das Teorias da Polidez**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

ESCANDELL VIDAL, M. V. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel, 1996.

FERNÁNDEZ GARCÍA, F. **Estrategas del Diálogo**: La Interacción Comunicativa en el Discurso Político-Electoral. Granada: Método Ediciones, 2000.

GARCÍA-PASTOR, M. D. Political campaign debates as zero-sum games: Impoliteness and power in candidates' exchanges. In: BOUSFIELD, D. E.; LOCHER, M. A. (eds) **Impoliteness in language**: Studies on its interplay with power in theory and practice. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 110-123.

GIORA, R. **On Our Mind**: Salience, Context, and Figurative Language. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GOFFMAN, E. Embarrassment and Social Organization. **American Journal of Sociology**, v. 62, n. 3, p. 264–271, 1956.

GOFFMAN, E. **Interactional Ritual**: Essays on Face-to-face Behavior. New York: Doubleday Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. **Rituais de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRICE, H.P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (eds.). **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975.

GUMPERZ, J. **Estratégias discursivas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAUGH, M. Impoliteness and taking offence in initial interactions. **Journal of Pragmatics**, 86, p. 36-42, set. 2015.

HAUSENDORF, H.; BORA, A. (eds.). **Analysing Citizenship Talk**: Social positioning in political and legal decision-making processes. Discourse Approaches to Politics, Society and Culture, 19. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

HORN, L. R. Toward a new taxonomy for pragmatic inference: Q-based and R-based implicature. In: SCHIFFRIN, D. (Org.). **Meaning, Form, and Use in Context**: Linguistic Applications (GURT '84). Washington, DC: Georgetown University Press, 1984. p. 11–42.

HORNBY, N. **High Fidelity**. London: Penguin Books, 1995.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JAWORSKI, A.; GALSINSKI, D. Unilateral norm breaking in a presidential debate: Lech Walesa versus Aleksander Kwasniewski. **Research on Language and Social Interaction**, v. 33, n. 3, p. 321–345, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**, Vol. II. Paris: Armand Colin, 1992.

LAGUNILLA, M. F. **La Lengua en la Comunicación política II: la palabra del poder**. Madrid: Arco Libros, 1999.

LAKOFF, R. **Language and woman's place**. Nova York: Harper & Row, 1973.

LAKOFF, R. The logic of politeness: or minding your p's and q's. **Papers from the ninth regional meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEECH, G. N. Towards an anatomy of politeness in communication. **International Journal of Pragmatics**, v. 14, p. 101–123, 2003.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEVINSON, S. C. Presumptive Meanings: The theory of generalized conversational implicature. **Computational Linguistics**, v. 27, n. 3, 2000.

LEVINSON, S. C. Contextualizing “contextualization cues”. In: EERDMANS, S.; PREVIGNANO, C. L.; THIBAUT, P. J. (eds.) **Language and Interaction: Discussions with John J. Gumperz**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 31–39.

LOCHER, M. A. **Power and Politeness in Action: Disagreements in Oral Communication**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.

RONDINA, C.; WORKMAN, D. **Rudeness: Deal with it if you please**. Turtleback Books, 2005.

SANTOS, S. L. **A interpretação de piadas sob a perspectiva da Teoria da Relevância**. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SANTOS, S. L. **O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática**. 1ª ed. Ponta Grossa: Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014. 211p.

SBISÀ, M. Communicating citizenship in verbal interaction. In: HAUSENDORF, H.; BORA, A. (eds.). **Analysing Citizenship Talk: Social positioning in political and legal decision-**

making processes. *Discourse Approaches to Politics, Society and Culture*, 19, Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 151–180.

SCHÄFFNER, C. (ed.). **Analysing Political Speeches**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

SCHÄFFNER, C. Editorial: Political speeches and discourse analysis. In: SCHÄFFNER, C. (ed.). **Analysing Political Speeches**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997. p. 1–4.

SEARLE, J. R. **Speech Acts**. An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SPENCER-OATEY, H. D. M. Managing rapport in talk: Using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. **Journal of Pragmatics**, v. 34, n. 5, p. 529–545, 2002.

SPENCER-OATEY, H. D. M. (Im)Politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships. **Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture**, v. 1, n. 1, p. 95–119, 2005.

SPENCER-OATEY, H. D. M. Theories of identity and the analysis of face. **Journal of Pragmatics**, v. 39, n. 4, p. 639–656, 2007.

SPENCER-OATEY, H. D. M. **Culturally Speaking: Managing Rapport through Talk across Cultures**. 2^a ed. London/New York: Continuum, 2008.

TERKOURAFI, M. **Politeness in Cypriot Greek: A frame-based approach**. 2001. 273 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Cambridge, Cambridge, 2001.

TERKOURAFI, M. Politeness and formulaicity: Evidence from Cypriot Greek. **Journal of Greek Linguistics**, v. 3, p. 179–201, 2002.

TERKOURAFI, M. Beyond the micro-level in politeness research. **Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture**, v. 1, n. 2, p. 237–262, 2005.

TERKOURAFI, M. Identity and Semantic Change: Aspects of T/V Usage in Cyprus. **Journal of Historical Pragmatics**, v. 6, n. 2, p. 283–306, 2005.

TERKOURAFI, M. Pragmatic correlates of frequency of use: The case for a notion of ‘minimal context’. In: **Reviewing Linguistic Thought: Converging Trends for the 21st Century**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 209–233.

UOL. Election 2022 Brazil: Lula and Bolsonaro on TV presidential debate | Live (16/10/2022) – UOL, 2022. 1 vídeo (2 h, 43 min, 48 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8MDudqmtaWI>. Acesso em: 27 mar. 2024.

VAN DIJK, T. A. Discourse as interaction in society. In: VAN DIJK, T. A. (Org.). **Discurso como interação social**. Vol. 2. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997. p. 1–37.

VAN DIJK, T.A. What is Political Discourse Analysis? In: BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (eds.). **Political Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 11–52.

VAN DIJK, T. A. Parliamentary debates. In: WODAK, R.; VAN DIJK, T. (eds.). **Racism at the Top**. Parliamentary Discourses on Ethnic Issues in Six European States. Klagenfurt, Austria: Drava Verlag, 2000. p. 45–78.

VAN DIJK, T. A. La retórica belicista de un aliado menor. Implicaturas políticas y la legitimación de la guerra contra Irak por Aznar. **Oralia**, v. 7, p. 195–225, 2004.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. **Strategies of Discourse Comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VIANA, N.; AMADO, G. Militares vivem em mundo fechado que acreditam ser melhor que o de civis, diz pesquisador. **Pública**, 6 abr. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/04/militares-vivem-em-mundo-fechado-que-acreditam-ser-melhor-que-o-de-civis-diz-pesquisador/>. Acesso em: 14 maio 2024.

WANG, J. Questions and the exercise of power. **Discourse & Society**, v. 17, p. 529–548, 2006.

WATTS, R. J. Linguistic politeness and politic verbal behaviour: Reconsidering claims for universality. In: WATTS, R.; IDE, S.; EHLICH, K. (Eds.). **Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 43–69.

WATTS, R. J.; IDE, S.; EHLICH, K. (Eds.). **Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice**. 2^a ed. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992.

WATTS, R. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILSON, J. **Politically Speaking: The Pragmatic Analysis of Political Language**. Oxford: Blackwell, 1990.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Oxford: Blackwell, 1958.

WODAK, R.; VAN DIJK, T. (eds.). **Racism at the Top**. Parliamentary Discourses on Ethnic Issues in Six European States. Klagenfurt, Austria: Drava Verlag, 2000.